



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM LETRAS-ESTUDOS  
LITERÁRIOS

**NATÁLIA FRANCISCA DE MATOS RODRIGUES**

**RELATOS E CONFISSÕES *EM MINHA VIDA DE MENINA,*  
DE HELENA MORLEY**

Porto Nacional/TO

2024

Natália Francisca de Matos Rodrigues

**Relatos e confissões em *Minha vida de menina*,  
de Helena Morley**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito à obtenção do grau de Mestre (a) em Estudos Literários.

Orientador (a): Dra. Professora Olívia Aparecida Silva

Porto Nacional/TO

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- R696r Rodrigues, Natália Francisca de Matos.  
Relatos e Confissões em Minha Vida de Menina, de Helena Morley. /  
Natália Francisca de Matos Rodrigues. – Porto Nacional, TO, 2024.  
112 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins  
– Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação  
(Mestrado) em Letras, 2024.  
Orientadora : Olívia Aparecida Silva
1. Diário. 2. Memória. 3. Mulheres. 4. Escrita de autoria feminina. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**


**Natália Francisca de Matos Rodrigues**

**Relatos e Confissões em *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Foi avaliado para a obtenção do título de Mestre (a) em Estudos Literários e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.


Data de aprovação: 30 / 04 / 2024

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente  
 **OLÍVIA APARECIDA SILVA**  
Data: 03/06/2024 11:33:55-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

**Prof. Dra. Olívia Aparecida Silva, UFT**

Documento assinado digitalmente  
 **RADAMES VIEIRA NUNES**  
Data: 03/06/2024 14:38:36-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Radamés Vieira Nunes, UFCAT**

Documento assinado digitalmente  
 **MARIA DA GLÓRIA DE CASTRO AZEVEDO**  
Data: 03/06/2024 17:04:28-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dra. Maria Glória Castro Azevedo, UFT**

Dedico esta pesquisa à minha mãe, Sra. Maria Matos, exemplo de força e determinação. A ela, que me ensinou a sonhar e a ser perseverante nos meus objetivos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de ser aprovada no Mestrado e por me conceder sabedoria e discernimento ao longo do curso.

Expresso minha profunda gratidão à minha orientadora, a Professora Dra. Olívia Aparecida Silva, pela dedicação incansável e paciência demonstrada ao me guiar no desenvolvimento da dissertação. Além disso, gostaria de estender meus agradecimentos aos demais professores das disciplinas do Mestrado em Estudos Literários pelos valiosos aprendizados que contribuíram significativamente para o meu crescimento acadêmico.

À minha família, que sempre me apoia em todos os meus projetos, especialmente aos meus filhos Daniel e João Miguel, que, apesar de muito pequenos, permitiam-me estudar todos os dias, mesmo quando queriam brincar comigo.

Agradeço à minha mãe, Maria Matos, exemplo de mulher forte e determinada, e à minha irmã, Mônica Matos, por me incentivar e ser meu suporte com meus filhos.

Aos meus amigos, pelo incentivo e motivação contínuos, em especial a Danilo de Andrade Santana.

E a todos que contribuíram para que eu pudesse concluir o curso, meu sincero agradecimento.

*Como só de escrever eu nunca tenho preguiça,  
venho aqui contar a história do tempo antigo,  
para o futuro, como diz meu pai. Quem sabe lá  
se no tal futuro não haverá ainda mais  
novidades que hoje?  
(Helena Morley)*

## RESUMO

A pesquisa discute a obra *Minha Vida de menina*, de Helena Morley, narrativa memorialística, do gênero diário, publicado no Brasil, em 1942. Para tanto, realiza-se uma reflexão sobre o gênero, articulando a narrativa confessional às experiências cotidianas de uma adolescente e sua família, bem como os espaços por ela frequentados. São eles: a casa, a igreja, as ruas e alguns lugares da pequena cidade de Diamantina, em Minas Gerais, no séc. XIX; os aspectos culturais: a religiosidade e as crenças populares, a condição social das mulheres no período, os espaços ocupados por elas na sociedade e a presença do patriarcalismo vigente. Entre outras reflexões, serão identificados os comentários sobre a vida dos negros, após a escravidão. A pesquisa ressalta a importância do diário enquanto uma das primeiras conquistas femininas, sendo espaço de voz e de liberdade. Observa-se o quanto a narradora, ainda adolescente, apresenta um olhar sensível e crítico em relação à sociedade vigente. Tal perspectiva é observada a partir de seus comentários sobre a família, os costumes e os problemas relativos à Diamantina. Assim, a discussão versará reflexões sobre a Memória, a História e a Literatura, pontuando a importância das produções de autoria feminina a partir da obra citada.

**Palavras-chave:** Diário. Memória. Mulheres. Escrita de autoria feminina.



## ABSTRACT

The research discusses the work *Minha Vida de Menina* by Helena Morley, a memoir narrative in the form of a diary, published in Brazil in 1942. To do so, it reflects on the genre, linking the confessional narrative to the everyday experiences of a teenage girl and her family, as well as the spaces they frequented. These spaces include: the home, the church, the streets, and some places in the small town of Diamantina, in Minas Gerais, in the 19th century; cultural aspects such as religiosity and popular beliefs, the social condition of women at the time, the spaces occupied by them in society, and the presence of prevailing patriarchy. Among other reflections, comments on the lives of black people after slavery will be identified. The research highlights the importance of the diary as one of the early achievements of women, being a space for voice and freedom. It is observed how the narrator, still a teenager, presents a sensitive and critical view of society. This perspective is observed through her comments on family, customs, and issues related to Diamantina. Thus, the discussion will focus on reflections on Memory, History, and Literature, emphasizing the importance of female-authored works based on the cited work.

**Keywords:** Diary. Memory. Women. Female-authored writing.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 O DIÁRIO É UMA ESCRITA DE SI PARA SI?</b> .....	25
<b>2.1 A escrita do gênero diário</b> .....	26
<b>2.2 A nova performance do diário na contemporaneidade</b> .....	36
<b>2.3. A diferença entre diário e autobiografia</b> .....	37
<b>2.4 A escrita e a memória de vida: por que escrevemos? Para quem escrevemos?</b> .....	41
<b>3 A ESCRITA EM FORMA DE DIÁRIO PUBLICADAS NO BRASIL: UM PERCURSO</b> .....	50
<b>3.1 A escrita em forma de diário de autoria feminina: uma questão de gênero</b> .....	53
<b>3.2 Literatura, memória e a história</b> .....	61
<b>3.3 A escrita e sua temporalidade: o passado no presente da escrita</b> .....	70
<b>4 MINHA VIDA DE MENINA, DE HELENA MORLEY: “A APREENSÃO DE UM MUNDO FECHADO”</b> .....	80
<b>4.1 Helena Morley: “Vou fazer catorze anos e já raciocino mais que todos da família”</b> .. .....	81
<b>4.2 A religiosidade, crenças e superstições no diário <i>Minha Vida de Menina</i></b> .....	93
<b>4.3 O olhar de uma garota sobre o preconceito racial e o papel social das mulheres no final do século XIX</b> .....	97
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	108
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	110

## 1 INTRODUÇÃO

*Hoje foi nosso bom dia da semana.*

*Nas quintas-feiras mamãe nos acorda de madrugada, para arrumarmos a casa e irmos cedo para o Beco do Moinho. A gente desce pelo beco, que é muito estreito, e sai logo na ponte. É o melhor recanto de Diamantina e está sempre deserto.*

Helena Morley, Quinta-feira, 5 de janeiro, 1893.

Assim inicia o diário *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley, uma narrativa leve, de linguagem simples voltada para narrar acontecimentos do dia a dia. É uma obra escrita no final do século XIX, entre os anos de 1893 e 1895, por uma garota que no início da narrativa contava com apenas treze anos. No entanto, foi publicada em 1942, ou seja, 47 anos depois de escrita. A narrativa apresenta-nos um mundo de reminiscências mineiras com questionamentos que ainda são pertinentes na sociedade atual. Este texto será objeto da presente pesquisa e sobre o qual pretende-se realizar uma reflexão acerca do gênero diário, articulando a narrativa confessional às experiências cotidianas de uma adolescente e sua família, bem como os espaços por ela frequentados, estabelecendo uma relação entre a Literatura, a História e a Memória.

Marcada por controvérsias, a obra *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley e/ou Alice Dayrell Caldeira Brant (nome de registro da autora), traz algumas interrogações em relação à elaboração textual, apresentadas por alguns críticos, tais como: os escritos foram compostos por Helena Morley no período determinado, de acordo com as datas e os anos, conforme consta na obra publicada; a escrita foi elaborada pela autora na sua fase adulta, portanto uma encenação literária (versão do crítico Alexandre Eulálio, posteriormente alterada, afirmando acreditar na primeira alternativa); e a última, os seus escritos originais sofreram apenas algumas alterações relativas aos nomes de pessoas que ainda estavam vivas, como uma forma de preservar as identidades, para não causar constrangimentos, e realizadas algumas revisões para publicação (Schwarz, 1997, p. 45-46). Talvez essas correções expliquem a linguagem sem os rebuscamentos próprios da época.

As possibilidades apontadas existiram devido à ausência dos manuscritos originais e por comentários de familiares que, se verdadeiros ou falsos, nunca foram passíveis de comprovação. Ao ser traduzido para o inglês pela poetisa americana Elizabeth Bishop (1958), não foi viabilizado a ela o contato com os manuscritos; da mesma forma, a crítica, pesquisadora e tradutora Marlyse Meyer (1960), quando a traduziu para o francês; e os italianos Giuseppe Valdamia e Giovanna Visentin (1963) a traduziram para o italiano, também, estranhamente, nunca tiveram acesso aos manuscritos.

Durante a comemoração do centenário, alguns murmurinhos foram ditos: "os originais haviam sido queimados, e aliás nunca existiram - pois a obra na verdade seria o rearranjo de um anedotário familiar -, além de estarem a salvo, guardados num baú" (Schwarz, 1997, p. 46). Com dúvidas ou não, o certo é que a obra foi lida e comentada por autores como Carlos Drummond de Andrade, que dedicou uma crônica quando do seu centenário, e Guimarães Rosa ao se referir à possibilidade de o processo de criação ter sido realizado pela autora na fase adulta. Ele acredita que caso seja crível, mais extraordinário seria, "pois, que soubesse, não existia em nenhuma outra literatura mais pujante exemplo de tão literal reconstrução da infância" (Schwarz, 1997, p. 45-6). Muitos outros foram os modernistas que apontaram a grandeza da obra.

Dessa forma, se os manuscritos existem, estão escondidos a sete chaves. Mas quem foi Helena Morley/Alice Dayrell Caldeira Brant? Quando garota, era ruiva, descendente de ingleses e de portugueses, cujos pais não possuíam posses, mas sua avó gozava de uma condição social estável. Segundo a narrativa, durante a infância, foi incentivada a ler e a escrever por seu pai. Começou a produzir suas histórias na adolescência, quando entrou para a Escola Normal. Em seus manuscritos, constam as suas peripécias, seus sonhos, suas frustrações, comenta costumes da época, faz reflexões sobre seu cotidiano e, principalmente, mostra-se questionadora. Nasceu em 28 de agosto de 1880, em Diamantina, Minas Gerais, foi professora e casou-se com seu primo Augusto Mário Caldeira Brant, jornalista, tornando-se depois deputado. Com ele teve seis filhos. Foi incentivada pelo marido a publicar seus textos, que se configuraram como diário. Publicado pela primeira vez, em 1942, sob o pseudônimo de Helena Morley, sobrenome da avó materna. Tornou-se patrona da Academia Feminina Mineira de Letras, ocupou a cadeira de número treze. Ela faleceu em junho de 1970, com 90 anos, no Rio de Janeiro.

Após realizadas as considerações sobre as particularidades que envolvem a obra e sobre a autora, dedicaremos a reflexões voltadas para o texto em si. O livro, inicialmente, traz uma nota da narradora na qual apresenta quando lhe veio a ideia de transformar seus cadernos em um livro. É interessante ressaltar que nela há a preocupação da autora quanto aos prováveis leitores, principalmente, as suas netas.

Não sei se poderá interessar ao leitor de hoje a vida corrente de uma cidade do interior, no fim do século passado, através das impressões de uma menina, de uma cidade sem luz elétrica, água canalizada, telefone, nem mesmo padaria, quando se vivia contente com pouco, sem as preocupações de hoje... Relendo os escritos, esquecidos por tanto tempo, vieram-me lágrimas de saudades de meus pais, minha boa vó, minha admirável tia Madge, a mulher mais extraordinária que já conheci até hoje e que mais influência exerceu sobre mim, pelos seus conselhos e exemplos. (Morley, 2016, p. 13).

A narrativa de Helena, como observado no fragmento citado, é marcada por uma linguagem simples e apresenta aos seus leitores como era a vida bucólica em uma cidadezinha do interior do Brasil. Por ser um diário, a narrativa é pontuada pela data: dia, mês e ano; ela traz a apreensão do mundo a sua volta. Helena Morley escreve sobre suas brincadeiras; faz análise sobre a vida das mulheres da família; aborda sobre as crenças e superstições, a política, os vizinhos, as festividades da cidade; o sonho do pai de ser rico por meio do garimpo; a vida simples que levava com sua família; o amor incondicional por sua avó e a reciprocidade; as festividades que aconteciam na família e na comunidade. Ela tinha um olhar atento para as “miudezas” da sua realidade cotidiana.

Enquanto uma escrita íntima, o diário permite registros da memória, de si para si, porém o diário de Helena não se enquadra nessa perspectiva, pois era acompanhado pelo professor e pelo pai e trechos eram lidos por ela à sua avó. No entanto, tal fato não o faz pertencer a outro gênero, continua sendo diário, mas conservando particularidades. Ao retornar a seus escritos e selecionar trechos para a publicação de um livro, dispôs-se a revelar para o mundo suas histórias pessoais, as relações familiares, a falta de liberdade que ela e os irmãos sentiam quando o pai estava em casa, por mais que a presença dele alegrasse a todos, a submissão de sua avó ao seu avô, a condição financeira de sua família, a vida dos ex-escravizados após a abolição, e o papel da mulher naquele período, entre outros aspectos do cotidiano.

A narrativa revela suavidade ao mesmo tempo à ousadia de uma garota que, destemida de punições, revela em seus manuscritos detalhes de suas ações que sabia não serem aprovadas por seus pais e por sua avó. Ao escrever em seu caderno de anotações, Helena Morley refugia-se em um mundo particular e encontra no caderno o amigo ao qual relata suas ações, sentimentos e reflexões.

A escrita do diário, conforme citado anteriormente, ocorre com a definição do dia, constando a data e o mês, o que o configura esteticamente enquanto gênero diário. É importante frisar que é um dos elementos que determina o gênero, mas não apenas esse. Observa-se que a maioria deles apresenta narrativas simples, com riqueza de detalhes e sempre de forma linear. No entanto, há quebras temporais porque nem sempre a escrita é realizada todos os dias, porém, ainda assim, permite ao leitor acompanhar a passagem do tempo de forma cronológica em relação ao mês e ao ano em uma sequência crescente.

O diário de Helena Morley apresenta em sua narrativa acontecimentos decorridos em três anos. Dividindo-se em partes: a primeira inicia no ano de 1893; a segunda em 1894; e a terceira e última parte, em 1895. É uma narrativa gradual, na qual é possível ver o

amadurecimento contínuo da garota em suas observações sobre si e os acontecimentos à sua volta. Mesmo tendo pouca idade, demonstra um olhar crítico em relação ao mundo ao qual pertence. Possibilita, dessa forma, ao provável leitor, compreender o comportamento feminino, em fins do século XIX, em um contexto no qual o predomínio de uma sociedade patriarcal regulava os preceitos morais.

Dessa forma, compreende-se que *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley, é um importante registro de uma época por mostrar os espaços das mulheres, os desejos de uma garota, sonhos, e reflexões sobre o comportamento das pessoas ligadas à sua família, aos amigos próximos, à sociedade da época. Por meio dos relatos, é possível observar que a narradora-personagem, ao discorrer sobre suas aventuras, pensamentos, família e amigos, não temia a ninguém, considerando que seus escritos eram lidos por seu pai e pelo professor. Como consequência, era vista por parentes, em muitos momentos, como atrevida ou doida. É notório que muitos assuntos por ela apontados estão presentes na sociedade atual outros não, devido às mudanças temporais.

A narrativa apresenta uma vida que se entrelaça a outras vidas a partir de um percurso linear dos acontecimentos, vividos por quem os narra. Assim, é possível nomeá-la e analisá-la como sendo do gênero diário, não apenas por trazer sempre o intervalo cotidiano da escrita, a data na qual estão sendo compostos os relatos. Pressupõe-se que sejam fatos e não ficcionais. É importante observar que um dos aspectos que diferencia o gênero diário da autobiografia é a narrativa escrita no "calor dos acontecimentos". *Minha Vida de Menina* compõe-se de escritos diários e próximos do momento realizado, observáveis a partir dos advérbios temporais: hoje, ontem, anteontem, entre outros termos que estabelecem a relação de temporalidade. Há uma abrangência de temas tratados, pois a cada dia um acontecimento e outro são relatados: o comportamento feminino, a organização familiar, a vida dos ex-escravizados, a religião, além de informações do ponto de vista histórico-sociais. São relatos feitos a partir de um olhar pessoal e instigante que sempre apresenta uma reflexão muito particular.

Em vários momentos da narrativa, observa-se que Helena Morley, pré-adolescente, expressa um certo narcisismo em relação a ser a neta preferida pela avó, por compreender que ela tem mais conhecimentos que os outros familiares, mas também se mostra como alguém da sua idade, com sonhos e desejos de uma vida melhor para si e para sua família. A avó é sua referência maior e nutre por ela amor e admiração. Há fatos que nos levam, enquanto leitores, a voltar no tempo e refletir sobre aspectos da cultura local, o comportamento das mulheres, os temas que permeiam as discussões e intrigas familiares, as atividades por elas exercidas, os códigos usados em determinadas situações, comentários sobre as novenas, as festas religiosas,

os valores morais do período. É o cotidiano e suas nuances escritos com uma linguagem tão articulada que transparece naturalidade, sem “afetamentos”. Diante de tantas informações sobre o cotidiano, é possível estabelecer a relação entre a literatura e a história. São vários registros de acontecimentos do dia a dia que envolvem informações que devem ser compreendidas a partir de uma relação com a história, à economia local e à educação.

A narrativa foi escrita em um período quando as mulheres eram privadas de muitos direitos, por isso, mesmo sem ter pretensão, Helena Morley traz à tona como era a educação e a rotina das mulheres, mostrando as relações de gênero marcada pela submissão do ser feminino e sua orientação para o âmbito doméstico. Sabe-se que o espaço público durante muito tempo foi negado às mulheres, a educação era voltada para serem donas de casa, esposas e mães. Flávia Biroli assegura que:

Papeis atribuídos a elas, como dedicação prioritária a vida doméstica e aos familiares, colaboraram para que a domesticidade feminina fosse vista como traço natural e distintivo, mas também como um valor a partir do qual outros comportamentos seriam caracterizados como desvios. A natureza estaria na base das diferenças hierarquizadas entre os sexos. (Biroli, 2014, p.10).

Consideradas durante muito tempo como o sexo frágil e incentivadas a terem uma dedicação exclusiva à vida doméstica, as mulheres tornaram-se submissas aos homens por muito tempo e contribuíram para que a sociedade compreendesse essa domesticidade como natural. Entretanto, quando elas começaram a expressar o que sentiam em seus escritos cotidianos, ainda que de forma tímida, abriram espaços para grandes conquistas. A escrita de autoria feminina, pontuada a princípio por um diário, torna-se uma ferramenta poderosa de resistência da mulher.

A leitura de textos como o diário nos permite conhecer as experiências de outras pessoas, seus sentimentos, desejos, sonhos e conhecer a história de um determinado lugar ou período. Mas o que é um diário? Segundo Philippe Lejeune (2008, p. 259), “[...] A palavra nos diz, em primeiro lugar, que é uma escrita cotidiana: uma série de vestígios datados.”. A marca de uma escrita como essa é a data. É um elemento que registra a temporalidade do texto, justificando fatos e situações recorrentes no dia a dia daquele que o escreve sobre si. É uma escrita voltada para o eu e os acontecimentos que, de certa forma, são escolhidos para serem comentados. Entre uma infinidade de pensamentos e minúcias diárias, quem escreve um diário faz um processo de escolha subjetiva, que determina não só aquilo que irá escrever, mas como será descrito devido à emoção que o fato suscita.

Desde as primeiras palavras de *Minha Vida de Menina*, Helena, a narradora-

personagem, procura narrar aspectos relacionados aos acontecimentos imediatos. Sua escrita é marcada por momentos de alegria, tristeza e, principalmente, pelo desejo de realizar algumas vontades, mesmo que para isso seja em desfavorecimento de outras pessoas próximas. Lejeune (2008, p. 257) diz que “mantemos um diário durante uma crise, uma fase da vida, uma viagem. Começamos, largamos, reencontramos o diário”. Então escrever diário, além de nos permitir recordar, seu registro ocorre durante fases da vida, sendo possível retorná-lo a qualquer momento, por isso, é uma escrita denominada auto suicida, em razão de poder finalizar a qualquer momento e voltar ou não a escrevê-lo.

Vários são os momentos apontados na escrita diária de Helena a necessidade que ela sente de contar algo que a deixa triste ou alegre, há uma vontade que a impulsiona para falar de si, o diário funciona como uma espécie de catarse: “Hoje deu-se comigo uma coisa horrível que fiquei triste o resto do dia. [...] Vou desabafar-me aqui do desapontamento, da raiva, da tristeza que sofri anteontem no casamento da prima Zinha.” (Morley, 2016, p. 146 -186).

Em virtude de ser uma escrita cotidiana, as mudanças são constantes, o humor é variável, vivemos de fases e o diário registra as alterações, pois os momentos se alternam de acordo com a sensibilidade. A escrita é estimulada pelas emoções alegres e tristes. Os registros procuram mostrar o que mais acredita-se ser importante. Nem tudo é dito, a seleção faz parte de escolhas. Para a publicação, em forma de livro, o período de três anos registrados passou também por um processo seletivo, alguns trechos foram cortados. A escolha não foi feita pela menina que escreveu, mas por Helena agora avó e com a intencionalidade, segundo palavras suas, de mostrar um mundo que suas netas desconhecem. Apesar de afirmar que a intenção inicial é evidenciar um universo diferente para as netas, não é possível deixar de considerar que ela estabelece um acordo tácito com outros prováveis leitores, pois ao publicar há um universo maior de leitores a considerar.

Convém lembrar que a escrita feminina era algo restrito, nem todas as mulheres tinham acesso ao conhecimento. Assim, a avó Helena deve ter esclarecido suas netas não apenas sobre "a existência simples que levávamos naquela época", mas também sobre a importância de as mulheres terem a oportunidade de frequentarem uma escola e escreverem sobre si, principalmente em uma sociedade na qual a educação/letramento feminino era algo novo e de reivindicação constante das mulheres no século XIX. Considerando que essa realidade não era apenas no Brasil, recém-ex-colônia.

Sendo assim, quando esse gênero passou a estar presente no universo feminino? De acordo com Lejeune,

[...] isso corresponde a um condicionamento histórico: no século 19, na França,



conforme veremos, as meninas eram sistematicamente estimuladas a manterem um diário, muitas vezes inspecionado pelos educadores. Ainda hoje, damos a elas, no Natal ou nos aniversários, caderninhos com cadeado, o que raramente fazemos com os meninos. (Lejeune, 2008, p. 258).

A escrita de um diário por parte de uma mulher está associada à cultura de que meninas precisavam de um diário como confidente, pois nem tudo poderia ser dito verbalmente, ao mesmo tempo que seria mais fácil de inspecionar. Nesse sentido, a literatura de autoria feminina surgiu timidamente, pois não ocupava espaços significativos na sociedade, onde apenas os escritos realizados por homens eram considerados relevantes. A mulher encontrou nos seus textos o espaço que lhe era negado na sociedade, justificando assim a produção literária feminina voltada para textos memorialísticos e narrativas do cotidiano, como diários, autobiografias, relatos e cartas.

A importância desses textos reside, sobretudo, em compreender aspectos relacionados tanto às questões sócio-históricas e culturais quanto aos anseios femininos. A mulher buscava novos caminhos, entendendo que seu papel não se limitava ao lar, mas também envolvia a participação em espaços sociais até então acessíveis apenas aos homens.

É relevante observar que no Brasil, a educação destinada às mulheres começou a ser considerada a partir da Independência. Segundo Louro (2008, p. 447), "as últimas décadas do século XIX apontam, portanto, para a necessidade de educação para a mulher, vinculando-a à modernização da sociedade", era necessário afastar a imagem de um país primitivo. Foi a partir de uma nova visão social e cultural que os escritos de autoria feminina começaram a surgir no país. Para Viana (1995, p. 85), "O fenômeno cultural literário de uma vasta produção de textos de memória em geral e, particularmente de memórias femininas, importantes para a revisão do papel histórico-social da mulher, deve ser observado à luz dessa nova realidade do país".

Essa consideração leva em conta as diversas mudanças ocorridas, incluindo o processo de modernização capitalista. Novos tempos exigiram novas relações. Observa-se nos relatos de Helena Morley algumas mudanças significativas em relação a Diamantina: as adolescentes frequentavam a Escola Normal, os ex-escravizados recebiam pagamento pelos trabalhos executados, havia referências de mulheres exercendo a profissão de professoras, e a extração de minério ainda representava a economia local.

No final do século XIX, as mulheres buscavam seu próprio espaço, procurando emancipar-se da condição de vulnerabilidade e dependência masculina. Através do conhecimento e da escrita, por meio da literatura intimista e reflexiva, entre o real e o imaginário, utilizando gêneros como diários e outros, procuravam romper o silêncio que lhes

foi imposto por muito tempo. As mulheres expressavam suas opiniões sobre a sociedade, a educação, a literatura, as ciências, as artes e outras áreas do conhecimento. Suas produções traziam reflexões diversas, abordando temas relevantes à sociedade sem medo de serem reprimidas, examinando a possibilidade de emitir opiniões que não se limitassem apenas a moda, etiqueta ou culinária, mas sim a ocupar novos espaços e estabelecer diálogos até então não explorados sobre a vida na sociedade.

Apesar de ter sido escrito na adolescência, *Minha Vida de Menina*, de Morley, segue na mesma linha dos escritos de mulheres adultas. Não há sofisticação na escrita, no entanto, talvez seja por isso que sua leitura se torne mais agradável, pois há reflexões que nos permitem compreender seu amadurecimento intelectual e humano. No fragmento a seguir, pode-se observar sua preocupação com a necessidade de melhorias sociais e sanitárias para a população de Diamantina. A concepção higienista e o cuidado com a saúde da família são temas que surgem no final do Império e continuam no início do período republicano (Telles, 2008, p. 429). Helena provavelmente teve conhecimento sobre essas ideias na Escola Normal.

Sexta-feira, 15 de março

Hoje houve uma grande festa na nossa linda Diamantina. Inauguraram a administração dos correios com muitos fogos, muitos empregados, numa casa muito grande de Seu Antoninho Marcelo. A rua do Bonfim ficou cheia. Se me desse Diamantina para dirigir, a última coisa que eu poria aqui seria repartição de correio. Não posso compreender como um serviço que Seu Claudio, aleijado, que precisa ser carregado por um preto e posto em cima de um cavalo, fazia tão bem, levando na garupa o saco com as cartas e jornais, precisa agora de uma repartição tão aparatosa, com tantos homens dentro. Meu pai diz que tudo isso 'é política, só para dar empregos. Mas não seria que uma vez da administração de correios eles pusessem luz nas ruas para a gente, nas noites escuras, não estar andando devagar com medo de cair em cima de uma vaca? E encanar a água? Isso também não seria mais útil? Sem carta ninguém morre, mas a água do Pau de Fruta, que corre descoberta, tem matado tanta gente que podia estar viva. Diz que a febre tifo vem da água. Tudo melhoraria muito mais a cidade que a repartição de um correio. (Morley, 1988, p. 235).

Suas reflexões transcendem a esfera do particular para alcançar o coletivo, o político e o social. A visão que ela possui sobre a sociedade e as necessidades primordiais dos cidadãos demonstram seu amadurecimento intelectual. As anotações constantes em seu diário transitam entre os acontecimentos familiares, suas preferências afetivas, suas peraltices, mas também sobre os eventos que envolvem a comunidade de Diamantina, seja como forma de crítica ou não. Dessa forma, sua escrita, assim como a de outras escritoras, busca estabelecer diálogos com seu tempo, refletindo sobre os problemas sociais emergentes na época.

Viana (1995, p. 62), referindo-se mais especificamente ao gênero diário, afirma: “Não há dúvidas que a escrita do diário se estabelece, de certa forma, como o discurso de um

analisando em situação psicanalítica, onde a palavra não opera apenas como representação de si próprio e das coisas, mas sobretudo como representação de afetos.” Assim, a escrita diária envolve não apenas a si em um monólogo auto interpretativo, mas também escolhas que traduzem sentimentos e preferências. Ao longo da narrativa de *Minha Vida de Menina*, percebe-se quantos espaços ela dedica à avó materna, sua admiração por ela e por muitas outras personagens. Portanto, a escrita emerge a partir de uma relação afetiva entre aquele que escreve e as pessoas com as quais convive. Os espaços afetivos estão constantemente sendo referenciados, pois escrever é um ato que implica desejos e ausências, sempre em uma relação atrelada a sentimentos.

Dessa forma, *Minha Vida de Menina* é uma narrativa que fixa em palavras aquilo que é importante, desde as trivialidades do cotidiano até discussões que ultrapassam a esfera das particularidades familiares e alcançam aspectos que envolvem a sociedade diamantinense. Tudo é objeto do seu desejo de expressão, de reflexão, daí a importância de ordenar os acontecimentos diários por meio da escrita. Percebe-se que os fatos são diversos, mesmo que se trate do cotidiano em uma "cidadezinha qualquer" de Minas Gerais. Sua escrita é dinâmica, ora tratando de questões da escola, ora de ocorrências na chácara da avó, queixas sobre primos, primas, são inúmeros personagens reais que transitam pelo universo eleito por Helena. Isso explica o sucesso do diário quando foi publicado anos mais tarde. Ao mesmo tempo que a escrita apresenta aspectos tão prosaicos, entrelaça referências históricas, sociais, culturais e humanas, bem como referências amorosas.

De acordo com Recchia (2008, p. 28), *Minha Vida de Menina* foi elogiada por grandes nomes da literatura brasileira, destacando-se George Bernanos, Gilberto Freyre, Raquel de Queiroz, Paulo Mendes Campos, Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, Rubem Braga e Fernando Sabino. Ressalta-se ainda a importância da obra, que foi analisada por estudiosos como Alexandre Eulálio (1993, 2004) e Roberto Schwarz (1997), nomes relevantes na crítica nacional (Recchia, 2008, p. 28).

É importante ressaltar que outros pesquisadores vinculados aos programas stricto sensu de várias universidades brasileiras dedicaram suas pesquisas à obra de Helena Morley, principalmente nos últimos quinze anos, conforme o catálogo de Teses e Dissertações da Plataforma CAPES. Acredita-se, no entanto, que ainda seja uma fortuna crítica relativamente pequena, dada a importância da obra de Helena Morley para a Literatura Brasileira. Dentre os pesquisadores, podemos citar: Daiane Reis (2013), Maria Aurilene de Vasconcelos (2004), Clovis Maurício de Oliveira (2020), Cristal Recchia Jatkoske Lazo (2008), Lúcia Helena da Silva Joviano (2008), Maria Salete Alves de Aguiar (2004), Silvana Capelari Orsolin (2018),

entre outros. Os estudos são voltados para a Literatura Brasileira, Crítica Literária, Ensino e Cinema.

É uma escrita que desperta o interesse de muitos pesquisadores e leitores, pois contraria aspectos de uma sociedade fundamentada no patriarcado, na qual as mulheres foram ensinadas desde a infância a calar-se sobre detalhes de suas vidas e desejos. A sociedade e a própria família impunham limites à liberdade de expressão. O diário é um gênero que permite a expressividade daquela que o escreve, mesmo em condições particulares como as de Helena Morley. Ele proporciona o diálogo entre o texto e a escritora, expressando sinceridade, tornando-se, assim, uma forma de escrita confessional.

Os diários nunca foram exclusividade das mulheres; muitos homens também recorreram a eles como uma forma de expressão pessoal, mas para as mulheres, o significado era muito diferente. Ele representava um espaço de liberdade. A voz da mulher, frequentemente silenciada por um sistema autoritário que a diferenciava do homem, via no diário a possibilidade de ter sua voz fixada em palavras, em registros com intencionalidades diversas. Em concordância com Viana:

O diário foi uma das primeiras formas de manifestação da escrita da mulher. Tanto é (verdade) que o primeiro livro memorialístico escrito por uma mulher que se tem notícia no Brasil foi um diário, cuja elaboração teve início em 1894, embora sua publicação só tenha ocorrido meio século depois. A partir disso, outros dados fazem dele o lugar onde a voz feminina pode se manifestar sem grandes riscos. Exilada da vida pública e econômica a mulher encontrou no diário o confidente fiel, discreto, aparentemente não opressor, único meio de se expressar sem precisar conter o enfrentamento público. (Viana, 1995, p. 55).

Claro que ela se refere ao texto de Helena Morley, considerado o primeiro diário registrado no Brasil, segundo a pesquisadora. Assim, através do diário, a mulher foi abrindo brechas para, posteriormente, abrir janelas e portas a partir de um simples ato de escrever, uma prática muitas vezes acompanhada pelos pais ou professores. Sua voz ganha espaço em um papel em branco, mesmo reprimida pela sociedade. Isso pode ser identificado nos relatos em *Minha Vida de Menina*. Helena retrata, em seu diário "inocente", elementos presentes na sociedade, como a inferiorização das mulheres em questões tão simples que hoje parecem inacreditáveis, conforme pode ser observado no fragmento a seguir:

Na Cavalhada só os homens têm relógio. Quem mora no meio da cidade não sente falta porque quase todas as igrejas têm relógio na torre. Mas quando meu pai não está em casa é engraçado o engano de horas conosco. Durante o dia não precisamos de relógio porque chegamos em casa ao mesmo tempo para almoçar e jantar. Além disso temos a corneta do quartel que toca até as nove horas. Depois dessa hora o relógio de mamãe é o galo que não regula muito bem. Já nos tem pregado boas peças e mamãe não se corrige... No domingo mamãe nos acorda um pouco antes das quatro horas para

a missa da madrugada. Hoje quando mamãe chamou, eu morta de sono lhe disse: “é impossível que já seja quatro horas mamãe. Parece que comecei a dormir ainda não há uma hora. Estou com tanto sono que não posso abrir os olhos.” Ela respondeu: “Você dorme depois da missa. Estamos na hora, que o galo já cantou duas vezes”. Levantei-me cabeceando de sono e lavei o rosto. Ela já estava com o café coado. Tomamos e saímos. Na rua é que eu sempre vejo se é cedo ou tarde. Fui olhando a lua e as estrelas e dizendo a mamãe. “a senhora vai ver se o galo acertou desta vez”. A rua estava deserta fomos andando nós duas pelo braço e mamãe. Passando perto do quartel, o soldado que estava de ronda vira para mamãe e pergunta: “o que a senhora está fazendo na rua com estas meninas, a está hora?” Mamãe respondeu: “Vamos a missa da Sé”. O soldado disse: “Missa à meia-noite? Não é véspera de Natal, que história é essa?”. (Morley, 2016, p. 99-100).

Ao observar e comentar que somente os homens têm relógio em Cavahada, é perceptível que o objeto é considerado de uso masculino porque é o homem que trabalha e precisa cumprir horários. Como a mulher fica em casa e preocupa-se "apenas" com a vida doméstica, o relógio não era necessário, visto que a igreja, lugar frequentado por elas, tinha relógio em sua torre. Esse e tantos outros episódios registrados na obra parecem evidenciar uma situação corriqueira, mas, na verdade, são sinônimos das diferenças existentes entre homem e mulher, do comportamento e da rotina de uma mulher naquele período.

Dessa forma, a escrita pode ser considerada a busca de identidade da mulher, um refúgio, uma ação que a aprisiona em um mundo por vezes de sonhos, mas que, ao mesmo tempo, liberta e dá poder de escolhas. Conforme Viana:

A escrita prisão foi a forma de agregação indicada, mesmo que extremamente ambivalente, ou, talvez precisamente por isso pode ser capaz de sustentar no fio da lâmina o paradoxo e ambivalência, já que o diário é, ao mesmo tempo, a masmorra onde o *eu* se encara e se isola do mundo e o refúgio onde se protege desse mundo que ameaça e desintegra. (Viana, 1995, p. 54).

Talvez esse seja o motivo pelo qual os diários foram e são escritos, principalmente por mulheres e, normalmente, são presenteados às meninas. Mulheres como Helena Morley, Cecília Meirelles, Clarice Lispector, Cora Coralina, Conceição Evaristo, dentre outros nomes da Literatura Brasileira, nos mostram que a representação feminina no espaço literário, ao longo da história, é de extrema importância e não reproduz padrões de comportamento, mas representa as diversidades que transcendem o tempo e os espaços físicos.

As mulheres foram ensinadas a ocuparem lugares de submissão e setores privados, cabendo aos homens escolherem alguns setores da vida pública como adequados a elas. Por isso, buscaram na arte de escrever, mesmo na intimidade do seu quarto, um espaço de empoderamento. De acordo com Perrot (1984, p. 10):

Uma mulher na intimidade de seu quarto. Pode escrever um livro ou um artigo de jornal que a introduzirão no espaço público. É por isso que a escritura, susceptível de

uma prática domiciliar (assim como a pintura) é uma das primeiras conquistas femininas, e também uma das que provocaram mais forte resistência.

Essa escrita, susceptível de uma prática domiciliar, sobre a qual nos fala Michelle Perrot, está intimamente ligada à obra de Helena Morley quando ela transforma seu cotidiano em escrita memorialística que vai além de uma simples reflexão e torna-se registro histórico de uma cidade. Para Le Goff (1924, p. 423), "A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas."

Sendo as memórias um lugar de conservar informações e de registros da história individual ou cultural, é no gênero diário que ela ganha espaço, pois nele suas narrativas abordam fatos que desejam que fiquem preservados, apresentando sentimentos diversos, vestígios ou impressões. É na leitura desses tipos de escritos que podemos recordar ou recuperar fatos históricos. Quando lemos a obra, em destaque, notamos que a narradora-protagonista faz também de seu diário uma escrita repleta de memórias. Como se observa no fragmento do diário de Helena Morley (2016, p. 55):

Eu gosto muito de todas as festas de Diamantina; mas quando são na igreja do Rosário, que é quase pegada à chácara de vovó, eu gosto ainda mais. Até parece que a festa é nossa. E este ano foi mesmo. Foi sorteada para rainha do Rosário uma ex-escrava da vovó chamada Júlia! Ela vinha há muito tempo juntando dinheiro para comprar um rancho. Gastou tudo na festa e ainda ficou devendo. Agora é que vi como fica caro para os pobres dos negros serem reis por um dia. Júlia com o vestido e a coroa já gastou muito. Além disso teve de dar um jantar para a corte toda. A rainha tem uma caudatária que vai atrás segurando a capa que tem uma grande cauda. Esta também é negra da chácara e ajudou no jantar... Eu acho é graça no entusiasmo dos negros neste reinado tão curto. Nenhum rejeita o cargo, mesmo sabendo a despesa que dá!

Conforme se observa no fragmento, Helena apresenta com entusiasmo as festas de Diamantina e a importância delas para a comunidade. Quando cita a festa de Nossa Senhora do Rosário, ela também relata o quanto os negros se sentem importantes sendo reis ou rainhas por apenas um dia. No entanto, é perceptível certa exploração dos negros, pois gastam as economias de uma vida por uma felicidade momentânea. Seria possível acrescentar que, ao dizer sobre os negros e o "reinado tão curto", esteja implícita uma reflexão que nós, leitores, podemos realizar. Advinda de uma família escravocrata, ela não consegue aprofundar a discussão, apenas evidencia timidamente um comentário. A narrativa parte da percepção de uma pessoa com privilégios sociais. Observa-se, no discurso da narradora, que o negro é apresentado em um espaço de desigualdade e de segregação, embora estivessem livres. Ao se referir aos negros como a Júlia, expõe o papel de caudatário deles.

Em seus relatos, Helena preocupa-se também em descrever a vida dos amigos e familiares, assim como a memória cultural da cidade. Evidencia-se na escrita de seu diário um propósito de registrar informações, evitando, assim, que elas caiam no esquecimento, tanto as experiências pessoais quanto as locais. Sobre memória, Le Goff argumenta:

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (Le Goff, 2013, p. 390).

A narradora-personagem não se limitava apenas a contar fatos de sua memória individual; ela registra acontecimentos da cidade, de pessoas com as quais ela tem alguma aproximação ou narra episódios que considerava importantes. Mediante os desabafos e queixas, ela faz referência ao desejo de uma vida melhor para sua família. Como se constata no fragmento a seguir:

Meu pai vive sempre esperando dar no cascalho rico: mas é só esperança, esperança toda vida. Quando ele dá no lavrado desta vez, lá se vai todo dinheiro e ainda fica devendo. Eu, tirando meu título de normalista, sei que tudo vai melhorar, pois irei até o fim do mundo dar minha escola. (Morley, 2016, p. 69).

Observa-se no discurso da protagonista a decepção com relação aos sonhos do pai e um desejo de uma vida melhor. Por isso, vê na condição de professora, uma das profissões permitidas para mulheres, a oportunidade de mudar sua vida e ajudar os pais e irmãos. Foucault (2009, p. 10) afirma que: "O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar." Logo, por mais que as ações de Helena e seus sonhos fossem simples, ou mesmo ingênuos, ela demonstra ser uma menina de luta e determinação. Mesmo com a dominação imposta pelo período, é possível notar o seu desejo de mudança expresso em suas argumentações e ações. É o que fica evidente quando expressa suas convicções: "Vou fazer catorze anos e já raciocino mais que todos da família. Comecei a tirar conclusões desde dez anos ou menos, eu penso. E juro que nunca vi uma pessoa da família pensar nas coisas. Ouvem uma coisa e acreditam; e aquilo fica para o resto da vida." (Morley, 2016, p. 169). Ela se mostra destemida.

Quando a narradora-personagem nos apresenta suas reflexões, observamos que ela não se deixa convencer com o que lhe é apresentado enquanto realidade, acredita ser possível mudá-la. O não acreditar em tudo o que lhe é dito implica em questionar, mesmo que de forma tímida, em refletir sobre a pertinência. A luta feminina iniciou quando as mulheres não aceitaram a

condição de submissão. Helena Morley faz isso em seu diário ao pontuar as crenças, os costumes, as profissões e a submissão da mulher, o que torna a obra relevante para a sociedade.

Discutir essas e outras questões sobre a obra *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley, é o interesse desta pesquisa. Ela está organizada em quatro capítulos que se subdividem. Cada capítulo se constitui de embasamentos teóricos que fundamentam os objetivos da dissertação. O primeiro capítulo é a Introdução, nela encontram-se os caminhos pelos quais seguiremos para a realização dessa pesquisa.

O segundo capítulo, "O Diário: Uma Escrita de Si Para Si", apresenta-se disposto em: "A Escrita do Gênero Diário"; "A Diferença entre Diário e Autobiografia"; "A Escrita e a Memória de Vida". Nesse capítulo, faz-se um percurso a respeito do gênero diário, sua distinção da autobiografia e a importância da escrita como registro de memória.

O terceiro capítulo, "A Escrita Como Forma de Diário Publicada no Brasil: Um Percurso", discute a escrita no universo feminino como forma de luta e resistência, e as contribuições do gênero diário como espaço de voz, apontando ainda a relação da literatura, história e a memória enquanto representação de fatos cotidianos.

O quarto e último capítulo, "Análise da Obra 'Minha Vida de Menina', de Helena Morley", pontua os seguintes tópicos: *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley: A Apreensão de um Mundo Fechado". Nele, encontra-se uma análise dos aspectos culturais como as religiosidades, o papel social das mulheres, os desejos e frustrações da narradora, bem como o preconceito social a partir da família, assim como da própria Helena Morley.

A pesquisa finaliza-se com as Considerações Finais as quais apresentam análises explicativas e interpretativas da obra *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley, a partir das referências teóricas e das temáticas abordadas na construção desta pesquisa. Enfim, espera-se que este estudo possa proporcionar uma ampliação dos conhecimentos sobre a autora bem como sobre a escrita de autoria feminina.

O corpus dessa pesquisa é constituído pela obra *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley. É um estudo de revisão crítico-literária e apresenta em seu desenvolvimento teorias e discussões sobre algumas temáticas relacionadas ao comportamento feminino.

Enquanto metodologia, desenvolve-se a pesquisa qualitativa de revisão crítico-literária, utilizando-se de referências bibliográficas e pesquisas em sites de estudos acadêmicos, como a SciELO e a Capes.

De acordo com Silveira e Córdova (2009, p. 32), "A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais." O pesquisador, portanto, centra-



se em aspectos relacionados ao comportamento humano, procurando compreender para explicar suas relações sociais.

Para tanto, percorreu-se os seguintes percursos metodológicos: Em um primeiro momento, foi realizada a leitura do diário *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley. A partir dessa leitura e análise da obra, constatou-se o quanto ela, embora seja uma narrativa memorialística escrita por uma garota do final do século XIX, é rica em informações sobre o comportamento feminino, relações familiares, história, cultura, religiosidade de um determinado lugar e período. Posteriormente, realizou-se a leitura de diversos artigos sobre a obra e embasamento teórico sobre a literatura de autoria feminina, o gênero diário e sua significação no universo feminino, e ainda sobre literatura, memória e história, assim como a participação em seminários. Ao concluir esse processo, iniciou-se a construção dos capítulos que compõem esta dissertação.

Vale destacar que a presente pesquisa foi apresentada de forma remota no I Seminário de Pesquisa em Andamento, evento organizado pela UNIFESSPA, em Marabá (PA), e contou com contribuições importantes para seu desenvolvimento. Foi apresentada também no I Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras (I SEPTEL) e a XVIII Semana de Letras, organizada pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).

## 2 O DIÁRIO É UMA ESCRITA DE SI PARA SI?

Recorrendo à história dos primeiros diários produzidos, constata-se que eles foram um modelo de produção cotidiana surgido no universo feminino do século XIX, na França. Normalmente, eram cadernos presenteados às meninas, incentivando-as a escrever todos os acontecimentos vivenciados por elas e seus sentimentos. No entanto, seus textos eram habitualmente inspecionados por professores, pais ou familiares, como forma de controle sobre as jovens.

Enquanto gênero, o diário é uma escrita cotidiana marcada pelo registro de datas. Por não possuir formas fixas em sua estrutura, é comum encontrar elementos significativos para quem o escreve, como fotografias, flores ou outros itens que representam lembranças de algo importante. Além disso, é possível encontrar outros gêneros, já que o diarista pode escrever um poema, um bilhete ou mesmo uma música no diário, o que demonstra uma liberdade no ato da escrita. Com uma narração pessoal, tem como interesse principal o relato da vida cotidiana e familiar, mas também pode discorrer sobre outros assuntos e fazer reflexões políticas, históricas e morais. Souza (1997, p. 127) afirma que “O estatuto do diário é o da confidência: a extroversão da vida íntima para um amigo, um interlocutor.” Ou seja, na escrita confessional, o diarista não teme se expor ao desabafar ou refletir sobre diversos assuntos.

Convém considerar que alguns diários vão além da intencionalidade do íntimo e da confidência, como é o caso de *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley. Embora a narradora faça confissões, sua produção foi incentivada pelo pai e, posteriormente, inspecionada pelo professor de redação como atividade escolar, tornando-a uma mistura de escrita pessoal e compartilhada, já que era lida por outras pessoas além dela. No entanto, há o seguinte comentário de Helena sobre sua escrita: “Vou escrever aqui o que eu fiz com ela e não tenho vergonha, porque é só o papel que vai saber” (Morley, 2016, p. 76). Trata-se de uma travessura sua em relação à sua irmã Luisinha. Dessa forma, significa, então, que nem tudo passa pelo crivo do olhar do outro que não seja o seu.

Além de confissões íntimas, o diário permite registros com o objetivo de fixar momentos considerados importantes para o autor. Segundo Lejeune (2008, p. 77), “fixar o tempo: construir para si uma memória de papel, criar arquivos do vivido [...]”. O diário é, portanto, escrito para conhecer-se, para fugir da realidade vivida, resistir às pressões sociais ou familiares ou simplesmente por gostar de escrever. Deve-se considerar, conforme já evidenciado, que o diário é uma escrita que evidencia afetos e desejos, bem como ausências.

## 2.1 A escrita do gênero diário

A escrita de um diário é marcada pelo tempo. A cada início de narrativa, marca-se o dia, o mês e o ano, configurando-se enquanto gênero que particulariza a escrita do eu. Sua produção ocorre por prazer de externalizar um sentimento, necessidade de reflexão ou pelo simples prazer de escrever. Mas haveria um perfil social do diarista? Segundo Philippe Lejeune (2008, p. 258), “o diário é mais frequente entre pessoas instruídas, ou que moram em cidades.” Portanto, a pessoa que o escreve precisa gostar de ler e escrever; a sua narrativa ocorre em primeira pessoa.

Expressar-se por meio de um diário significa expor por meio da escrita o que pensa. Ao mesmo tempo, permite comunicar-se consigo mesmo em um momento posterior, uma vez que, no momento de produção, não existe a pretensão de publicação. Há por algum motivo a necessidade de escrever, de forma livre, individualizante. Neste caso, o autor torna-se seu próprio leitor, sendo assim, é uma escrita de si para si. Poder retornar ao seu diário anos depois e ter a chance de observar as transformações ocorridas, sejam de caráter social ou psicológico, significa entender o quanto o indivíduo constrói uma ou várias identidades ao longo da vida, isso dependendo de ambientes e fatores sociais. De acordo com Stuart Hall (2006, p. 13):

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (Hall, 2006, p. 13).

A ideia de que o sujeito adquire, ao longo do tempo, identidades diferentes é determinada pelo grupo social ao qual está inserido. Isso ocorre porque as interações sociais possibilitam transformações na forma de pensar e agir das pessoas. Logo, estamos sempre sujeitos a interferências, diretas ou indiretas, em nosso dia a dia. Portanto, nossa identidade se forma ao longo do tempo. Nesse sentido, a escrita de um diário permite ao indivíduo observar o grupo social, refletir sobre suas condutas, compreender-se e transformar-se. Ainda, segundo Stuart Hall:

A identidade está profundamente envolvida no processo de representação. Assim, a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas. (Hall, 2006, p. 71).

Constata-se que o sistema de representação narrativa, por meio do gênero diário, traduz muito bem a relação tempo-espaço, no qual o sujeito não só é representado, mas também tem sua identidade transformada, tanto pelas modificações naturais que ocorrem ao longo da vida quanto pelas informações que chegam até ele nas diversas áreas do conhecimento. Neste

sentido, Grande Sertão Veredas de Guimarães Rosa (1979, p. 20-21), expressa essa ideia: "O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão." O ser humano está sempre em processo de mudança, em todas as idades. Assim, sua escrita incorpora as mudanças que a vida proporciona.

Tendo como referência o diário de Helena Morley, é possível inferir que sua escrita ora está voltada para seus problemas pessoais, ligados à família, ora para questões de acontecimentos e pessoas que, de alguma forma, têm relação com ela. Em algumas passagens, ela não passa de uma menina traquina, enquanto em outras há um pensamento lógico, com críticas sobre situações diversas. Vejamos dois exemplos a seguir:

Quarta-feira, 21 de janeiro, 1983

Nós todos, os meninos e meninas da Boa Vista, depois que acabamos de jantar e que meu pai e tio Joãozinho despacham os trabalhadores, a coisa que mais gostamos é ficar descalços com o pé molhado, subindo e descendo o desbarranque da lavra, procurando diamantinhos e folhetas de ouro, pois tudo meu tio compra. Diamante é raro achar, mas folhetas de ouro a gente encontra sempre. (Morley, 2016, p.22).

Quarta-feira, 21 de junho, 1983

No ano da fome eu era muito menina, mas me lembro ainda de algumas coisas daquele tempo. Se eu tivesse maior e mais esperta como hoje, acho que não passaríamos em casa o que passamos naquela ocasião.

Nunca nada me impressionou tanto como a fome daquele ano. Lembro-me até hoje de mamãe acendendo velas naquele oratório, pedindo a Deus que mandasse chuva. Não havia nada na cidade para comprar. Os negociantes punham gente nas estradas para cercar tropeiros para comprar o pouco que eles traziam pelo dobro ou pelo triplo. Quem tinha pouco dinheiro passava fome. Cada dia tudo subia mais. Chegavam todo dia notícias de gente morta na redondeza. (Morley, 2016, p. 61).

Em ambos os fragmentos, encontram-se vestígios de transformações. A menina que descreve momentos de brincadeira cede espaço para a adolescente com ponderações acerca das necessidades básicas às quais as pessoas da região estavam sujeitas, como a fome, religião, economia, comportamento social, entre outros. Ao escrever sobre suas ações e refletir sobre o social, é perceptível as mudanças na forma de agir e pensar da narradora durante o período da escrita diária.

Geralmente escritos por mulheres, os diários costumam marcar uma fase da vida. São considerados espaços de refúgio nos quais se deliberam sobre tudo o que se pensa e por algum motivo não é possível expor publicamente, ou ainda, devaneios sem pretensões de firmar alguma verdade, simplesmente como uma forma de expressar o desejo do ato de escrever sem compromisso com o real. Para Lejeune (2008, p. 262), "O diário é um espaço onde se escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem

risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real." É nesse lugar de escrita que se libertam os sentimentos mais íntimos e é possível conhecer, em muitos fragmentos, como era o mundo dos afetos em um determinado período.

É importante pontuar que a escrita do gênero diário não é cultivada apenas na adolescência, mas em qualquer idade. Na adolescência, em muitos casos, conforme comentado, era uma escrita acompanhada pelos pais e pelos professores, mas também poderia ser uma escrita não compartilhada, apenas para si. Assim, sem reservas para expressar os sentimentos mais adversos: amor ou ódio, afetos e desafetos, amores fraternos, clandestinos, platônicos, na ordem dos desejos tudo é possível ser dito, pois são confissões íntimas.

Em momentos, o diarista é levado a refletir e até mesmo a enxergar-se de outra maneira, neste caso, deixa de ser sujeito que analisa para tornar-se analisado. É nessa representação que os afetos familiares ou outros são expostos. O mundo dos afetos é um espaço privado mantido por barreiras convencionais às normas das instituições. E esse espaço muitas vezes foi apresentado por diaristas que buscavam de alguma forma uma liberdade de expressão, sem compromisso a não ser com a própria escrita.

Assim, os diários possibilitaram às mulheres apresentarem suas percepções sobre o mundo e as relações no âmbito familiar, os estereótipos rotulados a elas por condição de gênero, classe social e cor. Elas começaram a ganhar autonomia, buscaram incessantemente por espaço, seja no trabalho ou na política. É através dessa escrita cotidiana, ainda tímida, que começa o engajamento para algo maior:

[...] As escritoras precisam primeiramente lutar contra os efeitos da socialização tradicional da mulher, engajando-se em um processo de revisão. Suas batalhas, portanto, não são contra a leitura do mundo e seu precursor, mas contra sua leitura delas, escritoras, mulheres. (Dalcastagné, 2015, p. 88).

Por isso, faz-se tão necessária a revisão do papel tradicional da mulher, eis o porquê de a escrita de gêneros como diários ser tão importante e pertinente na atualidade. Entretanto, o que se pode observar ainda na sociedade contemporânea é que são poucas as representações femininas na história da literatura, principalmente no que tange à representação do periférico, aqueles que estão à margem da sociedade, pessoas que não foram consideradas importantes, tais como a mulher preta e pobre.

Diários como o de Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell, e Carolina Maria de Jesus, escritoras mineiras com contextos históricos diferentes, classes sociais distintas, cor da pele diversa, abordam em suas narrativas além de questões raciais a invisibilidade da mulher, ora por influências patriarcalistas ora pela questão de cor e a posição social. Por meio destas

obras literárias, percebe-se vozes de mulheres que procuram se retirar da condição de apagamento social. As histórias por elas narradas, seja na condição de adolescente do interior ou na condição de uma mulher negra moradora de uma favela, catadora de papel, semianalfabeta, possibilitaram além de se tornarem protagonistas de suas vidas, permitiram o recontar da história numa perspectiva ainda não apresentada.

Ao escrever um diário, a única certeza que o diarista possui é o desenvolver da escrita: o dia e o ano que inicia seus escritos. Há também a possibilidade de deixar a escrita suspensa por um determinado tempo e depois retomá-la ou não, dependerá do interesse daquele que o escreve. Philippe Lejeune (2008, p. 270) afirma que “O diarista se protege da morte através da ideia de continuação. A escrita de amanhã, por sua reduplicação indefinida, tem valor de eternidade.” Logo, marcado pela possibilidade do amanhã, o diário é uma escrita que não possui um estilo que tipifica seu fim, enquanto o diarista sentir a necessidade de representar, seja suas ações ou as de outrem entrelaçadas às suas, a produção dele existirá.

A prática da escrita diária, atualmente, não acontece somente de forma física. As pessoas utilizam-se de ferramentas digitais para fazer seus relatos diários. Alguns com a intencionalidade de postar para que um possível público leitor acompanhe sua rotina, outros apenas escrevem. Enfim, na atualidade são muitos os motivos e as formas que levam uma pessoa a manter um diário, a querer guardar suas memórias ou expor suas experiências. Ainda, de acordo com Lejeune (2008, p. 273), “O diário é virtualmente interminável desde o início, uma vez que sempre haverá um tempo vivido posterior à escrita, tornando necessária uma nova escrita e que, um dia, esse tempo posterior assumirá a forma de morte.” Portanto, pode-se dizer que o diário é como uma obra disposta a ser narrada, pois sempre haverá um momento vivido posterior ao que foi escrito. No entanto, sua existência dependerá do interesse daquele que o escreve: poderá ser interrompido por situações diversas ou não, mas o fim existirá.

Há diversos motivos que levam uma pessoa a escrever um diário, por se tratar de uma escrita fácil e praticamente livre de regras. É um gênero que sempre atrai um número significativo de pessoas dispostas a praticá-lo, mas o que leva alguém a querer publicá-lo? Entende-se que uma pessoa, ao decidir publicar seus cadernos confessionais, está disposta a apresentar ao mundo suas impressões cotidianas sobre sua vida e um determinado período. Através da narrativa do diarista, o leitor poderá conhecer experiências do passado e memórias, bem como analisar o discurso ideológico empregado por ele. Alice Dayrell, conhecida como Helena Morley (2016, p. 14), pensa em suas netas como público leitor quando decide publicar seu diário: “Agora uma palavra às minhas netas. - Vocês que já nasceram na abundância e ficaram tão comovidas quando leram alguns episódios de minha infância, não precisam ter pena das

meninas pobres, pelo fato de serem pobres. Nós éramos tão felizes!” Embora a narradora deseje mostrar o quanto era feliz, é possível observar, ao longo da narrativa, que ela apresenta mais do que uma infância traquina; discorre também sobre sua leitura de mundo através de acontecimentos corriqueiros.

Como descobrir o real e o imaginário a partir de um diário? O espaço entre o real e o imaginário no gênero diário só nos é permitido compreender se o autor nos consentir. Quando publicado por quem o escreve, por questões de privacidade e respeito, os nomes de pessoas e lugares são modificados, o que pode levar o leitor à margem do imaginário, ou até mesmo a questionar. Outro fator consiste na representação do que é narrado, pois, por mais que o autor tente capturar as percepções do que se imagina ser, são apenas semelhantes do que realmente são, uma vez que:

Aquela distinção entre o eu do sujeito que escreve e o *eu* que sua escrita produz na sondagem do outro, que funda o pacto ficcional, é revertida pela remissão à figura do eu empírico do autor, que espalha sinais de sua presença sem desfazer, no entanto, o estatuto imaginário da narrativa. (Wisnik, 2018, p. 139).

Portanto, descrever sentimentos, desejos e sonhos, lugares e pessoas numa narrativa se torna algo subjetivo, já que parte do eu da escrita e da recepção do leitor. Contudo, a maior parte do que constitui um diário é formada por acontecimentos ocorridos na vida de quem os escreve, em relação às pessoas ou aos lugares que são observados por ele. Nesse sentido, Viana (1995, p. 62) afirma que “O diário possibilita a vigilância constante do comportamento de cada um, de forma a apreciá-lo, medir-lhe as qualidades ou os méritos tornando-se, portanto, um procedimento para conhecer, dominar e utilizar.” Observa-se que, ao mesmo tempo em que essa escrita é confessional, ela busca uma representação de si, corrobora com uma abordagem do coletivo, é, portanto, um refúgio para quem o escreve e uma fonte histórica e memorialística para quem o lê.

Além do sujeito se revisitar, o diário é um importante documento histórico, pois permite, por meio de seus relatos, conhecer o contexto histórico, sendo possível observar, por exemplo, como viviam as famílias de um determinado período, a moda, os costumes e até mesmo as crenças locais. O armazenamento de informações relevantes faz-se necessário não só como forma de guardar na memória, mas também como documento que possa servir de fonte de pesquisa a outrem. Nesse sentido, o diário pode guardar não somente a memória individual, como também apresentar aspectos sobre o coletivo para uma posteridade. Um exemplo disso é o diário de Helena Morley, que apresenta uma sociedade do século XIX marcada por preconceitos raciais pós-escravatura.

As negras da Chácara do tempo do cativo são todas pretas, mas não sei por que saiu uma branca e bonita. Chama-se Florisbela, mas nós a tratamos de Bela. Ela casou com um negro que faz até tristeza... Marciano é o negro mais estimado da Chácara. Aprendeu o ofício de ferreiro e entra na sala para cumprimentar vovó e minhas tias. Mesmo assim eu não queria que Bela se casasse com ele. Ela é tão bonitinha! Parece até uma rosa-camélia, clara, corada e com os dentes lindos. No dia do casamento meu pai disse: “é um brilhante no focinho de um porco”. Todo mundo teve pena. Mas ela quis e vovó diz que gostou porque Marciano é muito bom e trabalhador. (Morley, 2016, p. 122).

Vê-se no fragmento, expressões como: “negro que fazia tristeza”; “brilhante no focinho do porco” e “todo mundo teve pena” são exemplos de preconceito raciais na sociedade do século XIX, representados na família de Helena. A própria narradora também mostra esse preconceito, por Florisbela ser branca não poderia se casar com um negro. A zoomorfização do homem negro, neste caso, o coloca em um patamar de inferioridade, condicionado ao meio social em que vive. Em nossa sociedade um porco é considerado um ser sujo, com cheiro desagradável e que vive de sobras e distante das pessoas. E assim viveram por muito tempo os negros no Brasil. Já a Florisbela por ser uma negra “branca” é apresentada como uma pedra valiosa (o diamante). Seus pais eram negros, mas ela era branca dos dentes claros e por isso já era considerada superior aos demais negros. A expressão “um negro que faz até tristeza” remete-nos a dois pontos importantes: primeiro, a condição animalésca a qual eles eram submetidos no século XIX; segundo, para a narradora, seria muito triste ser negro porque a pigmentação da pele destoava dos demais, a vida deles era triste e submissa por isso a da Florisbela se casando com um negro também seria.

Observa-se, no fragmento supracitado, que Helena Morley apresenta em seu diário uma representação do coletivo ao citar o problema do racismo ainda muito enraizado na sociedade. Entende-se que os negros naquele período não possuíam uma profissão definida, porém o negro Marciano era diferente, tinha o ofício de ferreiro, era considerado trabalhador, por isso um bom partido. Nesse sentido, o diário de Helena aborda a memória individual de uma garota e o coletivo, de modo que é possível não apenas conhecer o passado, mas problematizá-lo, provocando assim uma discussão consciente das questões sociais. Walter Benjamin (2020, p.83) diz que “A história é objeto de uma construção, cujo lugar não é um tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agora’”.

Se a história é um objeto em construção, historiadores, romancistas, diaristas, ficcionistas, poetas e até mesmo os leitores podem ressignificá-la de acordo com o momento em que estão inseridos, com a urgência de entender o presente. Portanto, trazer para a Literatura o que está no periférico é reconstruir o discurso sobre a sociedade, é reconstruir o discurso sobre



a História.

O diarista dialoga com seu eu interior normalmente ao escrever, no recolher-se em seus pensamentos e expressá-los por meio das palavras escritas. No quarto ou em qualquer lugar que lhe permita se refugiar do mundo real e dedicar-se à escrita: observa pessoas, lugares, situações, fatos corriqueiros e, principalmente, se autoanalisa; remexe nas imagens do cotidiano, nas sensações, nos pensamentos que o incomodam ou lhes trazem satisfação e escreve. Lejeune (2008, p. 276) afirma que “O diário oferece um espaço e um tempo subtraído às pressões da vida. Refugiamos nele, tranquilamente, para ‘desenvolver’ a imagem que acabamos de viver ou meditar. E para examinar as escolhas que devemos fazer.” Sair das pressões familiares e sociais por meio da escrita, seja de um diário, poema, conto ou mesmo carta, é meditar e, acima de tudo, se reconstituir ao transpor-se para o papel e escrever o que pensa, sente e deseja. Escrever sobre o que acontece em sua vida, na vida de outrem, possibilita ao indivíduo tornar-se livre das amarras sociais; por isso, a escrita torna-se tão fundamental para o ser humano. De certa forma, escrever é libertar-se. Logo, escrever um diário vai além, pois como é uma narrativa para uma leitura posterior do próprio diarista, torna-se franca, direta sem medo de repressão. Viana (1995, p. 55) afirma que “[...] falar com esse outro – o caderno- converte-se no exercício do dialogismo que parece infinitamente mais fácil, já que esse outro não reprime, não contesta, não recusa, não impõe, não decepciona nunca.” Em vista disso, por ser uma escrita cujo leitor é ele mesmo, o diarista deposita seus segredos mais íntimos, pois tem a certeza de que apenas ele será o leitor de seus manuscritos.

Em *Minha vida de menina*, Helena Morley comenta que seus escritos passam pelo olhar do pai e do professor e, ainda, lê trechos para a avó que adora ouvi-la. Entretanto, no fragmento abaixo, ela relata como ela conseguiu convencer sua irmã Luisinha a conceder-lhe o dinheiro que estava guardando para realizar um jantar no seu aniversário. É claro, ela se utiliza de argumentos para obter o que deseja em seu benefício e confia tal artimanha no diário.

Ela vinha guardando, há meses cinquenta mil-réis que o padrinho lhe deu para comprar um vestido. Desta vez eu achei que devia festejar meu aniversário com um jantar às amigas, pois todas elas me convidam quando fazer anos...Generosa, que é muito boa cozinheira, já me tinha falado que se eu arranjasse uns cobres, ela faria um jantar muito bom, sem me incomodar com alguma coisa... Veio-me logo à ideia o dinheiro de Luisinha. Mas, não querendo entristecê-la, eu preparei as coisas bem e lhe disse: “Você me dê seus cinquenta seus cinquenta mil-réis para meu jantar. Se você fizer o vestido, é só você lucra. Se me der o dinheiro, eu faço um jantar, ganharei muitos presentes e nós dividiremos tudo”. Luisinha concordou. (Morley, 2016, p. 76).

Dessa forma, o seu diário guarda uma particularidade que destoa do que se compreende como sendo o gênero diário. Ele se encaixa dentro do gênero diário e, ao mesmo tempo,

apresenta partes que deixam de ser apenas do seu conhecimento, enquanto diarista, e passam a ser compartilhadas com outras pessoas. No entanto, há algumas passagens escritas, como no fragmento acima, em que a narradora não sente medo de expor-se ao narrar como convenceu Luisinha a lhe dar o dinheiro, pois somente o papel saberá. Nesse momento, sua escrita é de si para si, ela acredita, então, que apenas ela terá acesso ao escrito. Não há dúvidas de que dialogar consigo, tendo como confidente um diário, é ter a certeza de que não será punido quando realiza algo reprovável ao outro. Isso é o que acontece com Helena e com muitas mulheres que não detinham o poder de expressão. Outro fator interessante, no fragmento citado, é a forma como a narradora-personagem age para convencer a irmã a dar-lhe o dinheiro. O modo como ela constrói o discurso para não a magoar e ao mesmo tempo convencê-la. Nessa acepção:

[...] a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 1996, p. 8-9).

Com a finalidade de organizar um jantar para comemorar seu aniversário, Helena elabora um discurso capaz de manipular a irmã e convencê-la a lhe dar o dinheiro. Ou seja, observa-se aqui o poder de oratória que a narradora recorre para realizar seu desejo. Dominar uma pessoa pelo discurso é sem dúvida uma forma de impor-se sobre a outra sem que ela perceba e tenha conhecimento para questionar ou, ainda, por algum motivo não possa contra-argumentar.

Ao escrever um diário, a diarista expressa valores familiares, religiosos, políticos e sociais perceptíveis no discurso por ela empregado. Alguns valores são questionados por quem escreve; em outros momentos, as experiências pessoais se transformam em palavras com valores sociais. Muitas informações sobre lugares, pessoas ou mesmo um período são percebíveis por meio de escritas memorialísticas como diários, por se tratar de uma escrita intimista e livre de repressões. As pessoas que os escrevem discorrem não somente sobre a sua vida, mas sobretudo sobre o que consideram de importância registrar. Dessa forma, a memória individual e a coletiva se entrelaçam, pois ao trazer para a narrativa suas reflexões sobre acontecimentos cotidianos, também sobressaem os valores sociais tanto da parte de quem escreve quanto do ambiente ou pessoas descritas.

Considerado um vestígio, o diário possui um atributo individual, marcado por características de quem o escreve. Podendo ser grafado em cadernos, agendas, folhas soltas (organizadas pela data da escrita) ou até mesmo, na atualidade, em arquivos em um notebook. No último caso, ele substitui a forma de produção antiga. Cada diarista escolhe o meio ao qual

recorrerá para narrar suas histórias. Phillipe Lejeune afirma que:

O diário é uma série de vestígios. Ele pressupõe a intenção de balizar o tempo através de uma sequência de referências. O vestígio único terá uma função diferente: a de não acompanhar a função o fluxo do tempo, mas de fixá-lo em um momento de origem... O diário é uma rede de tempo, de malhas mais ou menos cerradas. (Lejeune, 2008, p. 260).

Pensar no diário como série de vestígios significa entendê-lo como uma ferramenta capaz de deixar ou trazer para o leitor pistas de acontecimentos históricos, marcas de um tempo, por isso é considerado um gênero que guarda memórias particulares e coletivas. Sua produção ocorre em espaços onde o eu que escreve encontra-se em plena concentração com o que se propõe a narrar, normalmente sua escrita ocorre na intimidade de um quarto e é marcada por resistência: ao sofrimento, às dores, às angústias ou uma forma de fixar um momento pelo narrador(a) estimulado por um sentimento que o origina. Esse tipo de narrativa confessional é pontuado por desejos e sonhos. No universo feminino, a escrita de diários, enquanto resistência, ocorreu principalmente quando a mulher buscou para si o direito de fala, mesmo por meio de uma escrita de si para si, pois expressar-se por meio de um diário não era um problema, devido ser de acesso restrito somente à autora da escrita.

São muitos os exemplos de diários que expressam desabafos, sejam do contexto familiar ou do contexto social em que o diarista está inserido. O diário de Anne Frank, além de abordar a sua rotina e de sua família em um sótão, apresenta uma sociedade dominada por um representante político que demonstrava o antissemitismo a ponto de perseguir, prender e matar todos os judeus que fossem possíveis. O diário de Carolina de Jesus nos apresenta uma sociedade que expressa claramente o preconceito social e racial. Já no diário de Helena Morley, é possível observar uma sociedade marcada pela submissão das mulheres no século XIX e as relações familiares do período eram predominantemente patriarcais. São universos muito distintos.

Portanto, os diários em muitos momentos apresentam escritas de resistência, pois há o desejo de contestar ou de reafirmar algo. Por isso, encontram-se neles vestígios psicológicos e sociais, considerados como fonte histórica. O diário de Helena não se caracteriza enquanto escrita de resistência, mas apresenta reflexões críticas, principalmente no que se refere ao comportamento feminino. Discutir sobre a escrita de um diário implica, entre outras intenções, compreender como o diarista finaliza um diário, uma vez que são muitos os motivos que o levam a escrever, mas e o que o leva a encerrá-lo?

À simplicidade do começo se opõe ao esvaziamento do fim: a multiplicidade das

formas (parar, destruir, indexar são atos diferentes, às vezes até opostos), a incerteza do ponto de vista (trata-se de quem escreve e- em que momento da escrita? -ou de quem lê?) a impossibilidade frequente de apreender a morte dessa escrita. (Lejeune, 2008, p. 269).

Nesse sentido, para finalizar um diário não existe uma regra ou definição específica. Pode ocorrer de diversas formas, tais como: perder o interesse, escrevê-lo e depois descartá-lo ou apenas guardá-lo para um retorno posterior. Sua escrita ocorrerá de acordo com a necessidade de quem o produz. Deve-se levar em conta outra circunstância, por morte daquele que o produz. O diarista escolhe como iniciar e terminar seus manuscritos ou simplesmente não terminar. A narrativa estará sempre aberta a uma '(im)possível' continuação. Pensando assim, a escrita de um diário é considerada interminável, pois quem o confecciona pode retornar aos seus escritos ou simplesmente iniciar um novo, ainda ficar em aberto. Philippe Lejeune afirma (2008, p. 273) que "O diário é virtualmente interminável desde o início, uma vez que sempre haverá um tempo vivido posterior à escrita, tornando necessária uma nova escrita, e que, um dia esse tempo posterior assumirá a forma de morte."

Em vista disso, um diário íntimo não possui um fim por encerrar-se, uma história a concluir, pois sempre haverá um tempo posterior e se o diarista sentir necessidade de narrar, ele o poderá fazer. Quando a pessoa que o escreve sentir necessidade de retornar às anotações em seu caderno, o faz por gostar de escrever ou por considerar ser um espaço próprio para o desabafo, enfim, porque é melhor falar a um diário do que se expor a pessoas as quais não serão suas amigas durante todas as fases da sua vida.

Enquanto se escreve um diário, a pessoa procura apreender em sua memória as situações cotidianas que julga serem necessárias: emoções, sentimentos, descontentamento, questionamentos, confissões. Enfim, absolutamente tudo pode ser escrito em um diário. É um gênero livre dentre outros, mas, ao mesmo tempo, prende a pessoa no sentido da dedicação ao ato de observar e escrever sobre o que lhe acontece ou ao seu entorno. Viana (1995, p. 55) afirma que "Enquanto se escreve abdica-se da experimentação concreta da vida interativa, mas escrever é, ao mesmo tempo, recompôr, reconstruir, reelaborar o vivido." É exatamente isso que o diarista faz, procura reelaborar o vivido, apresentando uma riqueza de detalhes em sua narrativa, de acordo com o seu ponto de vista.

O diarista recompõe sua vida através da escrita intimista. Reelabora e apresenta sua opinião sobre os acontecimentos. Apresenta reflexões sobre si ou de outras pessoas, simplesmente na certeza de que não serão divulgadas. O eu, sujeito da escrita, não sofrerá punições por ser uma escrita para si. Ao ser considerado uma importante ferramenta de

expressão, os diários se tornaram relevantes no universo feminino, pois neles as mulheres puderam não somente apreender o vivido, como também colocar seus anseios e insatisfações quanto à vida que levavam.

## 2.2 A nova performance do diário na contemporaneidade

O mundo digital cede espaço ao diário online que durante muito tempo foi considerado algo íntimo. Muitos diaristas adotaram as ferramentas digitais para escrever sobre seu cotidiano. Ao contrário do que acontecia nos séculos XIX e XX, essas escritas, que antes eram privadas, tornaram-se públicas. Atualmente, algumas pessoas gostam e querem expor suas rotinas e emoções na web, o que configura uma nova roupagem ao gênero diário.

A expressão “web log” significa “diário” na internet. Mas o fato de os novos diários reconfigurarem a intimidade, dando-lhes novos contornos - pois que, ao invés da discrição que pautava os anteriores, agora o principal objetivo parece ser gerar a visibilidade do privado – leva-nos a cotejar os dois modos de comunicação. (Araújo; Duque, 2014, p. 50).

Hoje, a escrita de si por meio das tecnologias digitais proporciona ao diarista maior visibilidade. As pessoas criam páginas em redes sociais apenas para falar sobre seus sentimentos e rotinas e, dessa forma, ganham seguidores/leitores. Essas páginas, assim como nos diários tradicionais, são alimentadas quase que diariamente. Os diaristas da web sentem a necessidade da visibilidade, algo que se contrapõe ao que significava o gênero nos séculos anteriores.

Embora escrever diários seja algo popular, eles pertenciam a uma elite privilegiada, pois normalmente quem tinha acesso à leitura e à escrita eram indivíduos que dispunham, entre outros fatores, de uma situação financeira estável. Na atualidade, as pessoas leem e escrevem mais, porém o acesso aos computadores e às novas tecnologias digitais ainda é restrito. Ou seja, a nova roupagem que os diários ganharam confere uma privatização do sujeito, principalmente àqueles que têm melhores condições. Há também alguns que conseguem sobressair mostrando o outro lado da margem social e tornam-se fenômenos nas redes sociais, mas são raros.

É interessante observar que se perdeu a barreira existente entre o público e o privado, principalmente quando se torna celebridade. Os mínimos acontecimentos do cotidiano são compartilhados com a legião de seguidores que são alimentados pelas imagens veiculadas pelas redes sociais. São mostrados detalhes da vida privada e pública.

Dessa forma, o mundo virtual possibilitou a flexibilidade na escrita dos diários. As narrativas são postadas quase em tempo real, percebe-se uma necessidade desses

autores/produtores de sentirem-se reconhecidos aos olhos de quem os acompanham, ora em suas postagens escritas, ora em pequenos vídeos sobre o cotidiano.

O fenômeno dos diários publicados na Web, com toda a sua parafernália de confissões multimídia e, especialmente, as webcams que transmitem “cenas da vida privada” ao vivo durante as 24 horas do dia, fornecem um prisma privilegiado para examinar este desvanecimento dessa interioridade clássica e as novas tendências exibicionistas e performáticas que alimentam os atuais processos de identificação. (Sibilia, 2003, p. 8).

Essas publicações vão ao encontro de um público que aprecia nos mínimos detalhes a vida privada dos outros. A efervescência dessas produções, a repercussão que ganham em pouco tempo propicia o esquecimento delas com a mesma facilidade, o que as diferencia das produções dos séculos XIX e XX. Estas são carregadas de saudosismo, eram escritas para que, em algum momento, pudessem ser revisitadas, ou para guardar na memória, não havia, portanto, o desejo de ser visto, tampouco de expor para a sociedade suas intimidades ou seus sentimentos.

Convém lembrar que as produções de diários na web não anulam a escrita dos diários privados. Assim como há pessoas que gostam e querem expor suas vidas, há aquelas que ainda preferem a escrita íntima, preservada dos olhares curiosos.

### 2.3. A diferença entre diário e autobiografia

Por serem gêneros tão próximos e frequentemente confundidos, é necessário apontar as diferenças entre o gênero diário e a autobiografia. Ambos se voltam para imprimir em palavras aspectos de uma vida pessoal, expressando diversos sentimentos. A escrita é motivada pelas emoções, sejam elas dolorosas pela ausência ou manifestações afetivas de ordens distintas. Escreve-se apenas aquilo que parece importante registrar. Não se registra tudo; o processo de escolha não é aleatório, passa pelo crivo do interesse.

Narrar não consiste apenas em contar uma história, mas em projetar o leitor em um determinado tempo e espaço e fazer com que ele conheça um lugar, uma cultura. É nesse campo de interesse que gêneros como diários e autobiografias ganham espaço na literatura. Apresentam em suas estruturas várias características em comum, mas há aspectos que os distinguem. A palavra autobiografia tem suas raízes no grego, sendo: *auto* = a pessoa que fala, *bio* = vida; *grafia* = escrita. Logo, tem-se a escrita da vida de alguém. Tornando-se conhecida apenas no século XIX, o texto autobiográfico é uma narrativa cuja identidade do autor precisa constar, sendo considerado um texto documental que apresenta uma história em primeira pessoa. É importante esclarecer que a escrita se realiza no presente do passado. Nesse tipo de

texto, o narrador conhece o ponto de partida e o ponto de chegada, o que faz com que seja feita uma avaliação da vida de quem o escreve. Em vista disso:

A autobiografia está virtualmente concluída desde o começo, uma vez que, a narrativa deve terminar no momento em que escrevemos. Conhecemos o ponto de chegada da narrativa, uma vez que o estamos vivendo, e sabemos que tudo vai ser escrito para levar a esse ponto e explicar por que chegamos até ele. (Lejeune, 2008, p. 272).

Nesse sentido, uma vez pensada, a autobiografia é marcada pela ideia de narrativa fixa em que o autor decide por onde começar, o que falar e o ponto de chegada de sua história. Muitas são as características das autobiografias: apresentam um caráter mais jornalístico, uma sequência linear dos fatos, possuem um compromisso com a realidade e há uma predominância de verbos no passado.

O gênero diário e a autobiografia possuem estruturas semelhantes, mas se diferenciam: o diário pode, em sua elaboração, abordar o presente, o passado e um futuro possível. Portanto, acontecimentos marcantes, desabafos, lembranças, projetos de sonhos e reflexões fazem parte dos temas abordados. Já a autobiografia possui uma estrutura fixa em acontecimentos finalizados. Nesse caso, o eu falará restritamente sobre aquilo que lhe aconteceu. Não existe uma cogitação de fatos presentes ou expectativas do futuro; ou melhor, poderá ocorrer de, em um determinado momento, falar sobre expectativas em um passado de um futuro possível, mas, ao final, o leitor deverá saber se elas se concretizaram ou não. Quando se escreve sobre a própria vida, o sujeito pode ter uma visão constante de si, tendo a oportunidade de se ressignificar e observar suas transformações ao longo dos meses ou anos. É preciso compreender que a autobiografia é uma escrita sobre si, mas de forma objetiva, levando em consideração o distanciamento entre o fato narrado e o vivido. O diarista, no entanto, é um ser que está no presente com uma visão no passado e projetando-se no futuro, eis o porquê de sua escrita ser permeada de desabafos, sonhos e reconstrução de seu ser. Logo:

[...] no diário instala-se uma dicotomia fundamental entre vários *eus* que o habitam. O eu que escreve encontra-se muito próximo ao acontecimento descrito e bastante distanciado do eu que publica e não pode fazer calar o primeiro, sob pena de destruir o diário e fazer dele uma autobiografia. (Viana, 1995, p. 75)

A escrita tanto de diários quanto de autobiografias pode revelar aos diaristas e aos autobiógrafos aspectos antes desconhecidos por eles. Ao transpor-se para o papel, o eu que escreve projeta características, preferências, manias e até mesmo acontecimentos próximos com seu ponto de vista. Entretanto, o diálogo do eu que escreve e o que é descrito ainda, de acordo com Viana, difere-se do que publica; observa-se que esses eus surgem em contextos diferentes,

fazem parte e são essenciais para o escritor. Entretanto, o calar de um pode influenciar diretamente o gênero da produção. Citados como exemplo o diário e a autobiografia, tanto um quanto o outro possibilitam o contato com seu íntimo, que se mostra diferente a cada situação vivida. No diário, o eu que escreve é próximo do acontecimento descrito, característica de quem escreve para si. Já o eu que publica preocupa-se mais com o público ao qual compartilhará seus textos. Nas autobiografias, a identidade do ser que escreve é considerado o ponto de partida. As narrativas também se baseiam em acontecimentos em torno da vida de quem escreve, porém, há um maior distanciamento temporal. Embora uma das características da autobiografia seja a identidade real de quem a escreve, ela se aproxima do romance por possibilitar o campo da representação. O assunto essencial da autobiografia é a vida de quem a escreve, mas é possível encontrar nesse gênero outros tipos de gêneros permeando a escrita. Portanto,

o assunto principal deve ser principalmente a vida individual, a gênese da personalidade: mas a crônica, e a história social ou política podem também ocupar um certo espaço. Trata-se de uma questão de proporção ou, antes, de hierarquia: estabelecem-se transições com os outros gêneros da literatura íntima (memórias, diário, ensaio) e uma certa latitude é dada ao classificador no exame de casos particulares. (Lejeune, 2008, p. 15).

Assim, a estrutura da narrativa e o lugar de quem o diz são determinantes para a definição do gênero. No caso da autobiografia e do diário, por exemplo, o emprego dos verbos, a marcação do tempo, a liberdade de estar no presente, retornar ao passado ou projetar-se no futuro ou apenas narrar o passado são fatores que determinarão um ou outro gênero. Nesse sentido:

A história da autobiografia seria então, antes de tudo, a história de seu modo de leitura; história comparativa na qual poderíamos fazer os contratos de leitura propostos pelos diferentes tipos de texto (pois nada adiantaria estudar a autobiografia isoladamente, já que, assim como os signos, os contratos só tem sentido por seus jogos de oposição) e os diferentes tipos de leitura a que esses textos são realmente submetidos. (Lejeune, 2008, p. 46-47).

A citação acima faz uma abordagem quanto ao reconhecimento da autobiografia e o identifica a partir do modo de leitura que o determinará, uma vez que é possível encontrar a história da vida de alguém em uma carta, em uma música, em um diário e até mesmo em um poema. Nas autobiografias, o autor entrelaça-se com o narrador, pois neste modelo de narrativa, quem o escreve decide contar uma parte de sua vida e, no distanciamento entre o fato narrado e o acontecimento, o processo criador se estabelece no processo de recuperação das imagens.

O diário e a autobiografia são gêneros distintos que tratam da escrita sobre si, apresentando características próprias. O diário não se limita apenas à história individual do diarista; ele é uma narrativa que possibilita o registro histórico de um período específico e segue



uma estrutura narrativa linear, marcada por datas: dia, mês e ano. Por outro lado, a autobiografia é uma retrospectiva que o autobiógrafo faz de sua vida e personalidade, podendo abordar também questões políticas e sociais. Sua estrutura não segue necessariamente uma sequência cronológica, sendo o autobiógrafo livre para apresentar sua história conforme desejar. Outra diferença entre o diário e a autobiografia está na forma de finalização: toda autobiografia tem um término, um passado concluído; os diários não têm um fim definido, sendo uma escrita aberta que pode ser retomada sempre que houver interesse do autor. Sempre há novos fatos a serem narrados.

É enquanto diário que a autobiografia é interminável, da mesma maneira que enquanto autobiografia que o diário pode ser “terminado”. Toda autobiografia é terminável. (Lejeune, 2008, p. 273).

Enquanto o diarista pode retornar aos seus manuscritos quando desejar, o autobiógrafo não pode fazer isso, pois sua escrita é planejada com um início e um fim determinados. Assim, o autobiógrafo pode escolher quais passagens de sua vida deseja narrar, tornando-a terminável. Ambos os tipos de narrativas são narrados em primeira pessoa, mas nos diários, os autores podem usar pseudônimos quando não desejam usar seus nomes reais. Lejeune (2008, p. 24) afirma que: “o pseudônimo é um nome de autor. Não é necessariamente um nome falso, mas um nome de pena, exatamente como aquele que uma freira adota ao ser ordenada.” No diário de Helena Morley, por exemplo, a autora utiliza um pseudônimo, o nome Morley pertencente à sua avó materna. Esse nome consta na capa da obra *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley. Embora a autora use esse pseudônimo, no final do livro ela apresenta uma nota com seu nome original. Já as autobiografias apresentam em sua estrutura a identidade assumida pelo autor. Esse tipo de narrativa é marcado pelas memórias de quem as escreve; ao escrever um diário, o autor dedica horas de sua vida ao processo de relembrar o passado e dar sua impressão sobre os acontecimentos que considera importantes.

O diário íntimo, ao contrário da autobiografia, apresenta um menor espaço de tempo ao narrar os episódios pessoais. Segundo Remédios (1997, p. 14), “o diário íntimo diferencia-se da autobiografia quando se observa a perspectiva de retrospectão, pois há menor distância temporal e espacial entre o eu vivido e o registro vivido pela escrita.” Ou seja, a distância temporal é menor em relação aos fatos narrados, pois uma das características do gênero é uma escrita contínua por um determinado período marcada por dia, mês e ano. Nele, o autor faz reflexões sobre si mesmo, assim como sobre a sociedade na qual está inserido. Outra diferença entre os dois gêneros é a capacidade do diário de abordar o presente, o passado e fazer projeções para o futuro, enquanto na autobiografia o foco é principalmente o passado.

No gênero diário, é possível encontrar no caderno um amigo confidente, pois o eu que escreve dialoga consigo mesmo sobre os mais variados assuntos, como política, condição moral ou social, além de promover reflexões históricas. Para Remédios (1997, p. 127), “[...] A prática do diário, assim, aponta para o interior e para o exterior.” Portanto, o diarista escreve sobre o que pensa, o que sente e o que observa.

#### **2.4 A escrita e a memória de vida: por que escrevemos? Para quem escrevemos?**

As informações relativas a uma sociedade são essenciais para a preservação e a transmissão da história. Assim, a evolução da sociedade na segunda metade do século XIX evidencia a importância da função desempenhada pela memória individual ou coletiva naquela época. Os valores internalizados foram transmitidos oralmente ao longo das gerações e contribuíram para a preservação do trabalho histórico.

Por isso, a memória coletiva registra uma sociedade em desenvolvimento, deixando uma marca indelével na história das classes dominantes e dominadas, narrando as lutas pelo poder, pela sobrevivência e pela ascensão social. Documentos e monumentos contam a história desses grupos. Isso explica por que ao longo da história humana a necessidade de transmitir experiências pessoais foi tão premente para o desenvolvimento dos indivíduos ou de um determinado grupo. Nesse contexto, a figura do ancião era de extrema importância para os grupos sociais, pois por meio dele os ensinamentos eram transmitidos. Portanto, a preservação da memória foi de suma importância para as pessoas, uma vez que, durante muito tempo, ler, escrever e ter acesso a livros eram luxos reservados a poucos. Nesse sentido:

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (Le Goff, 1924, p. 425).

Se preservar a memória foi uma preocupação dos grupos e indivíduos, fica claro que havia mais do que a mera necessidade de transmitir informações; estava implícita a ideia de imposição ou dominação, uma vez que a história é contada conforme os interesses de quem detém o poder ou o conhecimento. Dessa forma, a memória é guardada para informar, preservar, lembrar ou reprimir. Sendo a memória um elemento crucial na formação e na dominação dos grupos, é por meio dela que o homem se constitui nos valores sociais e ideológicos. Embora esses valores se modifiquem ao longo do tempo, eles são fundamentais para a construção e formação da identidade individual ou coletiva; conhecê-los e compreendê-los é essencial para

entender as transformações e conquistas sociais, ou simplesmente a forma de dominação de uns sobre outros. Nesse sentido:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (Le Goff, 1924, p. 476).

A memória é um instrumento e um objeto de poder que nos ajuda a entender o passado e a considerá-lo passível de revisão. Portanto, visitar a história com a voz daqueles que foram dominados é ter a oportunidade de compreender ou ressignificar a luta daqueles que, por algum motivo, foram considerados marginalizados, tornando-se assim um instrumento de poder. Contar memórias, seja por meio de fotografias, monumentos, oralidade ou escrita, significa resgatar a história de todos aqueles que, de alguma forma, moldaram a história por meio de suas lutas. Le Goff (1924, p. 477) afirma que "A memória, onde a história cresce, que por sua vez a alimenta, busca preservar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar para que a memória coletiva sirva à libertação e não à servidão dos homens."

A partir dessa afirmação, podemos entender que a história de uma sociedade se desenvolve com a socialização das experiências individuais, havendo a necessidade de preservar o passado para servir ao presente. Compreender nossa história é fundamental para nos conhecermos como indivíduos de um determinado contexto, além de nos proporcionar uma maior compreensão da história atual, reescrevendo ou ressignificando o que conhecemos como fatos históricos. Nesse sentido, a escrita das memórias sociais ou individuais é importante para valorizar, conhecer e transformar os espaços.

Na atualidade, existem muitos meios de informação aos quais as pessoas têm acesso, mas nem sempre foi assim. Grande parte do conhecimento era transmitido oralmente. Nesse contexto, a escrita surgiu da necessidade de preservar a memória além da morte, tornando-se essencial para os indivíduos. Inicialmente, ela servia apenas como um meio de registro, mas com o tempo e a diversidade de livros e acesso a eles, mais pessoas começaram a ler e escrever sobre tudo o que sentiam necessidade de registrar. A vida passou a ser representada na escrita cotidiana, tornando-se uma forma de registrar a existência individual ou coletiva. Por meio dela, conhecemos boa parte das culturas, crenças e festividades. Conhecemos tudo o que está relacionado a um indivíduo ou a um ambiente; é por meio dela também que alguns fatos históricos se tornam presentes na sociedade. Nesse sentido, a escrita é um dos meios de

comunicação mais importantes da humanidade, pois serve para relembrar, desabafar, deixar um legado histórico, proporcionar entretenimento e é considerada uma forma de resistência às pressões diárias.

A vida passou a ser representada na escrita cotidiana e tornou-se uma forma de registro da existência individual ou coletiva. Por meio dela, conhecemos boa parte das culturas, crenças e festividades. Conhecemos tudo o que está relacionado a um indivíduo ou a um ambiente; é por meio dela também que alguns fatos históricos se fazem presentes na sociedade. Nesse sentido, a escrita é um dos meios de comunicação mais importantes da humanidade, visto que ela serve para rememorar, desabafar, deixar um legado histórico, proporcionar entretenimento e também é considerada uma forma de resistência às pressões diárias. Por conseguinte:

O aparecimento da escrita está ligado a uma profunda transformação da memória coletiva. Desde a "Idade Média ao Paleolítico" aparecem figuras onde se propôs ver "mitogramas" paralelos à "mitologia" que se desenvolve na ordem verbal. A escrita permite à memória coletiva um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável. A memória assume então a forma de inscrição e suscitou na época moderna uma ciência auxiliar da história, a epigrafia. (Le Goff, 1924, p. 429).

Dessa forma, era uma preocupação constante das pessoas guardar na memória os acontecimentos pessoais ou sociais, neste caso, a memória coletiva. Escrevia-se com o objetivo de poder retornar aos textos e lembrar fatos marcantes. Porém, durante muito tempo, os episódios históricos, as crenças e a cultura foram transmitidos oralmente. Era comum os pais, os filhos e os netos sentarem-se e ouvirem os ensinamentos dos mais velhos. Porém, muito do que se transmitia oralmente era esquecido, entendido ou interpretado de forma diferente, e, por isso, guardar na memória tornou-se uma preocupação constante na vida das pessoas. Assim:

No estudo histórico da memória histórica é necessário dar uma importância especial às diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita como também às fases de transição da oralidade à escrita, a que Jack Goody chama "a domesticação do pensamento selvagem". (Le Goff, 1924, p.425-426).

Observa-se, no fragmento, a preocupação com o estudo da memória e a transição da oralidade para a escrita. O que é chamado de “domesticação do pensamento selvagem” pode ser compreendido como uma tentativa de controle de interpretações nas informações transmitidas por escrito. Neste caso, a memória se entrelaça com os textos escritos, como forma de guardar histórias de forma palpável.

Na mitologia grega, as histórias eram transmitidas em forma de poemas épicos em que

deuses eram invocados para que os poetas tivessem inspiração no momento da declamação. Acreditava-se que ao invocar deuses como, por exemplo, Mnemósine, o poema seria tanto declamado quanto guardado de forma fácil na memória dos ouvintes. Nas camadas populares, as histórias, crenças e cultura eram transmitidas através de trovas e versos, pois assim eram mais fáceis de serem memorizadas. Ao longo do tempo, os versos foram substituídos por narrativas curtas, o trovador deu lugar ao narrador. Este também esteve presente nas camadas populares. Walter Benjamin nos afirma que:

O grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais. Contudo, assim como essas camadas abrangem o estrato camponês, marítimo e urbano, nos múltiplos estágios do seu desenvolvimento econômico e técnico, assim também se estratificam de múltiplas maneiras os conceitos em que o acervo de experiências dessas camadas se manifesta para nós. (Benjamin, 1985, p.214)

Para Benjamin, buscar nas camadas artesanais as histórias que eram narradas, além de possibilitar a comunicação, permitia também ensinamentos a outras pessoas a partir das experiências narradas. Neste caso, as narrativas vinham sempre com uma moral. Tendo como referência o Ocidente, a tradição de contar histórias de forma oral perdeu espaço para textos escritos, como o romance que surgiu a partir da invenção da imprensa, ocasionando que as narrativas de forma oral fossem substituídas em algumas camadas sociais por textos impressos. Estes começaram a ser escritos com características informativas, depois enquanto narrativas de ensinamentos, o saber agora não consistia apenas em ouvir as experiências dos mais velhos, mas também se fazia presente nos livros. É interessante observar que ainda há povos que cultivam a oralidade, sendo considerados ágrafos.

Nesse sentido, de acordo com Le Goff (*apud* Leori-Gouhan, 1994, p. 72- 73), "O século XVIII e uma parte importante do XIX viveram ainda sob cadernos de notas e catálogos de obras; entrou-se em seguida na documentação por fichas que realmente apenas se organizam no início do século XX." Observa-se a escrita como armazenamento de informações importantes e, com o passar do tempo, exerceu outras funções além da documentação.

As pessoas escrevem por diversos fatores. Vejamos alguns exemplos: guardar na memória situações que julgam importantes, expressar sentimentos, passar informações, falar sobre a sua vida, suas conquistas, sonhos, desejos, decepções, amores proibidos, como forma de entretenimento, enfim, escrevem porque encontram na caneta e no papel o amigo para as aventuras da vida. Alguns textos são feitos e pensados para uma pessoa em particular, como as cartas, por exemplo, outros para um público leitor, neste caso os contos, fábulas, crônicas, romances. Há também aqueles que exercem a função de denúncia e resistência encontrados em

relatos, poemas, músicas e nas cartas; existem textos que representam histórias da vida de quem os escreveu ou de outrem. Eles são nomeados de memorialísticos e estão presentes em gêneros como biografias, autobiografias e diários. Nesse contexto de escrita intimista, o diário se destaca como um texto com uma linguagem livre, despreocupada, uma vez que é uma escrita sem intenção de publicação. A narrativa gira em torno da vida cotidiana que o diarista procura com riqueza de detalhes prender na memória. Neste caso:

[...] a anotação cotidiana, mesmo que não seja relida, constrói a memória: escrever uma entrada pressupõe fazer uma triagem do vivido e organizá-lo segundo eixos, ou seja, dar-lhe uma “identidade narrativa” que tornará minha vida memorizável... O diário será ao mesmo tempo arquivo e ação, “disco rígido” e memória viva. (Lejeune, 2008, p. 262)

Considerado por Lejeune como “memória viva”, escrever cotidianamente, então, pressupõe guardar o passado em palavras no papel e poder revivê-lo quando sentir saudade. É isso que acontece também com os diários. Com uma escrita de confissão, o diarista narra suas histórias com o objetivo de “prender”, de revivê-las em outro momento. Para Lejeune (2008, p. 261), “É, em primeiro lugar, para si que se escreve um diário: somos nossos próprios destinatários no futuro. Quero poder, amanhã, dentro de um mês ou 20 anos reencontrar elementos do meu passado: os que anotei e os que associarei a eles em minha memória [...]”. O diário é uma narrativa intimista, por se tratar de uma escrita de si para si, muitos segredos são revelados nele. Quem o escreve pretende, em algum momento da vida, retornar ao seu texto com o objetivo de lembrar fatos da vida íntima ou social ou mesmo para escrever algo do passado que ela considera interessante no momento da escrita, conforme é possível observar no fragmento abaixo da obra *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley.

Agora que acabei de escrever é que estou vendo como eu estava idiota de desejar ser do tempo só para não passar meus babados a ferro. É por isso que mamãe e minhas tias gostam tanto de trabalhar.

Por falar em babado, lembrei-me de uma coisa muito engraçada de vovó. Quando ela vê a sala cheia de mulheres esperando o jantar pergunta para Dindinha, na vista delas: "Chiquinha, minha filha, como você vai se arranjar com tanto franzido no babado?" Dindinha responde: "desfranzi, minha mãe". Vovó então pode ficar descansada, porque isto quer dizer que Dindinha mandou pôr mais água e couve no feijão. (Morley, 2016, p. 96)

Guardamos na memória muitas lembranças boas, mas nem sempre conseguimos conservar tudo o que queremos; ao que tudo indica, muitas coisas ficam esquecidas e, de quando em quando, ao nosso subconsciente elas retornam. Imagens de um lugar apreendemos na memória, mas os detalhes são esquecidos, pessoas são esquecidas, episódios da infância, adolescência e até mesmo da vida adulta podem ser esquecidos. Por isso, nada melhor que um

diário para guardar na memória.

O enriquecimento histórico que a escrita de um diário pode deixar é algo importante para a sociedade, pois a partir dele é possível construir ou ressignificar a história de um local. A obra *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley é um exemplo disso, pois muito sobre Diamantina, do século XIX, foi revelado; a vida pessoal, a instituição familiar, a condição da mulher, dos negros, as crenças, a religiosidade e o preconceito racial são alguns exemplos do que é possível ver através desta obra. Há, portanto, uma narrativa memorialística em que a representação do coletivo se faz presente. Assim:

Digamos que um diário serve sempre, no mínimo, para construir ou exercer a memória de seu autor (grupo ou indivíduo). Quanto ao conteúdo, depende de sua função: todos os aspectos da atividade humana podem dar margem a manter um diário. (Lejeune, 2008, p. 261).

Rememorar, conhecer, ressignificar são algumas funções que um diário exerce para quem o escreve ou o lê. Nessas narrativas encontram-se os mais variados aspectos da vida de uma pessoa ou sociedade. Os desejos, os sonhos, as decepções, os segredos indizíveis, enfim, tudo que uma pessoa deseja na escrita representar.

Quase todos os textos narrativos são escritos e pensados em um público leitor de um determinado período. Esse público, durante muito tempo, não interagiu com o autor e havia uma preocupação sobre quem faria a leitura, qual seria o perfil do leitor? No entanto, não existia um feedback dele. Alguns autores, em suas narrativas, procuram aproximar ou até mesmo trazer para a obra o leitor fictício, neste caso é imaginado pelo autor; este, por sua vez, desaparece com o leitor real, aquele que recebe o texto, faz comentários acerca da obra, questiona a veracidade das informações ali apresentadas. Porém, existem textos que são pensados e escritos apenas para quem o escreve, neste caso, os diários.

Durante muito tempo, os diaristas que se propuseram a escrever não o fizeram com o objetivo de uma publicação, tampouco pensando em um público, pois colocam em seus manuscritos o que pensam acerca de suas vidas, das pessoas com as quais conviveram ou da sociedade à qual estavam inseridos; escreviam para si, como forma de fuga do mundo, o diário era visto como um refúgio ou não. É possível ser compreendido também como uma escrita que possibilitasse o prazer. Tem-se na escrita desse gênero uma narrativa que liberta, mas ao mesmo tempo aprisiona ao calendário e à escrita habitual. Helena Morley sabia que seu diário seria lido por seu professor e, em algum momento, por seu pai, por isso, ao escrever sobre seu comportamento individual ou pontuar costumes, ela coloca-se em campo de desafio.

São ilimitados os motivos que levam uma pessoa a escrever uma história; normalmente

quem o faz é motivado de acordo com o que se propõe a narrar. Em uma autobiografia, por exemplo, o autor pode desejar ser reconhecido por seus feitos, expor suas experiências, pensar no que vai narrar e a que público ele deseja alcançar; já quem escreve um diário pode desejar guardar na memória a nostalgia do passado; procurar fugir às pressões sociais, neste caso, a escrita permite uma liberdade de expressão.

O diário ou uma autobiografia possibilita uma apreensão do mundo dos afetos, das relações familiares de um determinado grupo ou período. Nestas narrativas, os fatos históricos trazem o olhar de quem os escreve; na maioria das vezes, essas histórias se diferem um pouco ou completamente das apresentadas em livros de história ou monumentos históricos, pois normalmente é o lado do vencido que é apresentado. Neste caso, o desejo de apresentar as suas experiências e as de outrem em narrativas memorialísticas é o que motiva muitos diaristas. Assim:

A motivação memorialística costuma ser simples: esta é uma boa história para se contar, com personagens vivazes que ganham uma nova carga de inspiração por terem existido de verdade. Pode registrar, com algum valor, um tempo, um lugar, um lugar num tempo. Os memorialistas costumam ser líricos- afinal, Deus sabe que eles têm tempo. (Lazar, 2018, p. 65).

Poder registrar o passado é conservar e valorizar as histórias de pessoas ou de um lugar. Por isso, escritas que trazem em motivação narrativas memorialísticas são importantes para a sociedade, por permitir uma análise do que se conhece como história oficial; de quem são os discursos por ela empregados, entender quem conta, de que lugar conta, o porquê de narrar. Tanto a autobiografia quanto o diário são produções nas quais os autores registram momentos de suas vidas com o propósito de livrá-los do esquecimento, criando para si memórias no papel. Para Le Goff (1924, p. 410), “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.” Da mesma forma que a escrita é a busca da identidade, a memória individual ou coletiva é importante nessa construção.

A escrita serve para rememorar o passado, para guardar momentos considerados importantes. Deixar as memórias de uma vida escrita, seja em diários seja em autobiografias, é possibilitar aos leitores desses gêneros observarem as mudanças temporais e entender o presente com um olhar atento ao passado. Esses gêneros têm o poder de confrontar a história, pois tanto o autobiógrafo quanto o diarista apresentam, mesmo que de forma indireta em seus discursos, a história de um lugar e apresentam-na de acordo com as suas impressões, o que pode significar narrar a história com um olhar atento para aquele que foi considerado, durante muito tempo, o



marginalizado, como também poderá ir de encontro ao que já conhecemos da história.

Octávio Paz nos afirma que um poeta não escapa à história; a mesma coisa também acontece com escritores dos mais diversos gêneros, pois em suas narrativas, por mais íntimas que sejam, é possível encontrar no discurso empregado por eles a ideologia e a história, comportamentos individuais ou coletivos. Por isso, a escrita como memória de uma vida apresenta relevância não somente para quem escreve, mas também para a sociedade.

A memória de uma vida, em muitos momentos, se apoia na história local, porém, por se tratar de algo pessoal, ela é intensa para quem a vive, enquanto a história local faz parte de um todo, eis o porquê de ser impossível escrever as memórias de uma vida desvinculando-a da memória histórica. Os espaços narrados, o modo de vida, as crenças, a religiosidade, as brincadeiras, tudo faz parte da memória individual ou coletiva de alguém. Logo:

Frequentemente, consideramos a memória como uma faculdade propriamente individual, isto é, que aparece numa consciência reduzida a seus próprios recursos, isolada dos outros, e capaz de evocar, quer por vontade, quer por oportunidade, os estados pelos quais passou antes. (Halbwachs, 1990, p. 57)

Sendo assim, as lembranças de alguém são inerentes aos seus desejos; a qualquer momento, elas se presentificam na consciência das pessoas. É possível encontrá-las nos gêneros memorialísticos, como, por exemplo, diários e autobiografias, levando tanto o autor quanto o leitor a refletir sobre situações ou transformações pelas quais ele e a sociedade passaram. Assim, quando se pensa em colocar em papel as histórias de sua vida, o escritor não está somente conservando suas memórias pessoais; ele contribui com as impressões da memória coletiva.

Portanto, quando o diarista, por exemplo, escreve, ele procura apreender por meio da escrita os acontecimentos de um dia, dando a eles suas impressões pessoais. Seus relatos, suas confissões, suas lembranças permitem-nos imaginar como era a vida tanto de quem escreveu quanto das pessoas no período citado.

O passado é representado no mundo da escrita como forma de organizar os pensamentos por parte de quem os escreve, ou seja, algumas pessoas escrevem por necessidade de refletir, por necessidade de expressar no papel o indizível; outras porque encontram na escrita o amigo de uma vida; algumas escrevem porque desejam guardar momentos; já outras desejam apenas falar sobre seus sentimentos, desejos, decepções, necessidade de narrar as agruras da vida; tem também aqueles que escrevem para posicionar-se criticamente diante de alguns episódios. Imagina-se que quando uma pessoa escreve por algum dos motivos acima citados, ela não está pensando em um público em específico. Esse tipo de escrita funciona mais como um diálogo com o seu eu interior, é, portanto, uma escrita de si para si. Neste caso, ela funciona como um

suporte da memória ao qual a pessoa escreve como forma de organizar pensamentos, sentimentos e guardar sua história de vida.

### 3 A ESCRITA EM FORMA DE DIÁRIO PUBLICADAS NO BRASIL: UM PERCURSO

O diário possibilita que as memórias pessoais e os registros de cunho histórico e social de um determinado tempo e lugar sejam preservados. Ele contém informações diversas: reflexões existenciais voltadas para a complexidade da natureza do ser humano, aspectos culturais presentes no cotidiano, fatos político-sociais, entre outras questões que são apreendidas e selecionadas pelo olhar daquele que o escreve, o diarista. Os diários, principalmente os escritos por mulheres, no século XIX, representam o papel da mulher em uma sociedade pautada pelos valores reconhecidamente patriarcais.

Impedidas de participar da vida pública, as mulheres encontraram no diário um confidente fiel no qual se refugiam, ou mesmo se aprisionam no mundo da escrita. Nele, expressam os seus segredos mais íntimos, percorrem lugares proibidos, sonham, aspiram uma vida diferente. A escrita desse gênero evidencia a superação de obstáculos familiares, religiosos ou mesmo sociais por parte de mulheres que se aventuraram na sua elaboração.

Na literatura brasileira, algumas escritoras abordaram em romances, contos e poesia a condição feminina. Duarte (2008, p. 18) afirma que Dionísia Gonçalves Pinto utiliza-se do pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta. Nísia é o diminutivo de Dionísia, Floresta para lembrar o sítio floresta, Brasileira para afirmar o sentimento nativista e Augusta uma homenagem ao esposo Manuel Augusto. A autora se destaca ao publicar, em 1832, o primeiro livro em solo brasileiro *Direito das mulheres e injustiça dos homens*.

Entretanto, foi no gênero diário que a voz feminina se expressou sem julgamentos. O primeiro diário que se tem notícia no Brasil foi *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley, objeto da presente pesquisa. Conforme já comentado, ele foi iniciado no ano de 1893 e publicado meio século depois. Observa-se que outros diários devem ter sido escritos nos séculos anteriores, mas ainda não foram divulgadas pesquisas que pudessem atestar a existência de diários antes do escrito por Helena Morley. Muitas pesquisas ainda precisam ser realizadas sobre a produção literária de mulheres no Brasil nos primeiros séculos do Brasil Colônia e, depois, no Brasil Império.

Outros diários foram publicados, posteriormente, dentre eles destacamos alguns que foram escritos nas primeiras décadas do século XX, mas assim como o de Helena Morley, foram publicados anos mais tarde. Alguns tinham como pretensão ser uma escrita de “si para si”, conforme nos fala Lejeune, outros foram escritos com a intencionalidade de publicação. Há também aqueles que misturam gêneros, autobiografia e diário ao mesmo tempo, como o de Maura Lopes Cansado, em "*Hospício é Deus: Diário I*".

Em 1950, Adelaide Carraro escreveu o diário intitulado "Eu e o Governador". Nele consta a história de uma ex-tuberculosa que tem intenções de arrumar um emprego público para a sua manutenção. Apaixona-se pelo governador, tem um romance proibido, mas com o decorrer dos dias decepciona-se, pois compreende que não há políticas públicas que tratam e amparam os ex-tuberculosos. Também escancara críticas sobre a exploração sexual e o abuso de poder que os homens públicos, de uma forma bem geral, submetem mulheres vulneráveis. Segundo Viana (1995, p. 124), no diário “não há registro de datas precisas, mas parece referir-se ao ano de 1952 ou 1953”. Vale observar que suas críticas se estendem à falta de verbas públicas para sanatórios que operam em condições miseráveis e atendem a um grande público.

Não muito diferente, temos também o diário da mineira Maura Lopes Cansado, intitulada "Hospício é Deus: Diário I", também escrito ao final da década de 50 (1959 a 1960) que denuncia as condições miseráveis do hospício Gustavo Riedel, bem como a forma truculenta de tratamento a que são submetidos os pacientes.

É uma obra que se desdobra em dois gêneros, sendo inicialmente uma autobiografia com depoimento contundente do estupro por ela sofrido em sua infância, bem como outras questões de ordem pessoal. Proveniente de uma família influente mineira, Maura Lopes descreve a si como uma menina mimada, uma adolescente com transtornos psicológicos e que tem todas as suas vontades atendidas pelo pai e, ao fim, depois de passagens por várias clínicas psiquiátricas termina sendo internada em um hospício público. Nele, ela inicia o seu diário, orientada por amigos escritores, como: Reinaldo Jardim, Ferreira Gullar, Mário Faustino, entre outros, com os quais compartilhou alguns anos escrevendo para o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil. São depoimentos contundentes sobre as condições as quais os pacientes eram submetidos. Seu diário foi publicado pela primeira vez em 1965.

É importante fazer referência ao diário de Carolina Maria de Jesus, também escrito na década de 50, entre os anos 1955 e 1959, e tem como título "Quarto de despejo: o diário de uma favelada". Assim como o de Maura Lopes Cansado, o diário de Carolina Maria de Jesus foi escrito com a intenção de ser publicado, posteriormente. Seguindo o gênero, tem todas as datas registradas e detém-se sobre o seu cotidiano na favela. Ela quebra padrões: negra, semianalfabeta, favelada, catadora de papel na grande São Paulo, seu diário descreve a luta cotidiana por alimento e a busca pela sobrevivência. Sua obra foi publicada, em 1960, auxiliada pelo jornalista Audálio Dantas, tornou-se conhecida e seu diário traz aspectos sócio-políticos, culturais e econômicos. Moradora da favela Canindé, denominada por ela como quarto de despejo da grande São Paulo, Carolina denuncia as condições miseráveis dos moradores da periferia paulistana.

Em 1957, Dinorah Renault Junqueira publica "Lembranças do meu tempo", produção independente, nele a autora relata as dificuldades na infância, as surras que levava do pai, o cuidado, mas ao mesmo tempo a falta de carinho da mãe. Na adolescência morava com os avós, descreveu as festividades religiosas, o carnaval e as figuras populares. Viana aponta (1995, p.136) que na dedicatória a autora afirma que o objetivo da publicação de suas lembranças era demonstrar a filha o quanto ela deveria sentir-se feliz por ter um pai carinhoso e um lar confortável.

Áurea Neto Pinto publicou, em 1969, o diário "Serra da Boa Esperança". Há relatos da autora sobre sua infância, o convívio com a família, as pessoas mais velhas, os amigos e a rua, porém, um ponto relevante no diário é que o foco da narrativa não é somente o eu que escreve, mas a cidade de Boa Esperança- MG, as pessoas e cultura local. A autora faz uma homenagem a cidade, a cordialidade, e a bondade das pessoas como característica local.

Outra escritora que se destaca é Edésia Correia Rabello, com a obra "Lá em casa era assim", publicada no ano de 1964. A narrativa tem como cenário a cidade de Diamantina e apresenta algumas personagens citadas por Helena Morley no diário *Minha Vida de Menina*. Edésia escreveu o livro enquanto sofria de reumatismo, porém não se deixou levar pelo pessimismo e revelou-se forte, motivada pela vontade de viver. Viana (1995, p. 50) afirma que durante a narrativa a autora não constrói um texto voltado apenas para ela, mas atribui um lugar de destaque a cada pessoa com as quais tem uma relação próxima.

Já Maria Izabel Silveira, filha de uma memorialista, publicou em 1962 uma obra intitulada "Izabel quis Valdomiro". Nela há relatos sobre sua infância em Minas Gerais e depois em São Paulo. A diarista escreveu sobre si mesma, o cotidiano de uma dona de casa, a culinária e, em especial, sobre os filhos. Maria Izabel Silveira era uma dona de casa tradicional e referia-se à maternidade como forma de endear o sexo feminino.

O livro de Raquel Jardim, "Os Anos 40", discorre sobre temáticas do cotidiano, costumes, religiosidade, casamentos por conveniência e a forma de enclausuramento da mulher mineira. A obra foi publicada em 1979. Observa-se que a autora se utiliza de uma estratégia do subentendido, compreendida assim, pois o leitor complementa ou interpreta a partir de sua leitura. De acordo com Viana (1995), é uma obra de relativa importância para o gênero.

Contudo, nem todas as narrativas de autoria feminina relatam a vida opressora da mulher. Para Viana (1995), "Oito décadas", narrativa escrita por Carolina Nabuco em 1973, não apresenta nenhuma atitude que depreciava a moral ou algo que estava fora das regras ou costume da época em que foi escrito. O livro retrata a história dos Nabucos e do Brasil, organizado em capítulos, pontuado por décadas. Consta de fatos históricos do período de 1890

até 1960. Além disso, escreve sobre a infância, a política, as transformações dos costumes com a virada do século e, sobretudo, o amor da autora pelo pai.

O livro "Tudo em Cor-de-Rosa", de Yolanda Penteadó, publicado em 1976, traz a trajetória das bienais de São Paulo, destacando o Estado de São Paulo como um importante espaço cultural para o Brasil. O título da obra representa a vida de luxo da autora, descendente de barões de café, que se casou com o milionário Matarazzo.

Apresentamos as principais referências de obras do gênero diário publicadas em meados do século XX, tendo como referências os estudos de Viana (1995). É importante pontuar que são escritas femininas que refletem sobre suas vivências. Assim como *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley, esses registros são pautados, em sua maioria, a partir de perspectivas críticas em torno do cotidiano, da classe social, dos limites impostos por gênero e cor, do saudosismo da infância, das festas religiosas e da cultura. No entanto, há uma diferença fundamental entre essas obras e a de Helena Morley: elas foram escritas por mulheres na fase adulta, enquanto *Minha Vida de Menina* foi escrita por uma pré-adolescente, apesar de pontuar questões tão importantes para a compreensão da sociedade mineira, mais precisamente de Diamantina, em fins do século XIX.

### **3.1 A escrita em forma de diário de autoria feminina: uma questão de gênero**

O diário é uma narrativa que fornece informações sobre quem o escreve, o ambiente íntimo e cultural do diarista, portanto, sua leitura não pode acontecer de forma rápida. Embora seja uma escrita para si, os diários seguiam padrões sociais. Segundo Lejeune (1997, p. 105), “Os anos de 1830 a 1850, durante a era romântica, foram um período de liberdade relativa no que diz respeito a essa prática ... ao passo que, no período seguinte, de 1850 a 1880, a ordem moral e pedagógica e as restrições religiosas prevaleceram.” Compreende-se que esse tipo de escrita era supervisionada, pois a ideia era prepará-las para a esfera privada. Ainda, segundo Lejeune (1997), o diário fazia parte de um sistema disciplinar com o objetivo de tornar as meninas uma boa esposa, uma mãe exemplar e uma cristã convicta. Sendo assim, sua produção estava mais voltada para o gênero feminino, em especial, as filhas da nobreza ou da burguesia, enquanto os meninos tinham sua formação voltada para uma profissão.

No entanto, conforme Nascimento e Patrini-Charlon (2010, p.b1), o diário, inicialmente, era uma escrita masculina, normalmente produzida por membros da corte, que relatavam nele as guerras, as viagens e os fatos históricos. O gênero se difundiu entre as mulheres nos séculos XVIII e XIX, quando elas começaram a escrever sobre a rotina e os acontecimentos.

Durante muito tempo, a mulher foi considerada um ser inferior em relação ao sexo oposto. Por essa razão, a distinção entre ambos ocupou todos os patamares sociais, criando-se a ideia de que o homem era livre e as mulheres, por serem consideradas o sexo frágil, tinham uma educação voltada para cuidar do lar, dos filhos e do marido. Porém, aos poucos elas alcançaram pequenas conquistas, como frequentar espaços além do âmbito doméstico, o direito de estudar e ter uma formação profissional - no início, apenas o exercício do magistério, mas com o passar do tempo, tiveram a liberdade de escolher outras profissões - e o direito ao voto e à participação ativa na política.

Assim, é importante ressaltar que essas conquistas começaram de forma progressiva e, em relação à escrita, inicialmente, eram tímidas, em muitos momentos fiscalizadas pelo pai ou professor(a) e eram concebidas em um lugar de reclusão, na intimidade de seus quartos. Elas escreviam sobre si, sobre o que pensavam: seus desejos e frustrações, sobre o passado, as memórias que lhes vinham à mente, observavam a sociedade e o comportamento das pessoas e realizavam reflexões. Dessa forma, surgiam cadernos de anotações cotidianas que mais tarde seriam chamados de diários. Para Lazo e Leonel (2012, p. 3-4), “[...] o diário configura-se como o gênero narrativo menos valorizado e mais identificado com a escritura de autoria feminina. Isto porque os diários retratam o dia a dia da família, e estão repletos de observação dos detalhes banais da vida.” Leva-se em conta a proximidade entre a vida e a escrita, pressupondo menos a presença do ato criativo. É muito comum na sociedade uma menina ou mulher escrever um diário, pois durante muito tempo foi visto e incentivado como uma escrita tipicamente feminina. O gênero ganhou as características que se conhece hoje somente no final do século XIX, conforme se observa no comentário a seguir:

Apenas no fim do século XIX e início do século XX, o diário pessoal começou a tomar as características através das quais o conhecemos hoje, ou seja, como o “livro do eu”, escritura tipicamente feminina, em que sentimentos, questionamentos e reflexões autoanalíticas, que buscam a autoconsciência, revelaram-se como conteúdo principal do texto. Esse diário, de conteúdo profundamente subjetivo, é atribuído às mulheres, já que era o meio de escrita permitido a elas, em que podiam se expressar com liberdade, e o faziam, muitas vezes na tentativa de definir ou mesmo buscar sua identidade e seu papel na sociedade. Assim, o diário, nessa perspectiva intimista, foi considerado um tipo de escrita inferior, vulgar, sem qualquer mérito literário, por não utilizar necessariamente de recursos estilísticos e por ser tratado apenas como refúgio das mulheres. (Nascimento; Patrini-Charlon, 2010, p. 3).

Lejeune (2008) menciona que na França, no século XIX, o diário era o presente mais escolhido para ser oferecido às meninas, pois era permitido que elas cultivassem o ato da escrita íntima, como uma forma de vigilância dos pais. Atualmente, ele ainda é presente no universo feminino. É comum as meninas ganharem diários e os meninos outro tipo de entretenimento.

Entretanto, mesmo sendo um gênero considerado do universo feminino, nem todas as mulheres podiam desfrutar do prazer da escrita, pois havia um número reduzido de mulheres alfabetizadas.

No Brasil, a alfabetização feminina coincide com o Romantismo na literatura, o que mostra o quão o país era regido por preceitos patriarcais. As mulheres têm acesso à leitura e à escrita somente no final do século XIX, porém de forma tímida e não era uma escrita memorialística. Elas escreviam sobre o que não era possível expressar. Viana afirma que “havia começado a escrever sobre seu silêncio e a partir dele. Para se conhecerem, para se reverem, constituírem, escreveram e continuam a fazê-lo cada vez mais, sobre sua verdade desconhecida.” Neste caso, a escrita é considerada uma descoberta sobre si, seus sonhos, seus desejos, sua liberdade de frequentar espaços fora do âmbito familiar. Assim, é considerada uma escrita libertadora que rompia o silêncio imposto por uma sociedade de princípios patriarcais.

No século XIX, a escrita memorialística ganha força nos países europeus, mas no Brasil, as obras escritas ainda eram predominantemente masculinas. É evidente quando se observa que os livros memorialísticos mais antigos, escritos por mulheres, foram publicados apenas no final do referido período. São eles: "Reminiscências", de Maria Eugênia de Castro, escrito em 1893, reeditado em 1975, e *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley, diário escrito entre 1893 e 1895, mas publicado apenas em 1942 conforme apontou Viana. As duas obras são consideradas os livros mais antigos de memórias publicados no Brasil. Observa-se que as obras escritas levavam um tempo até serem publicadas, ficavam, portanto, guardadas para que em algum momento fossem lidas ou reveladas por quem as escreveu ou por algum familiar. Em *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley, conforme já comentado, a autora era uma adolescente quando escrevia em seu diário, mas a publicação dele só ocorreu quando ela já estava envelhecida.

Segundo Maria José Mota Viana, o desenvolvimento não só da imprensa, mas de toda a sociedade brasileira e, principalmente, da renovação literária que modificou o país, se deu após 1922. A partir desse período, obras escritas por mulheres ganharam visibilidade e escritoras como Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, Clarice Lispector, entre outras, tornaram-se referências literárias no país.

Após essa revolução literária, editoras abriram espaço para outras produções de cunho feminino. Viana nos afirma que “Nos anos setenta e marcadamente na década de oitenta, houve um verdadeiro boom editorial de obras femininas de cunho memorialístico.” Ou seja, as obras passaram a ter mais visibilidade. Obras como diários, memórias, biografias e autobiografias passaram a ser produzidas em grandes quantidades. Escrever tornou-se para o universo



feminino uma forma de desencarceramento. A escrita, nesse sentido, tem o poder de liberdade de expressão, mesmo que de forma tímida, ao mesmo tempo em que possibilita um autorreconhecimento. Logo:

[...] as mulheres coibidas de uma participação efetiva na sociedade, reduzidas à estreiteza das alcovas e cozinhas onde a fala possível era o murmúrio da prece ou os cochichos comadrescos, começaram a encontrar domínio do campo masculino. Para elas a escrita tem inicialmente a mesma função que lhe confiaram os pitagóricos, os socráticos e os cínicos, como nos afirma Michael Foucault, qual seja, de treinamento de si mesmo, indispensável para se aprender a arte de viver... O fato de escrever para si e para o outro passou a desempenhar um papel considerável. Mesmo porque escrever possibilita a leitura e vice-versa, num movimento circular onde escrever sobre si permite o ler-se e, conseqüentemente, o conhecer-se e reinscrever-se. (Viana, 1995, p. 25).

Restrita ao âmbito doméstico, a mulher começou a escrever para si, ainda não uma escrita memorialística, mas uma escrita de memorização, exame de consciência ou meditação. Somente com o passar do tempo, a escrita no universo feminino foi além do autoconhecimento e passou a apresentar relatos de experiências vividas e da sociedade na qual estava inserida. A mulher escreveu sobre seu passado recorrendo ao olhar sensível e atento a tudo que acontecia ao seu redor, mas ainda presa à cultura de princípios patriarcais vigentes. Viana diz que “Desprovida de linguagem própria, a mulher memorialística lança seu olhar para o passado e o recompõe no presente exatamente dentro dos moldes socioculturais que lhes são prescritos.” Vê-se que a escrita feminina desponta, ainda que timidamente. É nesse cenário que surge a primeira obra memorialística escrita por uma mulher, intitulada "Reminiscências", de Maria Eugênia, em Piracicaba, São Paulo. Segundo seu filho, é um documentário de cunho histórico-pátrio, mas também apresenta o modelo familiar do momento no qual a figura paterna é considerada superior. A narrativa é configurada como um diário, pois apresenta em sua estrutura a fragmentação do calendário, ou seja, dia, mês e ano.

Os textos memorialísticos são importantes para entendermos a atuação da mulher no século XIX. Para Viana (1995), “O fenômeno cultural literário de uma vasta produção de textos de memórias em geral e, particularmente de memórias femininas, importantes para a revisão do papel histórico-social da mulher, deve ser observado à luz dessa nova realidade do país.” Ou seja, nesses textos encontram-se informações sobre a organização familiar, as funções das mulheres, os espaços ocupados por elas e sobre a educação à qual eram submetidas:

A escrita feminina é fortemente marcada pelas relações, condições e trocas sociais, culturais, econômicas, intelectuais, linguísticas e geopolíticas que são estabelecidas entre os indivíduos, as comunidades e os povos desse mesmo país. Ela evidencia portanto as relações de gênero e as de poder e, assim, a sua característica como uma espécie de ‘impressão digital’ sobre os movimentos de seu tempo. (Tayassu, 2015, p.

213).

Portanto, é possível perceber, por meio da escrita feminina, a condição social, a cultural e a relação de gênero e poder presentes na sociedade na qual estava inserida. Por isso, os espaços ocupados por mulheres ainda geram muitos debates, pois refletir sobre eles significa entender as posições ocupadas por elas, as lutas e conquistas de direitos ao longo das décadas e, ao mesmo tempo, compreender que ainda existem pensamentos de que as mulheres possuem, por natureza, papéis atribuídos a elas como, por exemplo, a vida doméstica. Segundo Flávia Biroli:

Na modernidade, a esfera pública estaria baseada em princípios universais, na razão e na impessoalidade, ao passo que a esfera privada abrigaria as relações de carácter pessoal e íntimo. Se na primeira os indivíduos são definidos como manifestações de humanidade ou da cidadania comuns a todos, na segunda é incontornável que se apresentem em suas individualidades concretas e particulares. Somam-se, a essa percepção, estereótipos de gênero desvantajosos para as mulheres. Papéis atribuídos a elas, como a dedicação prioritária à vida doméstica, e aos familiares, colaboraram para que a domesticidade feminina fosse vista como um traço natural e distintivo, mas também como um valor a partir do qual outros comportamentos seriam caracterizados como desvios. A natureza estaria na base das diferenças hierarquizadas entre sexos. (Biroli, 2014, p. 31).

É notório que a relação entre espaço público e privado, mesmo com as conquistas ao longo da história, ainda delimita a autonomia de muitas mulheres, pois ao preservar os direitos da esfera familiar, há uma espécie de dominação ou mesmo opressão do ser masculino sobre o feminino. Observa-se que, nesse espaço de individualidade familiar, muitas mulheres ainda são limitadas apenas à vida doméstica. Nas políticas vigentes, percebe-se a existência da impessoalidade em algumas questões familiares; nesse sentido, existem temas relacionados à vida privada que não sofrem interferências do Estado.

Com uma escrita considerada não ameaçadora, a mulher começou a se apropriar da palavra e logo se tornou um elemento indispensável como seus ofícios. Por isso, escrever um diário tornou-se um exercício de disciplina, marcado continuamente por uma produção diária. Em grande parte, a diarista traz à memória as lembranças do âmbito privado, pois o acesso a alguns espaços públicos não lhe era permitido. Por isso, a leitura e a escrita são importantíssimas para a luta feminina. Perrot (1984, p. 32) afirma que “A leitura, prazer tolerado ou furtivo, foi para muitas mulheres um jeito de se aproximar do mundo, do universo exótico das viagens e do universo erótico dos corações [...]”. Ler e escrever, portanto, possibilitam às mulheres a saída do mundo privado e a entrada em um universo ao qual não tinham acesso. Com uma escrita intimista carregada da cultura do período, elas começaram a retirar as barreiras que lhes foram impostas por muito tempo, e foi na escrita memorialística, como o diário, que a

voz feminina começou a ecoar. Assim:

O estudo do diário é o da confidência: a extroversão da vida íntima para um “amigo”, um interlocutor. O escrever diarístico nasce de uma necessidade de comunicação do eu consigo mesmo ou com os outros. Mas o diário pode não ser apenas um caderno de confidências. Pode voltar-se para o exterior e registrar reflexões políticas, históricas, sociais morais ou outras. (Remédios, 1997, p. 127).

Dessa forma, a prática do diário volta-se para o eu interior com o desejo de se autoconhecer; simultaneamente, escreve apontando a sociedade na qual está inserida. Assim, esse gênero é mais que um caderno de confidências; torna-se uma fonte de pesquisa histórica, política e cultural. Em grande parte, a escrita de um diário marca as transformações humanas, a representação da realidade da pessoa que o escreve e da sociedade na qual está inserida. Por isso, o diarista torna-se uma testemunha do contexto histórico-social.

Observa-se que o diário de Helena Morley, além de permitir um encontro do eu que escreve com o outro eu interior, simultaneamente, faz reflexões que possibilitam à narradora conhecer-se ao mesmo tempo que procura fixar, por meio das palavras escritas, os acontecimentos considerados importantes de sua rotina em família. No fragmento a seguir, ela explica como começou a “tomar o hábito da escrita”:

Em pequena meu pai fez tomar o hábito de escrever o que sucedia comigo. Na Escola Normal o Professor de Português exigia das alunas uma composição quase que diária, que chamávamos de “redação” e que podia ser, à nossa escolha, uma descrição, ou carta ou narração do que se dava a cada uma. Eu achava mais fácil escrever o que se passava em torno de mim e entre a nossa família, muito numerosa. Esses escritos, que enchem muitos cadernos e folhas avulsas, andaram anos guardados, esquecidos. Ultimamente pus-me a revê-los e ordená-los para os meus, principalmente para as minhas netas. Nasceu daí a ideia, com que me conformei, de um livro que mostrasse às meninas de hoje a diferença entre a vida atual e a existência simples que levávamos naquela época. (Morley; 2016, p. 13).

O relato da vida de quem escreve é permeado de reflexões sobre suas vivências, parentes e amigos próximos. A saudade, a solidão, o desejo de mudanças, o sonho de uma vida melhor e a morte são alguns dos temas abordados. Esses assuntos levam um diarista a encontrar-se com um ou outros eus que habitam em si. Segundo Remédios (1997, p.130), “A partir da reflexão, o escritor estará frente a frente com seu Outro, que é o verdadeiro escritor, não ele. O Outro é apresentado com tom de distanciamento, como se procurasse fugir da própria escrita.” Logo, em uma escrita íntima, o diarista consegue conhecer os vários ‘eus’ que habitam em si, pois quem faz uso da escrita intimista tem a oportunidade de conhecer-se, ao mesmo tempo em que narra as histórias das pessoas que lhe são próximas. Nessa percepção, conhece-se muito sobre um determinado lugar, período, religião e costumes.

Helena Morley era uma garota cheia de projetos com pretensão de colocá-los em prática quando concluisse o curso de normalista. Estudar era a garantia para oferecer uma vida melhor a seus pais. Observa-se que a escrita diarista para Helena tinha uma finalidade não compatível com as de muitas mulheres do século XIX. Para diversas mulheres, era uma conquista; para Helena, era uma recomendação paterna. Desde criança, foi incentivada a ler, a frequentar a escola e a escrever. É importante ressaltar que a família da atrevida narradora apresentava uma posição social: neta de ingleses e portugueses, pais pobres, mas com uma avó financeiramente estável, foi incentivada por sua família a estudar, o que lhe permitiu escrever com desenvoltura sobre tudo o que pensava. O pai também a ensinava a ler e a escrever em inglês. Evidencia-se que escrever também era considerado uma questão de condição seja cultural, econômica ou outra advinda da sociedade na qual a pessoa estava inserida.

No entanto, nem todas as mulheres tiveram a oportunidade que Helena Morley teve. É importante observar que as mulheres escritoras vieram de famílias com alguma condição econômica ou cultural e, embora tenham iniciado suas produções com narrativas voltadas para o âmbito doméstico, elas romperam barreiras sociais, familiares e religiosas, demonstrando poder de observação e reflexão sobre suas vidas e a condição feminina. Recorreram à ousadia para utilizá-la em benefício próprio. Por isso:

A escrita feminina atravessou assim o longo e delgado fio do tempo. Superou seus riscos e os limites geopolíticos. Ultrapassou os obstáculos linguísticos. Saltou as muralhas religiosas e uma série de contingências sociais, familiares e escolares por elas criadas. A sua existência ou resistência fez-se possível porque tal escrita ultrapassou as contradições culturais presentes em cada sociedade. (Tayassu, 2015, p. 214).

A escrita feminina foi uma das manifestações mais fortes da mulher e aquela que possibilitou seu autoconhecimento, permitindo-lhe ter consciência sobre seus pontos fortes e a possibilidade de conquistar espaços fora do lar. Os limites foram ultrapassados e as mulheres passaram a ocupar espaços sociais antes inatingíveis. Por todo o Brasil, as mulheres começaram a publicar usando pseudônimos ou não. A auto-observação, a observação do ambiente no qual se encontravam, das pessoas e do lugar que era atribuído aos homens passaram a ser também atribuídos às mulheres. Essa transformação implicou na quebra dos antigos padrões sociais impostos às mulheres, ao mesmo tempo em que elas traçavam novos percursos, assumindo para si o controle sobre suas próprias trajetórias de vida. Escrever, portanto, tornou-se uma ferramenta essencial de emancipação, possibilitando que suas vozes fossem representadas e perpetuadas através das palavras impressas.

Porém, é importante elucidar que, por mais que a escrita feminina tenha rompido com

diversos padrões sociais, ela se diferencia da escrita feminista, embora tenha tido seu viés militante na luta pela quebra da exclusão em vários segmentos e por espaço social. Perrot (1984, p. 08) afirma que “O lugar das mulheres no espaço público sempre foi problemático, pelo menos no mundo ocidental, o qual, desde a Grécia antiga, pensa mais energicamente a cidadania e constrói a política como o coração da decisão e do poder”. Isso evidencia o motivo pelo qual, durante um período, a escrita tornou-se militante. A luta por espaços, por reconhecimento, a denúncia contra a violência familiar, e a relação de gênero fizeram com que escrever para a mulher se tornasse um instrumento de luta e transformação. E assim:

A escrita feminina tem revelado, descoberto, re(a)presentado as relações entre homens e mulheres ao longo da História, ou seja, seus movimentos, suas alianças, adesões, distâncias, negações e contradições. Assim essa escrita é uma respiração, cuja inspiração revela a presença sutil e feminina no mundo e, desse modo, a sua característica ou dialogia no conjunto da Literatura: o seu porquê, o seu diferencial, a sua nuance e o seu potencial. (Tayassu, 2015, p. 215-216).

Conforme a citação, a escrita feminina faz uma representação das relações entre homens e mulheres, mostrando os espaços ocupados por elas, as negações, as submissões das mulheres diante do homem e das leis. Apresentando assim, as diversas situações cotidianas na escrita, ao mesmo tempo em que se fazendo presente na sociedade.

Devido à escrita do diário ter sido muito pautada enquanto questão de gênero no Brasil, as primeiras escritoras narraram suas histórias de vida e apresentaram em suas produções as relações de gênero, refletindo de maneira sutil as posições sociais ocupadas por homens e mulheres. No diário de Helena Morley, é possível observar que o universo feminino é voltado para o âmbito doméstico, o cuidado dos filhos e do marido, enquanto o homem é o provedor do lar e detém autoridade na família. A narrativa aborda temas relacionados à vida cotidiana, crenças, religiosidade, papel da mulher, a decadência de Diamantina, e os costumes, todos apresentados por meio de um relato cotidiano sob a perspectiva de uma garota. Ao descrever a rotina da mãe e de outras mulheres de sua família, Helena evidencia as funções exercidas por elas e seus esposos.

Quando vejo mamãe se levantar às cinco horas da manhã, passar para o terreiro com este frio e ir para a cozinha acender o fogo, pelejando com a lenha verde e molhada para dar café e o mingau às seis horas, eu fico morta de pena. Começa o trabalho essa hora e vai sem descanso até a noite, quando sentamos no sofá da sala. (Morley, 2016, p. 258).

No fragmento, a narradora mostra o funcionamento da organização das atividades na família, a dedicação e o trabalho cansativo da mãe em casa. A observação de Helena nos faz

pensar o quanto o trabalho da dona de casa não é valorizado na sociedade. Uma peculiaridade admirável da narradora ao fazer observações importantes sobre o comportamento das pessoas que estão à sua volta.

### **3.2 Literatura, memória e a história**

Os textos literários constituem representações de histórias reais ou fictícias e estimulam as pessoas de tal maneira que as fazem conhecer-se enquanto sujeitos, analisar e entender a sociedade ou são objetos de distração. Antonio Candido (1999, p. 82), ao comentar sobre a importância da literatura, assegura que ela se institui “como força humanizadora, não como sistema de obras. Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem.” Logo, ela influencia e é um agente de transformação no processo de formação do sujeito. Ela possibilita um outro olhar para a existência, estimulando a sensibilidade e a criticidade. De acordo com Borges:

Sendo a literatura uma forma de ler, interpretar, dizer e representar o mundo e o tempo, possuindo regras próprias de produção e guardando modos peculiares de aproximação com o real, de criar um mundo possível por meio da narrativa, ela dialoga com a realidade a que refere de modos múltiplos, como a confirmar o que existe ou propor algo novo, a negar o real ou reafirmá-lo, a ultrapassar o que há ou mantê-lo. (Borges, 2010, p. 98).

A literatura apresenta várias funções, não se limitando ao entretenimento, mas também ensinando e atuando na vida das pessoas, por meio da prosa e da poesia. Ela está voltada para o homem e dialoga com a sua realidade, aproximando-o do real.

Pensando na contribuição feminina na literatura, podemos observar que durante muito tempo o cânone literário foi marcadamente masculino; qualquer mulher que ousasse escrever não encontrava espaço nem reconhecimento. Virginia Woolf, escritora inglesa, em uma obra ficcional, cria uma irmã para o poeta e dramaturgo inglês, William Shakespeare. No enredo, a jovem é abandonada pela família porque se torna uma escritora tão excelente quanto o irmão e morre nas ruas de Londres. Ela nos mostra, por meio da ficção, o quanto a sociedade foi cerceadora dos direitos femininos de se expressar por meio da literatura ou qualquer forma de escrita que mostrasse sua competência com as palavras e com reflexões sobre a existência. Romper com a tradição masculina na produção literária não foi um caminho fácil, foi de perseverança e muita luta. É dentro desse contexto que Foucault assegura:

[...] dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente:

nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala. (Foucault, 2009, p. 36-37).

Determinadas exigências não poderiam ser atendidas pelas mulheres, pois eram expressamente voltadas para o universo masculino. Por isso, até fins do século XIX, poucas mulheres ousavam adentrar no sistema da escrita literária, pois para elas posicionarem-se por meio da oralidade ou da escrita, levando-se em conta as especificidades do tempo ou lugar, era quase impossível. Elas não atendiam aos requisitos necessários. As raras produções que existiam estavam voltadas para uma escrita de memórias. Mas algumas conseguiram romper apesar das resistências. Tayassu pondera que:

A maioria das mulheres não se lançou no ofício da escrita pelo simples motivo de ela não ser reservado o direito à escolaridade. Outras, entretanto, de famílias abastadas, não eram encorajadas a ler por uma questão de recusa da sociedade em acreditar que a mulher tivesse algo a dizer. (Tayassu, 2015, p. 458).

Observa-se que as mulheres, fora da vida pública e sem direito à escolaridade, ficaram restritas apenas a diários íntimos, cadernos de receitas, coisas que aos olhos do homem não eram consideradas importantes. Por isso, os avanços no espaço literário ainda são considerados tímidos no que tange à valorização das produções de autoria feminina.

No Brasil, algumas mulheres sobressaíram com publicações, sobretudo, no final do século XIX. No entanto, é interessante destacar a importância da escritora Nísia Floresta Brasileira Augusta por publicar um livro intitulado “Direito das mulheres e injustiça dos homens”, em 1832. Foi uma mulher que se tornou referência para outras mulheres em busca da emancipação feminina (Duarte, 2008, p. 11). O início do século XX foi marcado por publicações de autoria feminina com destaque para Júlia Lopes, Francisca Clotilde, Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, entre outras. Entretanto, as décadas de 1960 e 1970 possibilitaram muitas mudanças no cenário feminino; cargos que antes eram exercidos apenas por homens passaram a ser também ocupados por mulheres. Elas passaram a ter vida ativa em espaços públicos e a luta por seus direitos se intensificou. A literatura de autoria feminina alcançou espaços significativos e passou a ser referência no cânone, ainda predominantemente masculino.

De acordo com Tayassu (2015, p. 460), “Ao pensar em Literatura Feminina, indica-se a necessidade de a mulher fomentar espaços dentro de uma literatura mais ampla. O cânone literário brasileiro, por exemplo, ainda é marcadamente masculino.” É possível observar a predominância masculina como uma realidade que se apresenta, mesmo que a literatura de

autoria feminina esteja em evidência nos debates acadêmicos nas últimas décadas.

Observa-se que há uma renitência visível no estímulo à publicação e mesmo na difusão das obras que conseguiram ser publicadas. Deve-se considerar que ainda vivemos numa sociedade que não conseguiu apagar o estigma da capacidade feminina para a produção literária ser inferior à do homem.

De acordo com Constância Duarte (2008, p. 89), o processo de exclusão feminina no espaço intelectual e artístico ocorre de uma compreensão de diferenças entre os sexos que perdura até as primeiras décadas do século XX. A sociedade “se recusava a aceitar a concorrência feminina, em qualquer de seus domínios. As relações entre os sexos eram, antes de tudo e sem sombra de dúvida, relações de poder e marcaram de forma inequívoca a história social e cultural de um povo.” (Duarte, 2008, p. 89). As mulheres eram vulneráveis às pressões familiares e sem poder expressar o senso crítico, algo permitido apenas para o homem.

Observa-se uma clara resistência no estímulo à publicação e até mesmo na difusão das obras que conseguiram ser publicadas. Deve-se considerar que ainda vivemos em uma sociedade que não conseguiu apagar o estigma da capacidade feminina para a produção literária ser inferior à do homem.

De acordo com Constância Duarte (2008, p. 89), o processo de exclusão feminina no espaço intelectual e artístico decorre de uma compreensão das diferenças entre os sexos que perdura até as primeiras décadas do século XX. A sociedade "se recusava a aceitar a concorrência feminina, em qualquer de seus domínios. As relações entre os sexos eram, antes de tudo e sem sombra de dúvida, relações de poder e marcaram de forma inequívoca a história social e cultural de um povo". As mulheres eram vulneráveis às pressões familiares e não tinham o poder de expressar o senso crítico, algo permitido apenas para o homem.

Publicações como o diário *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley, mostram que obras de autoria feminina que se registraram na história com suas narrativas voltadas para o cotidiano apresentavam senso crítico, apontando as contradições sociais. Compreende-se que essas produções precisam de mais visibilidade, e que espaços como a Academia Brasileira de Letras necessitam de mais representatividade feminina. Segundo Silva (2022), das quarenta cadeiras da academia, apenas cinco são ocupadas por mulheres, ou seja, 12,5%, enquanto o percentual de 87,5% é ocupado por homens, evidenciando a desigualdade de gênero em espaços de representação. Constata-se, assim, que o cânone literário brasileiro, em pleno século XXI, ainda é marcadamente masculino.

Em uma pesquisa realizada, Dalcastagnè (2005) constatou, por meio de um mapeamento dos romances brasileiros publicados no período de 1990 a 2004, a seguinte realidade: "chama



a atenção o fato de que os homens são quase três quartos dos autores publicados: 120 em 165, isto é, 72,7%." (Dalcastagnè, 2005, p. 31). Tal pesquisa confirma que os espaços para a literatura de autoria feminina ainda estão longe de serem iguais aos dos homens. As oportunidades são diferentes de acordo com o gênero. Apesar de a pesquisa ter sido realizada há mais de uma década, acredita-se que a diferença ainda seja significativa.

Dessa forma, a literatura de autoria feminina precisa ser vista como a oportunidade da mulher se auto representar. Suas contribuições, sejam de cunho memorialístico, político ou religioso, fazem parte de seus estudos e observações acerca da sociedade. Essa difusão do espaço feminino, mesmo que desigual, permitiu que elas buscassem o direito de expor opiniões de forma relevante. Maria José Motta Viana aponta que:

Essa ampliação do espaço feminino torna-se viável à medida que a mulher toma posse da linguagem, para muitos de valor pouco compreensível e, para outros, base da identificação do homem cultural, enquanto ser simbólico. À medida que a mulher não reivindica para si o direito à fala, no sentido político ideológico que o sistema linguístico envolve e não consegue ser ouvida não pode também ser percebida como ser dotado de razão, potencial de trabalho e sensibilidade discernente. Nesse aspecto, a escrita memorialística da mulher adquire uma dimensão insuspeitada já que representa de algum modo a personagem feminina construída pela mulher. (Viana, 1995, p. 14).

O auto representar-se na literatura permite às mulheres demonstrarem suas leituras particulares sobre o mundo, possibilitando a relação entre o presente e o passado, uma vez que a leitura realizada por um indivíduo na atualidade, em muitos momentos, está relacionada aos fatos do passado. Bosi afirma que o passado interfere na representação do que é considerado atual. Segundo ele:

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como forma subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (Bosi, 1979, p. 3).

A memória se mistura com percepções imediatas, sendo um substrato importante para a compreensão do presente e uma releitura de fatos marcantes. No texto memorialístico, a pessoa que o escreve ativa sua memória subjetiva e narra episódios relevantes. Observa-se que Helena Morley escrevia sobre o que mais lhe chamava atenção; seu texto permite ao leitor estabelecer uma relação com o passado, a memória e a história, pois ela, enquanto narradora, utiliza-se da memória recente e escreve sobre as situações cotidianas ocorridas em sua vida, na família e na pequena Diamantina.

A percepção do leitor, por sua vez, ao realizar a leitura do diário, é relacionar fatos da atualidade com os acontecimentos da narrativa e conhecer fatos históricos da pequena cidade objeto do olhar de quem a descreve, no caso de Morley. Ainda, segundo Bosi (1979, p. 3), “A memória é um 'cabidal' infinito do qual só registramos um fragmento”. Sob essa afirmação, entende-se que a memória funciona como arquivo ao qual uma pessoa guarda informações que foram vividas ou ouvidas, e que são recuperadas em algum estágio da existência. Normalmente, são os episódios considerados marcantes para alguém.

Tayassu (2015, p. 505) pondera que “A memória é o retorno a vestígios dos caminhos antes trilhados; é relato da captação de estilhaços do que se viveu dado à impossibilidade de seu arquivamento nos moldes positivistas, de modo a tornar a historiografia uma reinscrição do passado.” Nesse sentido, ela possibilita àquele que foi oprimido ou marginalizado ter a oportunidade de contar sua história por outro viés. Por isso, a historiografia cumpre um papel fundamental por permitir a todos os injustiçados a realizarem uma nova versão.

Sujeitos à margem dos relatos oficiais, como as mulheres, os exilados, os fronteiricos, os negros, os torturados, os iletrados, entre outros, passam a entrar na negociação pelo direito à voz, às escolhas e esquecimentos, como também pelo direito de uma forma outra de dizer, de comunicar e de visibilizar suas memórias. (Tayassu, 2015, p. 505)

Nesse sentido, tanto a historiografia quanto a literatura fazem uma leitura de acontecimentos históricos em uma nova perspectiva, pois a percepção de quem vivenciou determinados acontecimentos pode ser diferente da narrada como oficial. Diante disso, a voz do excêntrico entra no campo literário por meio da paródia, da intertextualidade ou mesmo por meio da ficção historiográfica.

A literatura e a história são, portanto, muito próximas, pois ambas surgem a partir de uma dada realidade: uma tem o poder de representar a realidade; a outra se preocupa com a humanidade em um determinado tempo e procura registrar os fatos. As produções literárias carregam uma linguagem poética e transitam entre a ficção, o imaginário, o real e a história, principalmente as memorialísticas, devido ocorrerem a partir das reminiscências de quem as escreve. Bosi (1979, p. 15) afirma que “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembrança.” Quem escreve uma autobiografia ou um diário registra fragmentos de sua história, tentando conservar suas lembranças. Ao escrever seu diário, Helena Morley busca reconstruir ou repensar sua vivência, registrando vestígios de sua vida, apresentando detalhes minuciosos que, segundo a própria narradora, só foram possíveis de serem lembrados porque estavam escritos em seus cadernos. É importante destacar que Helena Morley estava com mais de

sessenta anos quando, rememorando alguns fatos de sua adolescência, resolve publicá-los. Ecléa Bosi observa que

[...] A lembrança é uma imagem construída pelas matérias que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (Bosi, 1979, p. 17).

Por ser uma imagem construída a partir das percepções atuais, as lembranças que vêm à memória podem associar o presente ao passado e, simultaneamente, recordar a infância, não exatamente como ela aconteceu, mas de acordo com as percepções atuais. Isso ocorre porque um indivíduo passa por muitas fases ao longo da vida e suas percepções sofrem alterações. Assim, acontece com a memória: ela se modifica e se ajusta ao momento atual. A memória coloca o indivíduo em contato com representações que chamaram sua atenção no passado e o faz refletir. Halbwachs (1990, p. 71) afirma que a “[...] a lembrança é, em larga medida, uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.”

A partir dessa assertiva, é possível considerar que a lembrança é uma reconstrução do passado que surge a partir de um fator determinante no presente. No entanto, essa reconstrução não ocorre como anteriormente, pois a pessoa que rememora passou por diversas influências e sua percepção de mundo sofreu alterações. Le Goff (1924, p. 477) aponta que “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.” Sob essa premissa, quando se escreve ou retorna a escritos do passado ou acontecimentos históricos, pretende-se, de alguma forma, relembrar ou ressignificar algum episódio. Por isso, a literatura e a história são fundamentais, pois se baseiam em acontecimentos para criar ou recontar as histórias. É nesse cenário que a metaficção historiográfica acontece, uma vez que ela questiona a veracidade do discurso histórico. Normalmente, uma história recontada dentro da metaficção é feita em uma perspectiva diferente do discurso histórico; neste caso, os narradores são pessoas marginalizadas. Linda Hutcheon (1947, p. 151), crítica literária, assegura que “os protagonistas da metaficção historiográfica podem ser tudo, menos tipos propriamente ditos: são os ex-cêntricos, os marginalizados, as figuras periféricas da história ficcional.” Nesse sentido, as pessoas que eram discriminadas ou

estavam às margens da sociedade entram no campo literário. Especialmente as produções realizadas por mulheres e pessoas periféricas, que também eram consideradas fora dos padrões. São elas que, ao fazerem uma nova leitura de textos oficiais, possibilitam que a voz daquele que foi silenciado possa ecoar. No entanto, ainda se observa uma luta contínua por reconhecimento e espaço na literatura.

Textos como crônicas, contos, (auto)biografias, diários possuem relações em comum com o ato de lembrar e narrar. Neles, narrar uma história é também uma tentativa de manter viva a memória de alguns acontecimentos. No entanto, ao reescrevê-los, algumas alterações podem acontecer, seja por omissão de dados, ou simplesmente porque a pessoa, no ato da escrita, não consegue apresentar uma narrativa como realmente acontecera. No diário *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley (2016, p. 13), a narradora aponta que “Nesses escritos nenhuma alteração foi feita, além de pequenas correções e substituições de alguns nomes, poucos, por motivos fáceis de compreender.” Apesar das controvérsias, levando em consideração as palavras da autora, ela faz algumas modificações por evidenciar situações comprometedoras, entre elas, a de parentes próximos que poderiam não se sentir confortáveis em determinadas situações mencionadas. Observa-se que a literatura se constitui de lembranças, pois não há simultaneidade entre o ato da escrita e os acontecimentos. Ela reconstrói episódios, eis o porquê dela e a memória corresponderem-se. A memória pessoal, em muitos momentos, remete-se à memória coletiva, pois ela recebe influência do lugar no qual o indivíduo se encontra, das pessoas com as quais convive, das transformações do meio no qual está inserido. Segundo Maurice Halbwachs:

Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo as lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. (Halbwachs, 1990, p. 53).

A partir dessa premissa, entende-se que o homem não se recorda apenas do que viveu; sua memória também absorve informações de experiências de outros acontecimentos aos quais ouviu, tais como fatos históricos ou informações nas quais o indivíduo confia e internaliza. Elas são chamadas de "memórias emprestadas". Assim, no ato da escrita, um diarista narra não somente sua história de vida, mas, de acordo com Halbwachs, apresenta lembranças de outros. Helena Morley, ao longo da escrita de seu diário, apresenta a figura de sua avó, o desejo dela de ver a neta com boas instruções, as festividades de Diamantina, o sonho de seu pai em encontrar diamantes, as superstições, entre outros. Ela se recorda não apenas das próprias

lembranças, mas também das de outras pessoas e da cultura local. Dessa forma, é possível conhecer um pouco da história social de um determinado espaço e tempo, porém a narrativa é apresentada a partir do ponto de vista de quem conta a história, como é notório no diário *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley.

Viana aponta que:

O historiador elabora seu discurso buscando produzir um sentido único, isto é, fornece uma única chave para a leitura do texto. O memorialista, por sua vez, embora deseje que seu texto seja uma representação da realidade da experiência vivida, não precisa burlar o fato de que a escrita opera uma forma particular de escolha, trabalha pelo imaginário. (Viana, 1995, p. 108).

Sabe-se que o historiador busca registros de algo que aconteceu, possibilitando uma única leitura do texto; porém, o memorialista trabalha com a representação da realidade e relata não somente experiências vividas, mas também é livre para criar. É nessa liberdade de recriação de fatos históricos que a literatura tem um papel fundamental na formação crítica dos indivíduos. Por isso, segundo Le Goff (1990, p. 12), “o caráter ‘único’ dos eventos históricos, a necessidade do historiador de misturar relato e explicação fizeram da história um gênero literário, uma arte ao mesmo tempo que uma ciência.” A necessidade de possibilitar outras leituras de acontecimentos históricos permite a aproximação da Literatura e da História.

Linda Hutcheon (1947, p.142) aponta que: “[...] muitos historiadores utilizaram as técnicas da representação ficcional para criar versões imaginárias de seus mundos históricos e reais.” Nesse sentido, as técnicas de representação ficcional têm o poder de colocar em dúvida o que se conhece como história oficial, já que os textos literários podem abordar contextos históricos com diferentes vertentes.

O diário *Minha Vida de Menina*, escrito por Helena Morley, exemplifica um gênero literário que transita entre o documento e a ficção, uma vez que é parte de um caderno de uma adolescente que expressa sua visão sobre a sociedade na época em que foi escrito. Além de abordar sua própria vida, sonhos e frustrações, a narradora também compartilha seu ponto de vista sobre diversos aspectos da cidade onde vivia, Diamantina. Isso inclui a decadência da mineração, o centro da cidade, a zona rural representada pela chácara de sua avó, bem como a vida dos negros após a abolição, as crenças, os costumes e a religiosidade, como evidenciado no seguinte fragmento:

Eu acho a festa do Divino uma das melhores que nós temos. Isto de a música levar nove dias indo a todas as casas, buscar, debaixo da bandeira, as pessoas que fazem promessas, alegre a cidade muitos dias seguidos. Há três anos seguidos que eu não deixo de levar cera debaixo da bandeira. Vovó faz promessa todo ano e quando chega a festa do Divino eu ganho um vestido novo para levar a cera...Este ano, além da cera

de vovó, eu tive de levar um milagre de meu pai, uma perna com manchas vermelhas de feridas. Esta perna foi promessa de mamãe quando meu pai esteve com uma ferida do coice de um burro na canela, na Boa Vista. Na sacristia da Igreja do Amparo as paredes estão cheias de milagres: cabeças, braços e pernas, e até meninos inteiros de cera, tão bem feitos e cheios de feridas que parecem de verdade. (Morley, 2016, p.54-55).

Na citação, percebe-se que a narradora não se limita a registrar apenas o que vivenciou, mas faz um relato minucioso de como era o festejo, destacando a fé local e de alguns membros de sua família. É possível constatar, no fragmento, aspectos do contexto histórico uma vez que a religiosidade é parte da identidade cultural de um lugar. Observa-se que, durante a narrativa constante no diário, Helena Morley relata vários episódios relacionados à religiosidade. Conhecer a história através de documentos, museus, monumentos ou mesmo obras literárias permite uma construção ou reinterpretação do presente, pois admite que novas leituras sejam feitas. Encontra-se, no fragmento citado, o discurso histórico e o ficcional, ambos construídos a partir da realidade de uma garota. Por percorrer o campo pessoal, doméstico, político, a vida doméstica das mulheres do período, os relacionamentos familiares e a sociedade diamantinense, o diário de Helena Morley apresenta vestígios que são importantes para história. Vejamos esse outro fragmento sobre a política.

Meu pai hoje ficou, como todos da cidade, muito satisfeito com a posse do Prudente de Moraes. Foi na alegria na cidade quando chegou o telegrama e todos festejaram como se fosse coisa nossa. Mas diz meu pai que é porque ninguém aqui, a não ser os facobinos, gosta do Floriano e não esperavam que ele largasse o lugar para Prudente. porque ele tem muita influência no Exército. Todos agora esperam que tudo vai melhorar com o Prudente de Moraes. Eu sempre digo a meu pai que não pode entrar na minha cabeça que tenha alguma influência para nós aqui em Diamantina mudança de presidente. Meu pai diz que tem toda, que o governo é uma máquina bem organizada e que o presidente sendo bom e fazendo bom governo beneficia o Brasil inteiro e chega até aqui para nós. Eu lhe disse que só poderia acreditar nisso se o presidente mandar canalizar a nossa água e consertar o nosso calçamento. (Morley, 2016, p. 202).

No fragmento, observam-se informações históricas da política brasileira, bem como a forma como a adolescente conversava com o pai sobre um assunto tão sério e seu posicionamento crítico. Nessa perspectiva, a literatura pode ser considerada uma fonte documental, apresentando registros históricos e apontando as necessidades de uma pequena cidade mineira.

A história é a ciência do tempo, pautada em elementos cronológicos que vão além do domínio histórico. A sociedade procura controlar o tempo a partir de uma organização cronológica, como dia, semana, mês, ano e horas. Le Goff (1990, p. 42) aponta que “A história é a ciência do tempo. Está estritamente ligada às diferentes concepções de tempo que existem

numa sociedade e é um elemento essencial da aparelhagem mental de seus historiadores.” O estudo da história se faz em função das necessidades do presente e está ligado à organização linear e ao tempo cronológico dos acontecimentos.

### **3.3 A escrita e sua temporalidade: o passado no presente da escrita**

O presente dirige o passado assim como um maestro, seus músicos. (Sarlo, 2007, p. 49)

A escrita foi criada e desenvolveu-se a partir da necessidade humana. Inicialmente, seu propósito era transmitir experiências, mas com sua evolução passou também a representar sentimentos e a história individual ou coletiva de um determinado tempo para as gerações posteriores. Está presente em todas as camadas da sociedade, sendo um instrumento capaz de fixar a linguagem e ultrapassar o tempo. A escrita surge como um conjunto de sinais totalmente diferente dos anteriores, associando a representação do símbolo com a fala, arquivando informações e descrevendo o pensamento humano. Segundo Charles Higounet:

A escrita é não apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá acesso ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo. (Higounet, 2003, p. 10).

Escreve-se para transmitir conhecimento, expressar-se, compreender-se enquanto sujeito e arquivar informações. No decorrer do tempo e de acordo com a cultura, ela se desenvolveu em resposta às necessidades das pessoas, permitindo que informações importantes sobre uma cultura, tradição ou mesmo sobre os indivíduos fossem preservadas. Le Goff (1924, p. 438) afirma que: "Com o desenvolvimento da escrita, estas 'memórias vivas' transformam-se em arquivos." Nessa perspectiva, a escrita, por ser uma transposição da fala, fixa no papel informações que poderiam perder-se com o passar do tempo e o desenvolvimento da sociedade.

Desde Platão, o diálogo oral representa a vivacidade de uma busca em comum da verdade — e se esta última escapa da tentativa de sua apreensão, ela ao mesmo tempo se revela nessas palavras compartilhadas, mas efêmeras. A escrita, por sua vez, deseja perpetuar o vivo, mantendo sua lembrança para as gerações futuras, mas só pode salvá-lo quando o codifica e o fixa, transformando sua plasticidade em rigidez, afirmando e confirmando sua ausência — quando pronuncia sua morte. (Gangnebin, 2006, p. 11)

Assim, escrever é uma forma de preservar o passado, além das próprias experiências, retratando a vida cotidiana e descrevendo com detalhes os eventos de um determinado período, o que torna a escrita fundamental para a conservação da história. Conforme Fisher:

A escrita não surgiu do nada. Muitos povos preferem atribuí-la à ‘divina providência’. De fato, essa ficção sobreviveu na Europa até os anos 1800, e é ainda aceita por certas comunidades nos Estados Unidos e nos países islâmicos. Outros afirmam que a escrita completa — ou seja, a que preenche os três requisitos — foi ‘inventada’ por volta da metade do quarto milênio a.C., quando os sumérios em Uruk buscaram um método melhor de lidar com contabilidade complexa. Outros ainda atribuem a escrita completa a um esforço grupal ou descoberta acidental. Existem outros para quem a escrita completa tem origens múltiplas, por várias razões. E finalmente há quem afirme que a escrita plena é produto de uma longa evolução da escrita antiga numa ampla região de comércio. (Fisher, 2009, p. 14).

São muitas as especulações em torno do surgimento da escrita. O que se entende é que, por mais diversa que seja sua origem, ela ocorreu de acordo com o local e as necessidades dos grupos de transmitir, preservar e resgatar o passado, ao mesmo tempo questioná-lo. Gagnebin (2009, p. 103) pondera que: "Devemos lembrar o passado, sim, mas não lembrar por lembrar numa espécie de culto ao passado." Ou seja, é necessário fazer uma observação minuciosa com a finalidade de compreender questões do presente. Em conformidade com o lugar, a escrita possui funções historicamente determinadas.

A necessidade de conservar e transmitir as descobertas e as histórias sociais, até mesmo individuais, fez com que narrativas sofressem alterações em seu modo de transmissão e dessem espaço para textos escritos, assim como produções literárias. Para Le Goff:

A passagem da memória oral à memória escrita é certamente difícil de compreender. Mas uma instituição e um texto podem talvez ajudar-nos a reconstruir o que se deve ter passado na Grécia arcaica. A instituição é a do *mnemon* que permite observar o aparecimento, no direito, de uma função social da memória [*apud* Gernet, 1968, p. 285]. O *mnemon* é uma pessoa que guarda a lembrança do passado em vista de uma decisão de justiça. Pode ser uma pessoa cujo papel de “memória” está limitado a uma operação ocasional. Por exemplo, Teofrasto assinala que na lei de Thurium os três vizinhos mais próximos da propriedade vendida recebem uma peça de moeda "em vista de lembranças e de testemunho". Mas pode ser também uma função durável. O aparecimento destes funcionários da memória lembra os fenômenos que já evocamos: a relação com o mito, com a urbanização. Na mitologia e na lenda, o *mnemon* é o servidor de um herói que o acompanha sem cessar para lhe lembrar uma ordem divina cujo esquecimento traria a morte. Os *mnemones* são utilizados pelas cidades como magistrados encarregados de conservar na sua memória o que é útil em matéria religiosa (nomeadamente para o calendário) e jurídica. Com o desenvolvimento da escrita estas "memórias vivas" transformam-se em arquivistas. (Le Goff, 1924, p. 438).

A escrita, portanto, é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade. Escreve-se para guardar na memória, transmitir informações, evidenciar e testemunhar. No início, poucos privilegiados tinham acesso à leitura e à escrita, geralmente homens pertencentes à nobreza, com objetivos comerciais ou sacerdotais. Com o tempo, a escrita alcançou outras camadas sociais, embora inicialmente tenha permanecido predominantemente masculina. Somente em meados do século XIX é que chegou ao universo feminino, sendo marcada, a princípio, pelo



cotidiano familiar.

A avó de Helena compreendia a importância de sua neta saber ler e escrever, ao contrário de sua mãe, que não demonstrava o mesmo interesse pela formação dos filhos. São três gerações com diferentes relações com a escrita. Enquanto Teodora se encantava com o que a garota escrevia, a mãe da menina não compartilhava do mesmo entusiasmo. Helena, ávida por expressar seus pensamentos por meio de manuscritos, encontrava na matriarca o apoio e o estímulo necessários.

Essas informações presentes na obra de Morley marcam a temporalidade, oferecendo tanto histórias individuais quanto coletivas. Em outro fragmento, Helena reflete sobre o incentivo do pai em relação ao ato de escrever:

Cada dia acho mais razão no conselho de meu pai de escrever no meu caderno o que penso ou vejo acontecer. Ele me disse: “escreva o que se passa com você, sem precisar contar às suas amigas e guarde neste caderno para o futuro as suas recordações.” Se eu não tivesse este caderno poderia guardar na memória o caso tão engraçado que vi ontem? (Morley, 2016, p. 67).

Mais uma vez, observa-se a importância da escrita para a preservação do passado. A narradora reconhece o valor de registrar seus pensamentos e experiências em um caderno pessoal. Além disso, destaca-se o papel do pai de Helena como seu principal incentivador na prática da escrita e na compreensão de sua importância para o futuro. Os manuscritos possibilitaram à diarista recordar detalhes de sua adolescência. Aos sessenta e dois anos, ela decide transformar suas anotações em um livro, o que evidencia a importância de registrar experiências pessoais, emoções e reflexões. Algumas das memórias selecionadas pela narradora para publicação levam o leitor a inferir que ela desejava compartilhar não apenas suas experiências, mas também as qualidades e os defeitos das pessoas, além de incentivar os leitores a serem observadores do ambiente ao seu redor.

A distância entre o tempo de escrita e a publicação permite à autora ter consciência de cada página selecionada dos manuscritos, levando o leitor a fazer questionamentos. Considerando o contexto de publicação e o período em que foram escritos, quais critérios a narradora utilizou para escolher suas confissões e reflexões? Embora seja difícil determinar, pode-se inferir que, ao publicar, ela buscou objetividade no processo de seleção, não apenas devido à passagem do tempo, mas também ao seu próprio amadurecimento. Ela selecionou o que desejava tornar público.

A obra de Helena Morley é marcada por uma linguagem bucólica, que possibilita um retorno ao passado e oferece uma visão da vida em uma cidade do interior de Minas Gerais,

bem como dos detalhes do cotidiano com suas peculiaridades. Cada dia é diferente, com acontecimentos diversos, mesmo que aparentemente iguais. O final do século XIX trouxe mudanças significativas, refletidas tanto na data de escrita quanto na de publicação. O processo de modernização foi responsável por essas mudanças.

Conforme Sarlo (2007, p. 17), "O passado ressurgiu como um quadro de costumes no qual são valorizados os detalhes, as originalidades, as exceções, as regras e as curiosidades que já não se encontram no presente." Histórias que já não podem ser vivenciadas no presente são lembradas por meio de narrativas memorialísticas, fotografias e objetos que remetem ao passado. O diário *Minha Vida de Menina* permite ao leitor voltar no tempo e conhecer histórias individuais, familiares e da cidade onde a narradora vivia. São imagens de espaços, pessoas e eventos instigantes, que naturalmente convidam a comparações com o presente e as mudanças ocorridas.

David Lowenthal (1981, p. 64) afirma que "A consciência do passado é essencial para o nosso bem-estar, por inúmeras razões [...]. O passado nos cerca e nos preenche; cada cenário, cada declaração, cada ação carrega consigo um resquício dos tempos passados." É sempre interessante ouvir ou ler histórias sobre o passado de um lugar ou de alguém, pois de alguma forma as pessoas se sentem representadas ali, ou mesmo uma situação no presente que contenha aspectos que remetam ao passado. Koselleck (2006, p. 23) argumenta que "nos limitaremos à perspectiva que se descortina a partir daquele futuro concebido pelas gerações passadas; dito mais concisamente, a partir do futuro passado." Situações cômicas ou complexas levam o leitor a lembrar experiências familiares e com amigos, permitindo compreender como o presente é formado pelo passado e pelas mudanças decorrentes do processo de modernização. A religiosidade permanece desde o passado até o presente. Um exemplo disso é o fragmento a seguir, que retrata uma crença popular no Brasil, a reza de São João:

Segunda-feira, 25 de junho

Não posso me deitar sem escrever aqui o susto que tomamos hoje. Todos estão dizendo que foi um milagre; e foi mesmo. Ontem viemos festejar S. João e o aniversário de tio Joãozinho, na Boa Vista. Houve fogueira, fogos, mas era pouca gente porque o rancho não está acabado e houve pouca animação. Hoje estávamos sentados na frente da casa, a família inteira, numa tábuas que tio Joãozinho mandou colocar como bancos. Estivemos rezando. Como aqui não há oratório, Dindinha disse que podíamos rezar mesmo sentados à porta. Ela tirou o terço e quando acabou enrolou-o no braço. Depois tirou a ladainha e todos respondemos. Continuamos conversando e apreciando o luar. Dindinha, sentindo que o terço estava muito frio, vai ver o que era. Dá um grito e sacode o braço, atirando uma coisa para longe e dizendo: "é uma cobra!" O luar estava como dia. Fomos ver: era mesmo uma cobra e seu Manuel Camilo matou-a. Como se explica que a cobra não mordesse Dindinha? Só mesmo um milagre. (Morley, 2016, p. 159).

Pertencente a uma família muito religiosa, no fragmento acima, ela narra uma das muitas ocasiões religiosas que participou em família. Conhecer e lembrar o passado são importantes para a construção da identidade dos indivíduos. Diversos fatos narrados em *Minha Vida de Menina* ainda estão presentes hoje, como a fogueira de São João e as rezas para ele e para outros santos comemorados em junho. No entanto, as reuniões familiares que Helena tanto apreciava na obra, na atualidade, podem ser diferentes, com as conversas cedendo espaço para outros tipos de entretenimento.

Ao longo da narrativa, encontram-se muitos relatos das festividades religiosas, tanto na cidade quanto no campo, onde vivia a família da narradora. Nas lembranças de Helena, é perceptível a presença da história e da cultura das cidades por onde ela passou. Diamantina é o local onde a maior parte da narrativa se desenrola. Transitando entre a cidade e o campo, Helena sente a necessidade de escrever sobre as crenças e as peculiaridades locais. Ela se apega tanto ao presente da escrita quanto a eventos passados, mais ou menos distantes.

Relembrar o passado é crucial para o nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirmar o que somos. Nossa continuidade depende inteiramente da memória; recordar experiências passadas nos liga a nossos *selves* anteriores, por mais diferente que tenhamos nos tornados. (Lowenthal, 1981, p. 83).

Conhecer o passado é necessário para as pessoas construírem suas identidades ao longo da vida. É indispensável para entender as transformações que ocorrem com o indivíduo e com o meio social. Além disso, muitas atitudes do presente são baseadas em acontecimentos anteriores, possibilitando ao sujeito compreender sua origem e orientar-se quanto ao seu futuro. Sarlo salienta que:

[...] É inevitável a marca do presente no ato de narrar o passado, justamente porque, no discurso, o presente tem uma hegemonia reconhecida como inevitável e os tempos verbais do passado não ficam de uma “experiência fenomenológica” do tempo presente da enunciação. (Sarlo, 2007, p. 49).

Ao escrever sobre experiências, o sujeito procura registrar seus vividos para que, em algum momento, possam ser revisitados com objetivos distintos. São diversas situações que podem ser partilhadas por meio do ato da escrita, como acontecimentos que provocam emoções de contentamento ou tristeza, locais diversos, pessoas que motivam afetos ou desafetos, entre outros. Escrever sobre o passado, sobre as experiências vividas, as sonhadas ou as imaginadas, é desnudar-se diante de outra pessoa, tornar-se vulnerável diante das possíveis interpretações e, ao mesmo tempo, empoderar-se, pois possibilita libertar-se de muitos preconceitos, estimulando a construção de novos valores.

Ao escrever sobre os mais variados assuntos, Helena Morley desconstrói o mito de que a mulher apenas sabia discutir sobre assuntos domésticos, conforme concebido nos séculos passados. Ela agrega novos valores em diversas situações cotidianas do âmbito feminino. Escrever para a narradora é libertador, pois para ela é uma forma de refletir sobre os acontecimentos e expor seu inconformismo diante das mais variadas situações. Ela escrevia para desabafar e para não esquecer momentos agradáveis ou tristes.

Existe uma necessidade humana de lembrar ou relembrar um determinado acontecimento. Por isso, as ações de uma pessoa, os locais frequentados ou circunstâncias diversas podem remetê-la ao passado, trazer memórias vividas ou ouvidas. Sarlo comenta (2007, p. 9) que “O retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente”. Assim, a partir de um instante do cotidiano, os traumas de um indivíduo podem vir à tona ou um momento qualquer de seu passado que tenha sido inspirador. Alice Dayrell Caldeira Brant, sob o pseudônimo de Helena Morley, em um dado momento de seu presente, sente a necessidade de retornar aos seus manuscritos e, ao relê-los e revivê-los, decide compartilhar com a finalidade de mostrar um mundo que não existe mais. Ela acreditava ser interessante para seus prováveis leitores, trocar olhares entre o passado e o presente.

Quem nunca viveu ou presenciou uma situação que o remeteu ao passado? A leitura de um diário, a letra de uma canção, uma fotografia, o cheiro de um perfume, um poema ou um simples passeio por um local qualquer pode acionar nossa memória, e o retorno das lembranças é inevitável. É como se o momento presente se justificasse no passado e esse retorno permitisse estabelecer comparações entre os tempos.

Segundo Lowenthal (1981, p. 83), “Toda consciência do passado está fundamentada na memória. Através das lembranças, recuperamos a consciência de acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje e confirmamos que já vivemos um passado.” A dicotomia presente/passado em alguns textos, principalmente aqueles que narram o cotidiano, permite críticas às ideologias dominantes do período da escrita. Esta é uma das razões pelas quais muitos leitores recorrem à leitura de gêneros considerados memorialísticos, pois procuram captar ou até mesmo questionar o passado com o objetivo de entender o presente. Assim:

A história das experiências do cotidiano voltou-se para a crítica das ideologias dominantes de controle social e suas múltiplas representações. Na medida do possível, procurou desconstruir discursos normativos do passado, de modo a abrir caminhos novos do passado, de modo a abrir caminhos novos no mapa dos nossos conhecimentos; ao revisitarmos a historiografia institucionalizada, procurando incorporar nela os resultados de pesquisas pontuais das relações sociais do cotidiano, estaremos desvendando novos horizontes e pontos de vista globais abertos para novos

modos de ver e aprender experiências vividas no tempo. (Dias, 1998, p. 238).

O estudo de temas do cotidiano, a partir de narrativas como as dos diários íntimos, tem proporcionado novas formas de compreensão da sociedade. A comparação entre o cotidiano de uma família em determinado período e o momento atual, as mudanças culturais, os valores e o registro da história como conhecimento podem ser analisados a partir de *Minha Vida de Menina*.

Helena Morley volta-se não somente para as questões vividas por ela, mas nas entrelinhas de suas narrativas é perceptível uma análise das relações sociais, a apreensão de papéis desempenhados, os interesses familiares e da comunidade. No fragmento, podemos observar como ela desconstrói o ditado popular citado pela mãe em forma de verso:

Segunda-feira, 18 de março

Poucas são as vezes que entro em casa e que mamãe não repita o verso:

*A galinha e a mulher*

*Nunca devem passear;*

*A galinha o bicho come,*

*A mulher dá o que falar.*

E depois diz: “Era por minha mãe nos repetir este conselho, que fomos umas moças tão recatadas. Vinham rapazes de longe nos pedir em casamento pela nossa fama de moças caseiras.” Eu sempre respondo: “As senhoras eram caseiras porque moravam em uma Lomba. E depois a fama foi do caldeirão de diamantes que vovô encontrou. Moça caseira, a senhora não vê que não pode ter fama? Como? Se ninguém a vê?” (Morley, 2016, p. 228)

Helena Morley era perspicaz em suas respostas, recusando-se a aceitar as imposições associadas ao seu gênero. Rotulada como uma moça passeadora, ela discordava da ideia de que as mulheres deveriam ficar em casa esperando propostas de casamento, chegando até mesmo a insinuar para a mãe que alguns casamentos eram motivados por interesses. Em outra ocasião, ela questionou a importância da inauguração dos correios em Diamantina.

Sexta-feira, 15 de março

Hoje houve uma grande festa na nossa linda Diamantina. Inauguraram a administração dos correios com muitos fogos, muitos empregados, numa casa muito grande de Seu Antoninho Marcelo. A rua do Bonfim ficou cheia. Se me desse Diamantina para dirigir, a última coisa que eu poria aqui seria repartição de correio. Não posso compreender como um serviço que Seu Claudio, aleijado, que precisa ser carregado por um preto e posto em cima de um cavalo, fazia tão bem, levando na garupa o saco com as cartas e jornais, precisa agora de uma repartição tão aparatosa, com tantos homens dentro. Meu pai diz que tudo isso é política, só para dar empregos. Mas não seria que uma vez da administração de correios eles pusessem luz nas ruas para a gente, nas noites escuras, não estar andando devagar com medo de cair em cima de uma vaca? E encanar a água? Isso também não seria mais útil? Sem carta ninguém morre, mas a água do Pau de Fruta, que corre descoberta, tem matado tanta gente que podia estar viva. Diz que a febre tifo vem da água. Tudo melhoraria muito mais a cidade que a repartição de um correio. (Morley, 2016, p.228)

É possível compreender a consciência social da narradora ao descrever as necessidades

básicas de uma cidade e o que acarreta a ausência delas para as pessoas. Nesse e em outros fragmentos, são impressionantes as reflexões críticas da narradora. É notável uma garota com apenas quatorze anos ser tão observadora e pontuar em seu caderno temas relevantes. Helena narra suas experiências enquanto sujeito e enquanto expectadora. Ao escrever sobre sua vida, experiências e seus sonhos, ela deseja também o melhor para a cidade. Observa que existem prioridades mais necessárias naquele momento do que uma repartição de correios.

Assim, quando se trata de narrar o passado, tem-se em *Minha Vida de Menina* a memória individual e a coletiva. É possível ao leitor penetrar não somente na vida de Helena, mas ter conhecimentos sobre a pequena cidade onde residia a garota. Para Lowenthal (1981, p. 65), "Uma consciência do passado mais completa envolve familiaridade com processos concebidos e finalizados, com recordações do que foi dito e feito, com histórias sobre pessoas e acontecimentos - coisas comuns da memória e da história". Nesse sentido, as percepções de Helena contribuem para compreender aspectos de uma dada realidade em sua temporalidade, pois escrevia sobre suas preocupações, interesses e observações do meio no qual estava inserida.

O diário *Minha Vida de Menina* retrata uma sociedade marcada por valores familiares e preconceitos. Ao escrever, talvez ela não tivesse consciência, porém, na atualidade, as leituras e releituras fazem com que sua obra seja de ampla contribuição para a compreensão das mudanças sociais e culturais. Diversos temas são contemplados, mostrando-nos um mundo que mudou em alguns aspectos e permaneceu igual em outros. Nesse sentido, a escrita ultrapassa a temporalidade e os espaços, mostrando-nos que o ser humano ultrapassa alguns limites em busca de sua humanização, mas outros permanecem inalterados.

Assim, a escrita cotidiana de Helena Morley configura a importância de registros de um tempo, como uma forma de ter acesso ao passado para compreender o presente. Observa-se o quanto a leitura do gênero diário contribui para refletir sobre questões que antes eram deixadas de lado ou simplesmente ignoradas pela sociedade. A importância do passado reside, sobretudo, em pensar criticamente no momento atual. Jeanne Marie Gagnebin reflete que:

A rememoração também significa uma atenção precisa ao *presente*, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não esquecer o passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente. (Gagnebin, 2006, p. 55).

Examinar questões do passado é crucial para o ato de recordar momentos importantes ou para evitar erros no presente. As narrativas de experiências pessoais auxiliam nessa reflexão, pois o olhar de alguém que viveu experiências ou presenciou alguma situação pode contribuir

com esclarecimentos de aspectos que a história oficial relegou à margem. Ressalta-se, portanto, a importância de *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley, em compreender o papel que era reservado à mulher em uma sociedade de preceitos marcadamente patriarcais e denúncia de decisões políticas que apontam interesses eleitoreiros tão arraigados em nosso país. Talvez não fosse esse o interesse de uma garota de 14 anos, mas a escrita muitas vezes escapa à pretensão daquele que escreve e alcança outros fins.

Acredita-se que Helena Morley priorizava reconstruir ou guardar o vivido, seguindo o conselho de seu pai: "guarde neste caderno para o futuro as suas recordações" (2016, p. 67). Percebe-se que ele, o pai de Helena Morley, compreendia a importância de se preservar a memória. São esses registros e outros mais que possibilitam a compreensão das transformações sociais e permitem observar o presente a partir do passado.

Ao ler sobre suas experiências, seus pensamentos e suas críticas, no século XIX, o leitor é convidado a conhecer e entender os padrões sociais, a influência religiosa, a comparação dos papéis exercidos pelas mulheres, as mudanças dos espaços urbanos ao longo dos tempos, a política, os valores sociais, sempre estabelecendo comparações entre o presente, o passado e o presente novamente.

É da natureza humana a necessidade de conhecer o passado através das memórias ou dos relatos, seja para compreender o momento presente ou compreender-se enquanto sujeitos. Um homem que não conhece sua história é um ser sem identidade. Halbwachs (1990, p. 25) comenta que: "Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que já sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias permaneçam obscuras". Assim, seja para complementar ou reafirmar conhecimento, estudar sobre o passado, ler ou escrever sobre ele permite aos indivíduos uma melhor construção social. No entanto, o passado em muitos momentos não é totalmente partilhado. Para Lowenthal:

[...] A memória por sua natureza é inviolável; é na privacidade que ocorre a maior parte do ato de lembrar e "não precisamos apreender como manter privadas em nossas recordações"; elas assim permanecem a não ser que decidamos torná-las públicas. Mesmo assim nunca pode ser totalmente partilhada; para outros, conhecer a minha memória não é o mesmo que possuí-la. Embora falemos em compartilhar, não podemos compartilhar uma lembrança assim como não podemos compartilhar uma dor. (Lowenthal, 1981, p. 75).

Sem dúvida é impossível apreender a emoção de quem escreve ao relatar suas memórias. A experiência de uma pessoa é particular, por mais que se tenha uma narrativa de testemunho, em sua recriação é impossível apreender plenamente o tempo vivido, as emoções de quem viveu as experiências, por isso, conhecer as memórias de outrem, não é o mesmo que as possuir.

Escrever sobre os mais variados assuntos torna-se essencial, pois a escrita proporciona um legado de informações para as gerações futuras. A escrita do passado no presente é sem dúvida essencial para que se medite sobre um determinado tempo e suas alterações.

Gagnebin (2009, p.55) afirma que “A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa a transformação do presente”. Ou seja, conhecê-lo proporciona mudanças no presente e com alcance para o futuro. Entretanto, diversos estudos acerca desse assunto, ainda são destinados a uma pequena parcela da população. A consciência sobre os erros e acertos ao longo da história é o que permite uma análise e a transformação do momento atual. Nesta perspectiva, a escrita contribui para essa reflexão daí a importância dos textos memorialísticos, tais como: cartas, autobiografias, diários e poemas, pois apresentam em sua estrutura reflexos de períodos, costumes e narrativas do tempo vivido. A pessoa que os escreve, como pontua Octávio Paz (1982), não consegue fugir a história, por isso, o passado se faz presente na escrita.



#### **4 MINHA VIDA DE MENINA, DE HELENA MORLEY: “A APREENSÃO DE UM MUNDO FECHADO”**

A primeira parte da obra *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley, acontece quando ela estava com treze anos, o ano é 1893; a segunda em 1894; e a última em 1895, quando, então, a atrevida narradora contava com quinze anos. As três partes iniciam-se, cada qual, em anos diferentes, discorrendo sobre fatos diversos que ocorrem entre as trivialidades do cotidiano. Observa-se que a vida segue com naturalidade e não há mudanças em relação às temáticas entre as partes. Sempre são os acontecimentos que envolvem toda a família. Apenas percebe-se que há mudanças de ano escolar. Na terceira parte, Helena está cursando o segundo ano.

Existem algumas figuras centrais na narrativa: seus pais, sua avó Teodora, sua irmã Luisinha, a tia Madge, o irmão Renato e os negros e negras da chácara. Lucena (1996, p. 403) afirma que “A família é o centro da vida afetiva do indivíduo, na qual as relações sociais refletem a busca de segurança, sustento e proteção.” Nesse sentido, podemos pensar a família por meio de seus membros: a avó proporciona à sua família o apoio emocional e econômico; a tia é responsável por contribuir com sua educação; o pai, provedor do lar, nem sempre conseguia o suficiente nas lavras para o sustento da família; sua mãe, dona de casa, tentava auxiliar o marido reduzindo ao máximo as despesas familiares; Luisinha, irmã próxima, com quem Helena divide muitas brincadeiras e nenhuma confiança; e os irmãos sempre realizando travessuras. Assim, pode ser pensada a família de Helena e a importância de cada um.

Alice Dayrell escreve suas memórias na adolescência, contudo, elas vieram a público, sob o título *Minha Vida de Menina*, através do pseudônimo Helena Morley, quando contava com mais de sessenta anos. Sarlo (2007, p. 25) afirma que “a narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde o começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua lembrança”. A escrita do diário é pontuada por essa passagem do tempo, o acontecimento está próximo do diarista e guarda a intensidade do que foi vivido, no entanto, se realiza pela lembrança. Helena tinha uma escrita diária, sua única pretensão era apreender os acontecimentos a sua volta, refletir sobre eles para não os esquecer, por isso, escrevia com riqueza de detalhes e diariamente. Iniciava a escrita sempre com uma data e, em algum momento do texto, recorre a um advérbio temporal, hoje, ontem, anteontem, marcando a diferença entre a escrita e o momento do fato narrado. Enquanto temporalidade verbal, ela utiliza o pretérito perfeito, ou seja, a ação estava plenamente realizada.

Passava horas do seu dia escrevendo, elegia o que mais a interessava e que estava a sua volta; seus comentários são instigantes e questionadores. Por isso, seu texto apresenta

contribuições importantes sobre as relações familiares, valores culturais, o papel da mulher, a religiosidade, entre outras questões menos relevantes. A linearidade da narrativa, característica do gênero diário, marca o amadurecimento da narradora em suas reflexões sobre os acontecimentos sociais e em torno de si.

Com uma linguagem simples, faz uma apreensão de um mundo fechado, em seu também reservado mundo. Como escrevia sem intenções posteriores, narrava o que pensava e sobre acontecimentos cotidianos, por isso, alguns comentários e suas atitudes deixavam um ponto de interrogação quanto a sua inocência e o seu amadurecimento intelectual e humano. Lejeune (2008, p. 275) diz que “[...]um diário real preenche várias funções ao mesmo tempo. Trata-se da expressão, da reflexão, da memória e do prazer de escrever.” Helena tinha prazer em escrever, no início incentivada pelo pai, depois pelo professor como forma de redação, com o passar do tempo tornou-se um hábito, escrevia porque não queria ou não podia deixar de registrar no caderno todas as suas indagações a respeito do que lhe acontecia ou do que presenciava ou mesmo suas interpretações diante de uma situação qualquer.

#### **4.1 Helena Morley: “Vou fazer catorze anos e já raciocino mais que todos da família”**

Ao dar início à escrita do diário, aos 5 de janeiro de 1893, Helena Morley descreve o Beco do Moinho, lugar para o qual se deslocavam todas as vezes que a mãe lavava roupas. Ela e Luisinha ajudavam a mãe, seu irmão Renato passava o tempo pescando e Emídio, o crioulo, passarinhando. O lugar era encantador para a garota, o que fazia com que o trabalho exercido por ela e a irmã se tornasse mera distração em meio à beleza, como afirma (2016, p. 18): “É o melhor recanto de Diamantina e está sempre deserto [...]. Depois disso batemos a roupa na pedra, enxaguamos e pomos nos galhos para secar. Agora é só procurar frutas no campo, ninhos de passarinho, casulos de borboletas e pedrinhas redondas para jogo.” O cenário do Beco do Moinho pode ser visto como a representação da inocência da menina que narra no primeiro momento apenas sobre sua rotina.

A delicadeza com que descreve o primeiro espaço é também o primeiro momento em que a narradora apresenta de forma sutil a divisão de trabalho entre gêneros. Enquanto os meninos se divertiam, ela e sua irmã precisavam ajudar a mãe. Não é possível inferir o aborrecimento de Helena por essa divisão de atividades, uma vez que o Beco do Moinho é um espaço que ela apreciava.

Questionadora, ousada, meiga, atrevida e ao mesmo tempo simples, é impossível, em um único adjetivo, definir Helena Morley em seu diário, no entanto, existe uma que se sobressai

dentre as características da narradora: ser questionadora. Observa-se em vários fragmentos da obra esse atributo. Não aceitava informações ou imposições sem antes levantar uma hipótese, o que a tornava diferente dos demais irmãos. De uma família tradicional composta por quatro irmãos e os pais, ela destoava de toda a educação familiar e dos demais parentes que também viviam em Diamantina. Em sua escrita, Helena reconhece sua forte personalidade, como se constata a seguir:

Não sei por que hei de ter este gênio de não suportar as contrariedades, tendo sido criada na nossa família, com todos tão resignados e conformados, e também sendo a filha de meus pais que nunca discutem e não procuram se meter em nada. Penso sempre que a educação nada vale. Cada pessoa nasceu como Deus a fez e assim terá de ser.

Aqui em casa somos quatro irmãos e mamãe sempre diz que nem pareço filha dela e de ninguém da família, e não sabe a quem saí. Meu pai diz que eu saí a uma irmã casada que mora em São Paulo e que não conhecemos. Chama-se Alice. Casou-se com um doutor colega de vovô que veio passear em Diamantina, foi logo para São Paulo e nunca mais voltou. Meus irmãos são muito diferentes de mim.

Eu presto atenção às conversas dos mais velhos e tomo partido que eu sei muito bem que não é da minha conta. Mas que hei de fazer se é de meu gênio? (Morley, 2016, p. 132).

Dona de uma personalidade forte, não suportava as contrariedades ou as resignações de seus pais; apontava as qualidades e os defeitos. Em várias partes de sua narrativa, exprimia sua desconfiança em relação a algumas credices populares concebidas como verdades que escutava dos moradores locais, como a do ladrão que virava cupim.

O assunto da cidade é o ladrão misterioso; na Chácara de vovó não se fala noutra coisa. Dizem que ele tinha sumido, mas voltou e tem roubado muitas casas e lojas e ninguém consegue prendê-lo; quando vão tentando pegá-lo ele vira o que quer. Hoje Emídio e José Pedro chegaram na chácara horrorizados contando a proeza do tal ladrão. Ele entrou numa venda do Rio Grande e roubou muito. O dono chegou quando ele estava fazendo o saco e apitou. O povo do Rio Grande, que estava prevenido, saiu todo para a rua para ajudar a pegar o ladrão. Ele saiu correndo e o povo atrás. Quando ele chegou perto da Glória, e já estava quase sendo pego, virou um cupim. Emídio e José Pedro contavam apavorados.

Eu fiquei duvidando da história, porque se eles viram que o homem virou cupim, podiam ter trazido o cupim e trancado na cadeia e ele havia de virar homem outra vez. (Morley, 2016, p. 36).

Quem tem o hábito da leitura e da escrita é uma pessoa atenta, sagaz e não aceita qualquer história. Assim, era Helena Morley, embora fosse uma garota do interior que dividia sua rotina entre o campo e a cidade. Era perspicaz. Ela foi incentivada a ler e a escrever. Observava coisas que muita gente adulta não conseguia analisar e escrevia. No fragmento acima, ela demonstra isso, como uma pessoa viraria cupim? Por que não recolheram o cupim, se em algum momento precisaria voltar ao seu estado humano? Não ousava a falar sobre suas desconfianças, mas apontava-as em um caderno. Assim como apontou muito das histórias

locais, de costumes sociais que ainda estão presentes na atualidade, dessa forma:

A história não é todo o passado, mas também aquilo que resta do passado. Ou, se quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência. (Halbwachs, 1990, p. 67).

É o que acontece com Helena quando ela revisita seus diários da adolescência, ela encontra neles histórias que se tornam presentes, assuntos que foram recordados porque estavam registrados, temas que de alguma forma precisam ser discutidos, pois se fazem atuais.

A escrita, a princípio, entra na vida de Morley como uma obrigação; entretanto, torna-se um hábito e a pequena narradora se deleita. Por ser observadora, as histórias apresentadas por ela são diversas; nem o padre da cidade é isento do seu olhar clínico, principalmente porque ele contou a sua avó sobre o perigo de uma de suas brincadeiras favoritas, a ribanceira, como observa-se no fragmento:

Tenho visto muita coisa na vida, mas padre mexeriqueiro foi hoje a primeira vez. Eu estava na porta quando vi Padre Augusto vir descendo do Palácio e caminhando para a Chácara. Como sei do gosto que vovó tem por padre, fui logo correndo recebê-lo e beijar-lhe a mão. Levei-o para a sala, contente com a satisfação que vovó ia ter; sem pensar, nem de longe, no que ele tinha ido fazer. Chamo vovó; ela toda inchada com a visita, pega na bengala, segura no meu braço e vamos para a sala. Mamãe, Dindinha, Iaiá e tia Agostinha foram também para a sala conversar com o padre. Deixei todas ali e voltei para dentro. Nós sempre aproveitamos toda ocasião para irmos para a ribanceira. Chamei o pessoal todo: Nico, Nhonhô, Luisinha e Rita e voamos para o fundo da horta. Tínhamos escorregado só uma vez e quando demos fé estava a velharia toda no alto, olhando o que estávamos fazendo(...)  
Vovó ralhou muito e disse que ficou com pena de ver Padre Augusto, tão bom, tão caridoso, largar suas obrigações para vir avisá-la que, se ela não tomasse providência um de nós era capaz de morrer afogado no córrego que passa no fundo da Chácara. (Morley, 2016, p. 44)

Apesar de respeitar o padre, vê-se nas palavras da narradora um aborrecimento e decepção diante da revelação dele a sua avó. Escorregar na ribanceira no fundo da horta era uma verdadeira diversão, ninguém os via ali ou os aborrecia. Como um padre pode ser mexeriqueiro? Morley não tinha noção do risco que ela e as outras crianças corriam brincando naquele local, ou não aceitava as boas intenções do padre ao avisar sua avó.

Ao escrever sua narrativa, Helena apresenta diversos espaços: casa, a chácara da avó, o trabalho do pai, a escola, igrejas, enfim, é possível por meio das descrições realizar uma análise de como era a vida familiar e cultural no final do século XIX, no interior de Minas Gerais. Suas memórias estão ligadas ao lugar onde cresceu, são memórias de uma adolescente inquieta e atenta ao seu tempo. Ela anotava em um caderno porque aprendeu que um caderno era o melhor

amigo de uma garota e por não confiar em suas amigas. No entanto, seu objetivo maior seria escrever para não esquecer, guardar suas lembranças para um tempo posterior.

Segundo Aguiar,

Memória escrita é narração. A palavra vem do verbo latino *narrare*, que significa expor, contar, relatar, e se aproxima do que os gregos antigos chamavam de épikos: poema longo que conta uma história e serve para ser recitado. É assim que, sendo arte narrativa por excelência, o memorialismo se liga a épica, tal como se acontece com a novela, conto ou romance. De modo semelhante ao gênero clássico, o memorialismo exige a presença de um narrador apresentando os acontecimentos e os personagens neles envolvidos e pressupõe sempre dois tempos: o presente em que se narra e o passado em que ocorre os eventos narrados. (Aguiar, 1998, p. 27).

O memorialista apresenta a história com um olhar particular no ato da narrativa; na realização dos acontecimentos, ele é um espectador ou mesmo um protagonista, como é o caso de Helena Morley: ela é a narradora que discorre sobre acontecimentos que ocorrem em sua vida e na cidadezinha mineira próximos ao ato narrativo, às vezes mais distante.

Na certeza de que o caderno era seu melhor amigo, faz confissões das suas aventuras e diversas críticas relacionadas à família e à sociedade. Ao descrever Diamantina, delineia um retrato social do final do século, discorre, também, com doçura e carinho a vida simples vivida por ela e familiares. Embora fizesse parte de uma sociedade marcada pelo domínio masculino, o pai foi seu maior incentivador em relação ao ato da escrita. Tal atividade não era tão comum para uma mulher, principalmente quando se tratava de expressar os anseios, o apoio à escrita facilitou nas aulas de redação, conforme observa-se no fragmento a seguir:

Este conselho que meu pai me deu de deixar de contar às amigas a minha vida e meus segredos e escrever no caderno é na verdade bom por um lado e ruim por outro. Bom porque depois do desapontamento que Glorinha me fez passar contando a vovó que apanhei o pêssego do saquinho, que eu lhe contei em segredo, não precisei lhe contar mais nada. Escrevo tudo neste caderno que é o meu confidente e amigo único. Mas porque me tem tomado tempo que eu não podia perder. Eu sou a única menina da Escola que escreve tudo o que pensa e que acontece, nas cartas e redações para Seu Sebastião. Sei que ele não se incomoda e até gosta, mas mesmo assim há muita coisa que eu não tenho coragem de levar para ele. E depois que tomei esse hábito de pôr no caderno o que me acontece tenho que escrever, mesmo sem se preparar para as lições. Hoje vou contar aqui uma coisa que não quero escrever para Seu Sebastião e que só confiarei a este caderno, que me guardará ainda por uns dias o segredo e depois mamãe terá que saber. (Morley, 2016, p. 198-199).

Evidentemente que as anotações de Helena eram supervisionadas; porém, a inspeção feita pelo professor de português não a impedia de externar tudo quanto desejava. Observa-se, no entanto, que nem tudo era de conhecimento dele, pois ela "não tinha coragem de levar para ele". A escrita para ela tornou-se um ato de liberdade, devido poder se expressar livremente na certeza de que não seria punida. Conforme fragmento acima, confiar seus segredos ou seus

pensamentos a alguém poderia ser muito arriscado.

De acordo com Mathias (1997), "Enclausurado de si mesmo, o diarista escreve num exercício de legítima defesa. Contra a solidão que o mina, a distância que o separa das gentes a sua volta, o desdém de que se sente vítima." Helena se aprisiona no seu mundo quando está escrevendo, pois dedica horas do seu dia a esse ofício, liberta-se das amarras da sociedade, ou de qualquer censura que poderia sofrer, sente-se livre para deliberar sobre diversos assuntos em seu caderno de confissões. Portanto,

O diário é, antes de mais, espaço de liberdade por recriar...Também aí, longe de olhares intrusos, o autor constrói e baliza seu universo clandestino e dele secretamente se alimenta. Singular paradoxo: a liberdade de expressão aumenta a proporção inversa às restantes liberdades que foram anuladas ou se encontram ameaçadas. (Mathias, 1997, p. 47).

Sendo assim, o diário é um refúgio, a recriação de um mundo no qual o diarista é livre das amarras sociais; nele encontra liberdade de expressão. A prosa diarista de Helena contém aspectos polêmicos. A narradora expõe seu ponto de vista sobre determinadas temáticas por vezes complexas, levando-se em consideração sua idade. Existe uma preocupação com o outro, que neste caso, não é um possível leitor, já que não era sua intenção ou desejo ganhar notoriedade publicando suas recordações, mas de comunicação com seu eu.

Sem receio de causar impactos sobre aquilo que pensa, levando-se em conta a particularidade da escrita diária, Helena Morley, em *Minha Vida de Menina*, aborda a decadência de Diamantina, cidade que vivia da extração de minérios, a preocupação com a família que vivia basicamente do trabalho do pai no garimpo e da ajuda de sua avó e sobre as traquinagens que fez ao longo de três anos:

Realizei afinal o tal projeto de tirar o broche e vender.  
Será isto que se chama furto? Penso que não, pois a ideia me foi dada por Nossa Senhora.  
Mas eu confesso que fui bem corajosa. A ideia ficou-me na cabeça pregadinha dois dias seguidos. Hoje me levantei cedo e a primeira ideia que me veio foi o demônio do broche. E tudo veio em meu auxílio. Meu pai tem uma gaveta com campainha onde guarda tudo e o tal estava na gaveta. Aproveitei a hora em que todos estavam na cozinha, fui dando a volta à chave devagarinho para não fazer barulho e apanhei o broche. Levei-o a Seu Mendes. Ele pesou e me deu trinta mil réis. Achei que ele me logrou, penso que valia mais; mas a vista do dinheiro fiquei tão contente que nem reclamei. Da tenda fui a casa da costureira e lhe entreguei o dinheiro para me fazer o vestido. (Morley, 2016, p. 200).

O furto do broche é um dos episódios marcantes da narrativa, pois deixa o leitor em dúvida sobre a ingenuidade da narradora, embora ela o justifique na tentativa de convencer-se que sua ação era necessária, entretanto, mostrou o quanto podia ir longe para realizar um desejo,

ao mesmo tempo que foi corajosa ao confessar seu ato em um caderno. É possível, no entanto, no decorrer da obra, o leitor perceber que esse desvio de atitude não tira dela a meiguice de menina e a preocupação com o bem-estar das pessoas próximas.

No decorrer da leitura da obra, o leitor poderá se deparar com duas Helenas: a menina carinhosa que fala com zelo sobre sua vida e de seus familiares; e a Helena que é audaciosa a ponto de furtar para realizar seus caprichos. Não se observa arrependimento de Helena em suas ações, persuasiva em suas palavras, utiliza argumentos convincentes do porquê de seus atos no decorrer do enredo.

A escrita de diários permite esse encontro do autor consigo, ao mesmo tempo que permite ao leitor identificar as facetas da personalidade de um protagonista. Segundo Mathias (1997, p. 47), “Ao diário caberá ocupar um lugar a parte entre dois protagonistas que nele se defrontam, espécie de terceira pessoa, terra de ninguém, aberta a essa a tentativa de reconciliação dessa dupla imagem.” Há na escrita de Helena a menina meiga, como também existe a menina que não mede consequências para obter o que deseja, as duas são evidentes na escrita: uma que tenta seguir os ensinamentos da avó e da tia Madge; outra que foge dos princípios que estão presentes na educação recebida. Dessa forma, permite ao leitor refletir sobre os vários eus que habitam em uma pessoa. Somando-se a isso:

O eu que quer expor só se constrói à medida que se processa também a construção do discurso, através da linguagem de um outro eu curvado sobre um papel investido do poder da palavra e, conseqüentemente de maior capacidade de discernimento e sabedoria. Daí o diário torna-se também palco onde se encena curioso jogo de máscaras entre vários eus. (Viana 1995, p. 58).

Enquanto garota, Helena não tinha consciência de seus eus, é no ato da escrita que ela se autoconhece e que os eus se apresentam. Há uma necessidade de escrever, de falar de si para si, escrevendo faz análise de suas ações e de outras pessoas, como seus parentes, tios e primos presentes na narrativa. Porém, não percebe o quanto a atitude do roubo do broche foi errônea. O erro existe quando o percebe enquanto tal.

Observa-se que em muitos momentos a sua personalidade egocêntrica a faz cometer determinadas atitudes que são problemáticas do ponto de vista ético. Já citamos, anteriormente, como ela trapaceia para conseguir da sua irmã dinheiro para sua festa. Em vários momentos da narrativa, ela faz chantagem emocional com a avó para conseguir o que quer, enfim, são diversas situações que ela demonstra ser nada ingênua e muito astuciosa e cheia de artifícios.

Escreve sobre o tio Conrado e os filhos como exemplos de educação, compara por vezes o seu comportamento com os dos primos e os considera disciplinados. Morley (2016, p. 166)

comenta: “Os considerados inteligentes da família são os filhos de tio Conrado. Nenhum deles é mais inteligente que nós não; mas o pai é metódico, a casa tem ordem e eles podem estudar.” Ao contrário de Helena, eram estudiosos, organizados em seus horários, enquanto a Helena oscilava entre o campo e a cidade acompanhando os pais ou, por vezes, ficando com a avó. Sua mãe não se preocupava com os estudos dos filhos, não se interessava pelo que a filha escrevia nos cadernos, conforme mostrado no seguinte trecho: “mamãe nunca olha o que escrevo, mas vovó quer que eu leia tudo para ela e também para as pessoas de fora.” (Morley, 2016, p. 111). Dona Teodora, avó de Helena, tinha um carinho especial por ela e se orgulhava de ter uma neta que gostava de ler e escrever.

O diário de Helena começa no círculo doméstico, depois abrange espaços como a escola, lugar de aprendizado, e que amplia suas relações fora do âmbito familiar. Ela cursava a Escola Normal, tinha aula de redação todos os dias o que não lhe era difícil, pois desde pequena recebera incentivos para exercer a escrita. Por gostar de escrever, os acontecimentos corriqueiros também eram narrados em seus manuscritos. Como o caso dos pintinhos comidos pela gata:

Terça-feira, 6 de março

Há muito tempo eu não sofria uma tristeza como tive hoje. Eu tenho três galinhas. Sempre ajunto os ovos e vendo; mas não sei porque me deu na cabeça chocar esta última dúzia em vez de vender. Podia ter evitado esta tristeza que estou sofrendo agora.

Minha galinha ficou choca e eu arranjei um caixote, umas palhas, folhas de fumo, tudo bem direitinho e também um lugar ótimo debaixo do sobrado. Deitei a galinha e fiz tudo tão bem feito que até o dia eu assentei, e ia contando os dias e riscando. Era ontem que devia sair os pintinhos. Quando vim da escola para o almoço, fui olhar e estavam dois fora da casca. Fui para a escola só pensando na volta para quebrar o milho bem quebradinho e já tinha arranjado uma pedra redonda e lisa muito boa. Não passei em casa de ninguém só pensando nos pintinhos. Jeninha me convidou para entrar e achou graça de eu dizer que vinha ver os pintos, se já tinha saído todos da casca. Entro em casa, jogo os livros em cima da mesa e corro para o ninho: oh desgraça! Só encontrei as cascas; a gata tinha comido todos.

Seu tivesse coragem teria enforcado a gata, como vi as vizinhas Correias fazerem. (Morley, 2016, p. 130).

Percebe-se o profundo envolvimento de Helena ao descrever suas experiências com os pintinhos e a atenção dedicada à galinha e aos ovos comidos pela gata. Ela escreveu porque precisava acalmar-se. A chácara da avó, a escola, a cidade, o rancho no serviço do pai, a casa são espaços nos quais a narradora transita e relata em seus cadernos. Todos fazem parte da memória afetiva da menina. Ela narrou e descreveu esses espaços como sendo importantes. Os acontecimentos, pela relevância, constam nas páginas de seu diário. Mereceram um espaço em sua memória, não queria esquecê-los. A chácara da avó Teodora, por exemplo, a qual frequenta constantemente, é para a narradora um lugar agradável, isso porque Helena ama estar com sua



avó e também estar em contato com os negros que ainda lá viviam.

Quinta-feira, 4 de maio

Como é bom vovó morar na chácara! A casa é tão perto da Igreja do Rosário que Senhor Bispo, vendo como ela é gorda e pesada lhe deu licença de ouvir a missa da janela do quarto, e quando é para comungar o padre leva comunhão para ela (...)

No dia de Santa Cruz não descansamos um instante. Cada um quer trabalhar e ajudar mais que o outro. Meus irmãos ajudam a cortar e fincar bambus. Eu e Luisinha carregamos as folhas de papagaio e de café. Ivo Arara é quem empresta os paus e as tábuas. As filhas de Seu Cláudio é quem enchem as lamparinas de azeite e põem nas prateleiras. Vovó manda buscar muita areia que eu e Luisinha espalhamos no chão e semeamos por cima as folhas de café (...)

Para nós este é um dia alegre. Todos os meus tios e primos se reúnem na chácara da vovó. As negras fazem para nós um judeu de frango de molho pardo, lombo de porco, arroz e angu.

Na chácara moram ainda muitos negros e negras do tempo do cativo, que foram escravos e não quiseram sair com a Lei 13 de Maio. Vovó sustenta todos. (Morley, 2016, p. 49-50).

Neste fragmento, foi descrito um dia de festa na chácara de Dona Teodora. A escritora fala com entusiasmo sobre o encontro familiar, ao mesmo tempo em que aponta a generosidade de sua avó ao deixar os negros, ex-escravizados, ainda morarem na chácara. Porém, o que se percebe é que embora houvesse um ambiente acolhedor para os negros, havia uma espécie de favores trocados; os negros não tinham para onde ir, ficavam ali e em troca realizavam atividades domésticas para Dona Teodora, sem remuneração. A “diferença” entre ser escravo e ser livre é apenas na lei, mas na prática os papéis são os mesmos. Helena não percebia, já que era branca e em uma situação de privilégio em relação aos negros. Durante a narrativa, assegurou-se que a família não dispunha de condições financeiras e contava com a ajuda da avó. Entretanto, ela exibia regalias que os ex-escravizados não apresentavam, começando pela aceitação social devido à cor da pele.

Todas as suas lembranças em torno da chácara são marcadas por diversão, ora em meio familiar, ora com os negros ou pessoas com as quais ela se relacionava muito bem.

O pai da narradora vivia do garimpo, e sua avó era viúva e dispunha de uma vida estável porque o marido ganhou muito dinheiro na mineração, embora houvesse ciúmes de alguns filhos de Dona Teodora em relação à forma acolhedora como ela tratava a família de Helena. A família era unida, todos respeitavam a matriarca. Embora gostasse de conversar com a avó, a narradora não tinha paciência para ouvir as histórias do pai.

Quinta-feira, 23 de março

Já notei que conversa de velhos é sempre a mesma coisa. Meu pai, quando não está falando no serviço que está fazendo, que dá sempre muita esperança, conta casos de seu Laje, de seu Agostinho Machado, dois ingleses que vinham visitar meu avô. São sempre os mesmos toda vida. (Morley, 2016, p. 37)

A falta de paciência em ouvir as histórias repetidas do pai, Alexandre, demonstra a falta de diálogo entre ambos. Percebe-se que ele não dava atenção para a filha; ainda que a incentivasse a ler e a escrever, não tentava saber o que ela estava fazendo ou pensando, ao contrário de Dona Teodora, que conversava com a neta, gostava de ouvir suas histórias e a aconselhava. Helena tinha necessidade de falar, ser ouvida; com a avó, os diálogos se estabeleciam, porém, com o pai ficava a desejar. Talvez a intimidade entre pais e filhos fosse dificultada pelos padrões rígidos da época, a ocupação com o trabalho e a rotina doméstica.

A família e a parentela de Helena Morley representam muito da vida brasileira no final do século XIX. Viviam no interior de Minas Gerais, em Diamantina, cidade pequena sem eletricidade, sem água encanada; a economia da cidade ainda era muito voltada para a extração de minério. Helena tinha aproximação com a família paterna, descendentes de ingleses; sua avó desejava que ela convivesse com as tias para que ela pudesse aprender a comportar-se como uma inglesinha. Já a família materna era numerosa, e havia pessoas que ela não conhecia.

Quinta-feira, 23 de maio

Quando eu comparo as famílias de mamãe e pai, eu fico vendo a diferença que há entre elas. Na família de meu pai é tudo igualzinho. Os irmãos são diferentes só na figura. Nos modos a gente viu um viu todos. As irmãs também são a mesma coisa, quase. Na de mamãe é uma diferença de um para outro que a gente fica admirada. Na família de meu pai não há muitos parentes, são os tios e tias, os filhos de meu pai e os do tio Mortimer. Na família de mamãe há uma porção de parentes e primos dela que nós nem conhecemos. Um desses parente longe é inteligente, instruído e vivia empregado de guarda livros. Ultimamente ele deu para beber, deixou de trabalhar e ficou relaxado. (Morley, 2016, p. 247).

Ao abordar as diferenças familiares, busca-se uma explicação em relação ao comportamento agitado da narradora, que destoa dos pais e dos irmãos Renato e Luisinha. A família paterna era organizada, enquanto a materna, além de numerosa, era agitada. Dona Teodora desejava para a neta uma educação próxima à que deu para os filhos, mas a narradora não se enquadrava na disciplina imposta pela tia Madge; vivia a passear, gostava das festividades e de ouvir conversas dos adultos. De fato, Helena, por mais que convivesse com a avó e as tias, era o oposto delas.

A passagem do tempo na obra é percebida não somente por que a narradora a referenciava no corpus do texto, mas também na ascensão de suas análises e reflexões. Os relatos das brincadeiras e pequenos segredos cedem espaço para observações mais atentas da família, dos amigos próximos, dos costumes e dos hábitos das pessoas da cidade, como por exemplo, o de não valorizar o que ali se encontrava.

Domingo, 4 de março

Nós temos a mania de achar tudo que é de fora melhor que o nosso (...)  
 Luisinha quebrou um dente da frente e meu pai quis mandar consertar pelo dentista daqui. Ela não quis, dizendo que ele com aquela mão aleijada, fizesse coisa bem feita(...) Chegou a Diamantina um mulato muito entonado que se dizia bom dentista. Só vendo a empáfia do tal. Luisinha quis logo que lhe pusesse o dente. Meu pai chamou-o em casa e contratou com ele chumbar os dentes dela e pôr o da frente. O dentista pediu duzentos mil réis e acabou deixando por cento e cinquenta. Chumbou os dentes e quando foi pôr o da frente puxou a caixa de fósforo do bolso, tirou um pedacinho de fósforo, fez uma pontinha e enfiou no dente e pôs também uma massa. Não achei aquilo direito e perguntei se com o fósforo o dente ficava seguro. Ele respondeu: “o que segura o dente não é o fósforo, é a massa”. Pôs o dente e Luisinha ficou radiante. Meu pai chegou da lavra, olhou, gostou e pagou ao demônio do dentista. Quinta-feira fomos ao Jogo de Bola, onde havia um hóspede que tinha vindo de Curralinho votar na eleição e trouxe a mulher. Tia Agostinha pôs a mesa para café com doce de figo e bolo...Quando estava na mesa naquele silêncio, ouvimos um batido no prato: tim-guim-lim! Luisinha espantada olha para todos e exclama: “Meu dente!”. Nós estouramos no riso e Luisinha só faltou chorar. O demônio do dentista depois de roubar muita gente mais, já foi embora para outro lugar. (Morley, 2016, p. 129).

A partir do episódio acontecido com a irmã, Helena entende que as pessoas precisam observar e valorizar mais o que está ao seu redor. Ela nota a falta de valorização dos profissionais da cidade, a partir da experiência negativa de Luisinha. O caso acontecido com Luisinha serve para as pessoas entenderem que devem estar abertas ao novo, porém não esquecer o que existe de bom e valorizar seja a cultura ou o profissional da região. Embora tivesse amor pelos pais, a figura mais importante na vida de Helena é a sua avó, Dona Teodora, pessoa que a orientava e ao mesmo tempo a protegia. Sendo a neta mais inquieta, ela tinha um cuidado especial, fazia questão de acompanhá-la em cada desenvolvimento. Gostava de ouvir as histórias escritas por ela em um caderno, conversava com a neta. Helena não sentia receio de conversar com a avó sobre suas observações, havia entre ambas uma intimidade, no entanto, o mesmo não acontecia com a mãe que nunca tinha tempo para ouvi-la ou acompanhar o que ela escrevia. No fragmento abaixo, a narradora evidencia o dia em que completou quinze anos, data que era para ser celebrada com entusiasmo pela garota, contudo, Helena estava triste, sua avó estava doente.

Quarta-feira, 28 de agosto

Faço hoje quinze anos. Que aniversário triste!

Vovó chamou-me cedo, ansiada como está, coitadinha, e deu-me um vestido. Beijou-me e disse: “Sei que você vai ser sempre feliz, minha filhinha, e que nunca se esquecerá de sua avozinha que lhe quer tanto.” As lágrimas lhe correram pelo rosto abaixo e eu larguei dos braços dela e vim desengasgar-me aqui no meu quarto, chorando escondida.

Como sofro de ver que mesmo na cama, penando como está, vovó não se esquece de mim e de meus deveres e que eu não fui o que devia ter sido para ela. Mas juro por tudo aqui nesta hora que vovó melhorando eu serei um anjo para ela e me dedicarei a esta avozinha tão boa que me quer tanto. (Morley, 2016, p. 277).

O modo como a narradora descreveu o diálogo com Dona Teodora evidenciou o quanto a figura da avó foi importante em sua vida, ao mesmo tempo que demonstra uma fragilidade da narradora. Como a avó exercia muita influência sobre a menina ao longo da obra, a autora sempre descreve os diversos momentos com a matriarca: idas à chácara, os diálogos, momentos nos quais a avó chamava sua atenção. O cuidado dispensado por Dona Teodora não é apenas com a neta, mas também com toda a família da garota, pois a matriarca sabia das dificuldades financeiras que os pais de Helena passavam. Cuidados esses que, segundo a narradora, geraram ciúmes por parte dos primos. Como pode ser visto no seguinte trecho: “Que é que você faz para esta diferença de vovó com você? Ela mostra em tudo. Ela pensa que só você é que precisa comer, que você é a mais inteligente, que é a mais esperta.” (Morley, 2016, p. 255).

A amizade estabelecida entre Helena e a avó é em virtude da convivência intensa entre ambas. Helena e os irmãos frequentavam muito a casa da avó, devido à mãe precisar acompanhar o marido ou porque a própria avó fazia questão da proximidade deles, pois podia ajudar a família e acompanhar o desenvolvimento da neta. A nostalgia apresentada em todo o texto confirma o quanto a garota sentia-se bem na presença de sua avó. Dona de uma personalidade forte, Helena fica muito abalada com o estado de saúde da avó e encontra acalento ao transpor para o papel suas angústias.

Sábado, 31 de agosto

Hoje faz sete dias que vovó está doente e todos da casa estão na maior ansiedade, pois dizem que se ela melhorar de hoje para amanhã estará salva.

Não sei para que Deus me fez conhecer vovó! Eu poderia ser tão feliz, que meus pais são fortes e saudáveis, se não tivesse conhecido como aconteceu com a outra que morreu quando eu era pequena.

Hoje estou agoniada. Esmeralda veio nos ajudar e ensinou-nos umas rezas que é impossível que Deus não atenda. Todas rezamos com tanta fé! Quase não fizemos hoje outra coisa. As visitas mesmo não haviam quem fosse receber. (Morley, 2016, p. 277-278).

A fé é um elemento constante na obra, são muitas as festividades e santos que são mencionados no texto. Helena gostava e participava de todos. Quando Dona Teodora adoeceu, ela com a ajuda de amigos da família e de ex--escravizados, como Esmeralda, todos rezavam acreditando em um milagre. Mas, apesar de todas as rezas, a matriarca não resistiu e veio a falecer. Em seu diário, Morley escreveu sobre a perda da avó. Ela precisava desabafar. Sentiu necessidade de externar suas emoções.

Terça-feira, 3 de setembro

Vovó morreu!

Ó querida vovó, para que Deus a levou e me deixou sozinha no mundo com tantas saudades! Sozinha sim, minha avozinha querida, pois não era a senhora a única pessoa que me compreendeu até hoje? Quem encontrarei mais na vida para dizer-me que sou

inteligente, bonita e boazinha? Quem mais se lembrará de me dar um vestido bonito para não ficar inferior às primas? Quem discutirá com mamãe, procurando sempre defender-me e achando em mim qualidades, quando os outros só encontram defeitos? Sinto, avozinha querida, que todos os netos só eu sofri tanto sua perda! Disse isso mesmo aos primos e eles responderam: “Você era a única querida”. Por que a senhora queria tanto a mim que sou a mais artilosa das netas, a mais barulhenta e que mais trabalho lhe dava? Lembro-me agora com remorso do esforço que a senhora fazia todas as noites para tirar-me do brinquedo e me pôr de joelhos, à hora do terço. Mas agora, lhe confesso, aqui em segredo, que era uma hora de sacrifício que a senhora me obrigava a passar. Até raiva eu sentia quando, depois de rezar o terço com todos os mistérios contemplados, ficavam as minhas tias e a hipócrita da Chiquinha a lembrar todos os parentes mortos, para rezarmos um padre-nosso ou ave-maria por alma de cada um. Eu ficava pensando que minha reza era capaz de levar as almas para o Inferno, pois rezava sempre contrariada. [...] Agora que estou aqui me desabafando é que vem a memória toda a ternura, toda a sua bondade para comigo. Vem-me à ideia o dia em que comparei a Nossa Senhora. (Morley, 2016, p. 278-279).

Escrever em um momento de dor, para Helena, torna-se um alívio. Recorda-se da ternura da avó, dos muitos ensinamentos. Entretanto, também é notório que a narradora, embora não percebesse, ao exteriorizar seu amor, demonstrou certa preocupação com a perda dos benefícios que não mais teria. Dona Teodora era uma viúva de posses, seu marido trabalhou no garimpo. É evidente que Helena amava a avó, mas também gostava do apoio que encontrava nela e, principalmente, dos mimos. Com a morte da matriarca, no ano de 1895, muitas coisas mudaram nos encontros familiares, mas Helena guarda as memórias vivas dos bons momentos que esteve com ela e escreve com carinho sobre a avó: “Hoje, se vovó fosse viva, fazia oitenta e cinco anos [...]. Graças a Deus as brigas do inventário não chegaram a desunir a família. Ainda vivemos amigos. Mas que diferença do tempo de vovó para hoje!” (Morley, 2016, p. 312-313). Sem dúvida, foi a narradora que sentiu mais falta de Dona Teodora, por tudo que elas viveram juntas, por tudo que a avó fazia por ela, porque sentia-se protegida, amada e os conselhos eram reflexos do amor que ela sentia pela neta e acatá-los significava amar também a avó. E, assim, Helena encerra seu diário falando da proteção que sua avó mesmo no céu dava a sua família.

Terça-feira, 31 de dezembro

Hoje estou me lembrando de vovó, porque a alma dela nos tem protegido desde que morreu.

Quantas vezes ela não me dizia “Você que vai valer à sua família, minha filha. Você é inteligente e boazinha”. Lembro-me também sempre dizer a mamãe: “Carolina, minha filha, eu estou muito precisada de morrer para melhorar sua vida”. Falava assim por não poder dar dinheiro em vida, porque tio Geraldo, que tomava conta da fortuna dela, não deixava.

O dinheiro que vovó deixou para mamãe foi pouco e meu pai pagou todas as dívidas e continuou na mineração. Mas logo as coisas mudaram e nossa vida tem melhorado tanto, que eu só posso atribuir à proteção da alma de minha vovó. Meu pai entrou para a companhia de Boa Vista e tudo dos estrangeiros é só com ele, porque é o único que fala inglês e conhece bem as lavras. Agora não vamos sofrer mais faltas, graças a Deus.

Não é mesmo proteção de vovó lá do Céu? (Morley, 2016, p. 324).

É com esse fragmento que Helena se despede do diário de adolescente, retornando anos mais tarde, quando experimentava o prazer de ser avó, e com muito carinho resolve publicar suas memórias, pensando a priori em suas netas.

[...] o diário é um livro já feito e ainda por fazer. Concluído e por concluir diz Eric Marty em *L'écriture du jour*: O diário, possui, de fato a particularidade única que não existe em nenhum outro texto literário de poder ser interrompido sem que isso fique inacabado. Observação de uma extrema justeza que revela bem até que ponto a morte está aqui sempre presente e sempre eternamente adiada. Escrever é esconjurá-la. (MATHIAS, 1997, p. 47).

De fato, o diário é um texto concluído ao mesmo tempo que por concluir, sendo uma opção do autor retornar a ele ou não. Trinta e um de dezembro de 1895, último dia do ano, Helena encerrou seu diário, estava com quinze anos. Em seu último texto, discorreu sobre a proteção da avó, mesmo estando morta, o novo cargo do pai na mineração. Não se sabe se foi proposital ou coincidência o último dia do ano ser também o último dia em que a autora escreveu em seu caderno de adolescente. Lejeune (2008, p. 2720) declara que: "[...] o diário é vivido como escrita sem fim; o fim de um ponto de vista e sua relação com a finalidade, ou antes com as finalidades possíveis do diário [...]. O fim como realidade, o diário confrontado com a morte (voluntária ou involuntária) de seu autor." Devido ao diário ser o único texto literário que permite a ida e vinda do autor, sua narrativa é aberta a qualquer assunto. Helena encontrou na escrita dele um refúgio diante de tudo que viveu e observou na sociedade. Ao encerrá-lo, eterniza a figura de sua avó.

#### **4.2 A religiosidade, crenças e superstições no diário *Minha Vida de Menina***

Helena Morley traz um enfoque especial para as crenças e a religiosidade local. A partir do cotidiano, escreveu sobre o que sentia a cada festejo que participava e crendices que escutava. "Os memorialistas têm, assim, um pé na história e outro na ficção. A conclusão decorre sobretudo da maneira com que o autor de memórias pode tratar o acontecimento evocado." (Aguiar, 1998, p. 23). Em *Minha Vida de Menina*, a narradora apresenta um olhar crítico ou admirado em relação aos fatos históricos e religiosos, de acordo com a afirmativa a seguir: "Levantamento de mastro em Diamantina é uma das melhores festas. Eu gosto de assistir a todos. Mas dos mastros do Rosário e das Mercês, gosto ainda mais." (Morley, 2016, p. 178-179). Em virtude de viver em uma pequena cidade, a religiosidade era algo muito presente na vida das famílias e as festividades religiosas eram consideradas um evento, descrito com detalhes pela narradora, de acordo com a descrição abaixo:

Este ano a novena das Mercês tem estado muito influente. Tem tido muita gente. A juíza é uma prima de mamãe, Cristina Ferreira, que tem um narigão, e nós tratamos por Zizica. Ela mora na fábrica de Santa Bárbara com a sobrinha dela, Virgínia, que da escola. A outra sobrinha Zulmira, que está aqui estudando na Escola Normal, é mesmo que filha porque foi criada por ela.

Um mês antes da festa Zulmira vinha só falando que Virgínia escrevia sempre, contando as coisas que estava ajuntando para trazer: quatro leitões, cinco perus, galinhas, patos, doces sequilhos, tudo em quantidade para darem uma ceia todas as noites, depois da novena, aos parentes e amigos. Nós andávamos todos ansiosos esperando uma festa com tanta coisa boa e, desde que começou a novena, temos acompanhado a música todas as noites à casa da juíza e ficando lá até tarde, à espera das comedorias. Se eu disser que já passaram quatro dias de novena e ainda não tomamos lá uma xícara de café, não minto. (Morley, 2016, p. 171).

A narradora vê na religiosidade um aspecto importante a ser ressaltado. É evidente seu desejo de guardar na memória esse aspecto cultural de Diamantina, do final do século XIX. Ao escrever sobre esse assunto, ela contribuiu com informações específicas sobre a religiosidade de um povo. Por isso, sua obra configura-se como objeto de estudo, pois nela encontra-se muito sobre o passado de uma região. David Lowenthal (1996, p. 108) reflete que: “Aceitamos a memória como uma premissa do conhecimento; inferimos a história a partir de evidências que incluem as lembranças de outrem.” São a partir das lembranças de uma garota que se conhece muito sobre a fé cultural em Diamantina. A festa religiosa em Diamantina era uma tradição que estava ligada à necessidade das pessoas, a vida simples que levavam e, sobretudo, a fé que os movia, nesse caso, não importava a classe social ou a cor da pele, toda a comunidade participava, como a festa de Nossa Senhora do Rosário. Devido à obra configurar-se enquanto um diário, narrativa que parte das experiências e observações de uma pessoa, entende-se que o relato da garota corrobora para o conhecimento histórico.

Quando escreveu, Helena preservou não somente fatos da sua vida, mas também da identidade cultural do local onde morava. É impossível escrever sobre tudo, assim, quem escreve privilegia aspectos que mais lhe chama a atenção. Com Morley não foi diferente, ela detalhou suas impressões, descreve ricamente determinadas situações, outras circunstâncias são apresentadas de forma sucinta. Sua memória aciona as lembranças que ela define como prioridades:

Quinta-feira, 30 de agosto

Estou convencida de que aqui em Diamantina reza vale mais do que a proteção ou trabalho. Comigo e toda a nossa família nunca falha. É só a gente rezar uma oração bem forte, com muita fé, e vai logo servida. Mas hoje eu verifiquei que, em casa de gente muito boa como Seu Juca Neves, é só pedir que Deus atende, mesmo sem reza. (Morley, 2016, p. 177).

De acordo com a obra, a fé é marcante não somente na família da narradora, mas também

na população local, o que não poderia ser diferente, pois são muitos os santos festejados e superstições populares. Helena, como uma boa observadora, registrou algumas delas expondo a contradição do povo de Diamantina, principalmente de sua família, que se dizia católica e temente a Deus, no entanto, acreditava em várias superstições. O modo de vida cultural de um povo é determinante para suas crendices. De acordo com Ferreira (2012, p. 13), "é na religião que o homem busca o amparo para suas idiossincrasias. É ela, fruto do próprio homem, que dá sentido aos seus próprios problemas." É na religião que as pessoas encontram acalento para as adversidades da vida. E Helena Morley traz, de forma concisa, aspectos sobre a religiosidade cultivada em Diamantina. São vários os festejos: o da Nossa Senhora do Rosário, o da Nossa Senhora das Mercês e os Santos de fogueira, além de retratar as idas à missa e as rezas na casa da avó.

Para Lucena (1996, p. 409), "a festa religiosa é um dos momentos mais importantes e significativos da tradição local e as festas dos padroeiros envolvem, inclusive, os acontecimentos mais importantes da vida individual e comunitária." Tendo como referência essa premissa, o discurso empregado nos diversos fragmentos do livro evidencia que a fé religiosa movia a sociedade diamantinense do final do século. Entretanto, há nessa fé a presença das superstições, algumas apresentadas pela família da narradora e outras por ex-escravizados, pessoas que Helena gostava de conversar e ouvir histórias. No entanto, embora tivesse medo de algumas coisas que ouvia, questionava algumas histórias, conforme se observa:

Quinta-feira, 26 de julho

Uma vez perguntei a vovó: "A senhora não gosta de pecar e como sabe que superstição é pecado e tem tanta superstição?" Ela respondeu: "São coisas que a gente nasceu com elas, minha filha. Quem viu provas, como eu, de treze pessoas na mesa, e dentro de um ano morrer uma; e também de um espelho que caiu e quebrou-se na casa do Henrique e lhe sucedeu tanta desgraça, sem querer vai tomando medo. Os padres todos dizem que é pecado, mas eu duvido que eles também não acreditem. É uma coisa a gente já nasce sabendo, que a voz do povo é a voz de Deus." Eu falei: "Eu sei de mim que não vou acreditar nessas coisas, vovó. Se é pecado é porque Deus vê que é absurdo." (Morley, 2016, p. 168).

A fé assume diversas formas, e as superstições são uma delas. As pessoas sentem a necessidade de justificar um sofrimento ou alguma ação e, dessa forma, se apegam a fatos que escutam. Levando-se em consideração as palavras da avó de Helena, que afirma que as pessoas nascem com algumas delas, o que se entende é que a crença é uma construção coletiva que atravessa os tempos. É interessante existirem, na atualidade, pessoas que acreditam em superstições como a do espelho citada por Dona Teodora; passar por baixo de uma escada ou mesmo deixar o chinelo emborcado. Neves (2004, p. 3) infere que: "a angústia do ser humano por não compreender o acaso, a coincidência, o sobrenatural, dá, paradoxalmente, algum papel



às superstições.”

Helena não entende ou não concorda com essas formas de apego no momento de angústia. Para ela, crer em Deus seria o suficiente, por isso, quando dialoga com a avó, faz críticas. Contudo, mesmo não acreditando nelas, escreve sobre a temática. Como uma boa ouvinte de causos, registrou também o que ouviu de alguns ex-escravizados:

Domingo, 29 de dezembro

Vovó tinha em casa muitas ex- escravas contadoras de histórias de carocha, histórias de almas de outro mundo e de pecados que levam ao purgatório e ao inferno. Furtar ovos, por exemplo, pois o ovo vira pinto, e quantas penas tem o pinto tantos são os anos de sofrimento do Purgatório. Achar um padre feio, este então era um pecado sem perdão.

Eu ouvia tudo com muita atenção e não seria capaz de roubar um ovo em nenhuma hipótese. Mas o pecado de achar o padre feio perseguia-me o ano inteiro. Todas as vezes que o Padre Neves entrava na igreja eu pensava comigo: “Será mesmo que estou pecando? Mas eu acho o padre tão feio!” Eu procurava sempre tirar da cabeça este mau pensamento, mas ele voltava de novo e não me deixava até terminar a aula de Catecismo. (Morley, 2016, p. 332)

Apesar de criticar, a narradora sentia medo de ser punida caso não respeitasse as histórias. Enquanto adolescente, sua maior preocupação era ir para o inferno, caso achasse o padre feio, o que mais tarde o próprio padre desmistificou. É curioso como, na atualidade, as superstições sofreram alterações, tornaram-se motivo de brincadeiras e risos. Hoje, a superstição de padre popularmente conhecida é: “Quem ficar por último é a mulher do padre”. Ninguém queria ser o último. Hoje, como se tornou uma brincadeira entre as pessoas, pergunta-se: “o padre é bonito?” Logo:

A coleção de todas as superstições é um trabalho impossível. O seu universo é inesgotável. Em todos os tempos e em todas as civilizações proliferaram e proliferam nas razões dos milhões a que aquece a sua contraditoriedade - por vezes, uma superstição tem um sentido numa região e o oposto noutras latitudes. (Neves, 2004, p. 4).

Embora reflorem com um olhar diferente e não tenham tanto efeito na sociedade atual, as superstições ainda são presentes. De alguma forma, elas aguçam o imaginário popular, justificando algum sofrimento, outras trazendo acalento para as angústias.

Assim como as superstições, os sonhos também ganham destaque no diário de Helena. Ela discorre sobre os sonhos que tinha:

Sábado, 27 de outubro

[...]

Sonhar que estou ouvindo a missa da Sé, no meio do povo, em fralda de camisa, é uma coisa horrível que me acontece sempre. Tenho ido muitas vezes em sonho à Escola, descalça e sem saber onde esconder os pés. É um martírio o tempo todo. Tenho tido também sonhos maravilhosos. Não tenho conta as vezes que tenho voado sem

asas para Boa Vista ou em cima das casas na cidade. Que coisa agradável! Já estive num palácio maravilhoso, como a menina dos anõezinhos. Já sonhei com um grande de amendoins e eu ia arrancando um pé e encontrava só níqueis e pratinhas na raiz. (Morley, 2016, p. 191).

Preocupar-se com um sonho, tentar compreendê-lo e até mesmo associá-lo aos acontecimentos são motivos de inquietações e algo que instiga os indivíduos. Por isso, entendê-los ainda é muito comum, principalmente entre os religiosos. Devido a Helena ser uma garota inquieta, o sonho para ela, ao contrário das superstições, era algo que precisava ser investigado. Para tanto, procurava sempre uma pessoa que ela chamava por Mãe Tina, pessoa que explicava os sonhos, mas que é citada apenas uma vez na narrativa.

É a partir da apresentação de Helena que se observa a mentalidade religiosa das pessoas na pequena Diamantina, do final do século XIX. Por ser de uma família católica, mas ao mesmo tempo acreditava em superstições, a garota discorre sobre essas temáticas apontando as divergências entre a fé cristã e as crendices populares.

#### **4.3 O olhar de uma garota sobre o preconceito racial e o papel social das mulheres no final do século XIX**

O conhecimento sobre o passado estabelece-se por meio de diversas situações individuais ou coletivas. Tudo pode se tornar um motivo para que o indivíduo volte sua memória para o passado. Lowenthal (1996, p. 64) assegura que “O passado nos cerca e nos preenche; cada cenário, cada declaração, cada ação conserva um conteúdo residual de tempos posteriores.” A narrativa *Minha Vida de Menina* remete o leitor às reminiscências de uma adolescente que, em 1893, escreve sobre o seu cotidiano de forma a apreendê-lo para preservá-lo do esquecimento ou para desabafar. São relatos sobre suas experiências, a cidade, os familiares e amigos mais próximos. A leitura do diário, além de permitir conhecer a vida feliz e alguns perrengues de uma garota do interior, contribui para o conhecimento do lugar de fala da mulher e a vida dos negros, após a abolição, e o estilo de vida patriarcal.

Quando foi escrito, apenas cinco anos após o fim da escravidão no Brasil, a sociedade ainda estava passando por adaptações com a nova forma de vida dos negros. Quando a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, porém, o país não estava preparado para essa realidade e os escravizados foram apenas retirados das fazendas e jogados às margens da sociedade, sem nenhum ressarcimento financeiro pelo tempo de trabalho exercido sem remuneração. Na prática, o lugar social deles continuou o mesmo por muito tempo: sem moradia, sem formação ou profissão, tiveram dificuldades para se manterem e até mesmo serem aceitos. A Lei Áurea

foi assinada; entretanto, os negros continuaram sujeitando-se às péssimas condições de vida. Tornaram-se mão de obra de baixo custo nas fazendas ou nas cidades. Outros optaram por não sair das terras de seus ex-donos e trabalhavam em troca de comida e lugar para morar. *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley, apresenta, por meio da família de Helena, um pouco do comportamento da sociedade diante dessa nova realidade social. A avó da narradora mantinha em sua chácara alguns ex-escravizados que ali resolveram continuar vivendo. Eram pessoas livres que optaram por viver na chácara de Dona Teodora. Segundo a narradora, eram bem tratados e queridos pela matriarca. Porém, algumas ações ainda marcavam a submissão diante dos ex-donos, como é notório na passagem a seguir:

Meu pai hoje veio da Boa Vista com tio Joãozinho para votarem no Presidente da República e no Dr. João da Mata para Deputado. Na nossa família todos tem de mexer com política, por causa da tia Aurélia e tio Conrado que são muito influentes. Ele é irmão da mãe de Dr. Mata e muito amigo dele e pegou essa amizade na família toda. Eu mesma dou razão de todos o considerarem uma honra da Diamantina porque é um homem muito bom. Todos tiveram muita raiva quando Floriano o prendeu. Meu pai diz que espera que ele ainda vá eleito Presidente do Estado e depois da República. O que eu acho mais engraçado no dia da eleição é o partido que todos tomam e ninguém perdoa o que vota contra nesse dia. É tanta animação na cidade que parece coisa que nos interessa. Acaba a eleição e ninguém mais se lembra. Seu Cadete fica tão influente que dá roupas e botinas aos negros para irem votar. Os negros da chácara, que sabem ler, são Marciano, Roldão e Nestor; já desde cedo estavam de roupa limpa para a eleição. Vovó lhes recomendou: “Vocês não escutem conversa de ninguém nem aceitem papel nenhum que queiram dar. Fiquem perto de Joãozinho e na hora de votar façam o que ele mandar.” Eles saíram muito anchos. Eu gosto de ver a animação da cidade, mas não acredito que isso possa adiantar nada para nós. (Morley, 2016, p. 128).

A partir da Lei de treze de maio de 1888, os negros foram considerados livres e sujeitos constituintes com direito a votar. Contudo, somente os poucos alfabetizados poderiam usufruir desse direito e seguiam as orientações dos brancos. Na passagem acima, os ex-escravizados Marciano, Roldão e Nestor, os únicos alfabetizados que viviam na fazenda de Dona Teodora, por respeito, por terem um lugar para ficar e o que comer, seguiam as orientações dela até mesmo em dia de eleição. Sabe-se que na hora do voto, o cidadão escolhe aquele que melhor lhe representa, porém os negros não tinham representação. Votavam atendendo ao interesse de outros favorecidos. Entende-se que os representantes políticos do período não tinham interesse no voto dessas pessoas e utilizar a questão do analfabetismo foi uma forma de excluí-los da participação política, como praticamente de tudo da sociedade. Pois após a abolição, nenhum tipo de reparação aos negros foi apresentado pelos representantes partidários do período. O país passou séculos exibindo a ideia de abolição, porém os espaços foram de âmbito braçal e doméstico; os demais lhes eram negados na sociedade. São raros os ex-escravizados que tiveram ascensão econômica.

Dona Teodora era considerada pela narradora uma pessoa muito bondosa, ajudava a todos que precisavam dela e, principalmente, os ex-escravizados. Ela ficou com a casa cheia deles, pois não quiseram sair do sítio após a assinatura da Lei. Porém, é evidente que, por mais "generosa" que fosse a avó da narradora, havia uma intenção por trás de tanta bondade: eles eram úteis no trabalho da horta, da casa e em tudo que ela necessitasse. A própria Helena transparece isso em um fragmento:

Quarta-feira, 26 de julho

Hoje fui chegando, jogando os livros na mesa e começando a fazer obrigações da semana: passar a roupa da casa a ferro. Mamãe manda lavar fora e vai guardando para nós passarmos na quinta-feira. Eu tenho obrigação de passar a minha, de mamãe e de meu pai. Luisinha a dela e de meus irmãos. Muitas vezes eu tenho de acabar as minhas e ajudar a Luisinha. Ela é mole em tudo.

Como amanhã é nosso dia bom de passeio ao campo, eu não quero deixar nada por fazer. Já estou escrevendo a carta e se tiver tempo ainda quero copiar o exercício hoje. Passei roupa até agora e não acabei tudo. Amanhã vou me levantar cedinho, arear meu quarto, terminar a roupa e deixar tudo prontinho. Como vamos sempre às oito horas, terei tempo. Levo os livros e estudo as lições no campo. Mamãe não gosta de ter criada porque diz que nós precisamos de trabalhar.

A nossa negrinha Cesarina tem nos feitos muita falta. Ela adoeceu do peito e mamãe não quis tratá-la em casa, coitadinha porque diz que a moléstia pega muito. Ela está na Boa Vista e soubemos que já está melhorando. Fiquei muito contente porque a mãe dela morreu tísica e eu tinha medo que ela morresse também. Ela é tão nossa amiga e tão boazinha para nós. (Morley, 2016, p. 68).

Cesarina era uma negra que vivia com família de Helena e ajudava nos afazeres domésticos. Como a própria narradora expõe, a negra era “boazinha” com todos. A palavra no diminutivo conota a ideia de submissão, pois no contexto, a empregada era boazinha por ajudá-las nas tarefas domésticas. Embora houvesse suspeita de Cesarina estar com a mesma doença da mãe, tísica, a atitude de Dona Carolina revela falta de empatia com uma pessoa que a ajudava em casa. Ainda que a narradora não percebesse, algumas de suas ações e de seus familiares eram pautadas de preconceito racial. A história de seu cotidiano serve para que se compreenda as relações dos negros com a sociedade no final do século XIX. À vista disso:

A história das experiências do cotidiano voltou-se para a crítica das ideologias dominantes de controle social e suas múltiplas representações. Na medida do possível, procurou desconstruir discursos normativos do passado, de modo a abrir caminhos novos no mapa de nossos conhecimentos; ao revisitarmos a historiografia institucionalizada, procurando incorporar nelas os resultados das pesquisas pontuais das relações sociais do cotidiano, estaremos desvendando novos horizontes e pontos de vista globais abertos para novos modos de ver e de apreender experiências vividas no tempo. (Dias, 1996, p. 238).

Entre a história e a ficção, as narrativas de experiências do cotidiano pontuam em suas representações acontecimentos que fazem o leitor conhecer e refletir sobre o passado, principalmente no que tange aos menos favorecidos, os excêntricos. Em *Minha Vida de Menina*,

a narradora apresenta uma sociedade marcada por preconceito em relação aos negros. Ao mesmo tempo, ela demonstra gostar de estar entre eles, de ouvir as histórias orais. Evidencia também não gostar da liberdade dada a eles por sua avó e madrinha. Há, portanto, em Helena uma fusão de sentimentos. Ao mesmo tempo que gosta de estar entre os ex-escravizados, ela os observa e, por vezes, concorda com as ações dos pais, como fica evidente no excerto:

Sábado, 18 de agosto

Meu pai e mamãe conversam em casa sobre a mania de vovó e Dindinha nunca passarem sem um crioulo para criar e gostarem tanto como se fosse branco(...)

Vovó sempre cria negrinhas e Dindinha negrinhos. Quando são pequenos eu não me admiro porque gosto muito de menino pequeno e acho muita graça no Joaquim que Dindinha está criando agora. Ela o manda fazer gracinhas para nós e ele é muito engraçadinho. Mas gostar de negrão é que eu acho uma coisa esquisita.

Nestor é um Negrão muito entonado e faz muita jeriza na gente e liberdade que ele toma na Chácara. Abre os armários de Dindinha e tira o que ele quer. Dindinha já o pôs no ofício de sapateiro, mas ele não para na tenda, está sempre em casa.

Eu aproveitei uma hora que vovó estava sozinha para lhe perguntar se ela também não tinha raiva da liberdade de Nestor. Ela disse: “Eu também não gosto minha filha, mas não posso deixar de dar razão a Chiquinha. Ele nasceu logo depois que a filha de Chiquinha morreu e serviu para distraí-la [...]. Nós gostamos porque Chiquinha, que vivia no quarto chorando, saiu para criar o Nestor e hoje ele está no lugar de filho. Mas de uma hora para outra ele sai de casa e nos deixa em paz. Eu já estou ouvindo falar que ele quer se assentar praça de soldado de polícia e estou aconselhando Chiquinha pra deixar. Deixe as coisas como estão, minha filha. Tudo passa.” (Morley, 2016, p.172-173).

Além do ciúme, o discurso empregado por Helena, neste fragmento, a revela preconceituosa, assim como seus pais. A cor da pele faz com que a narradora e sua família interroguem a liberdade do rapaz na casa da avó, chegando a questionar a vivência dele ali. A observação de Helena é marcada pela forma como seus pais apontavam a relação de Dona Teodora e sua madrinha com os negros, ou seja, era influenciada pelas atitudes deles. Durante a narrativa, ela demonstra gostar dos negros, contudo não aceitava a liberdade deles em relação a ter acesso ao interior da casa e à familiaridade de abrir e fechar os armários com intimidades semelhantes às dos brancos e dos parentes de sangue. Para Helena, conviver com os ex-escravizados e com a liberdade deles na casa da avó era questionável. No fragmento a seguir, ela discorre sobre o quanto gosta de ver a felicidade deles na chácara, e mais uma vez a forma como a avó os tratava.

Domingo, 9 de dezembro

[...] Eu gosto de ver como os negros da Chácara são felizes. Mamãe disse que quando vovó morreu, cada filho (eram doze) ficou com um escravo de sua estimação e vovó trouxe os outros, que eram uns dez ou doze, quando se mudou para Diamantina. Como não havia que fazer para eles, e vovó nunca vendeu nenhum, pôs os negros na horta e as escravas ficaram fazendo renda e trocando pernas pela casa. (Morley, 2016, p. 204).

O escravo que tinha convivência com os considerados donos e gozava de alguns

privilégios continuou com suas atividades normalmente na residência. Alguns, neste caso mulheres, faziam companhia às donas e exerciam atividades domésticas. Percebe-se que a atitude de Dona Teodora ao não mandar nenhum negro embora da fazenda era motivo de orgulho para a menina que enxergava na ação da avó um grande exemplo de bondade.

De fato, mesmo com muitos exemplos de racismo, os negros que permaneceram com a avó de Helena aprenderam alguma atividade que garantisse uma vida melhor: os homens, o ofício de sapateiro; as mulheres, a fazerem renda. A avó os incentivou a adquirirem uma profissão. É importante salientar que mesmo estando com a senzala cheia, Dona Teodora ainda era a maior beneficiada.

Em suas memórias, Helena citou duas ex-escravizadas da chácara, uma negra e a outra branca, Florisbela e Magna, ao fazer referência às duas, é possível observar o tratamento diferenciado entre ambas. Florisbela ou Bela como era chamada era branca e bonita, querida por todos da família por ter a pele clara e os dentes lindos, de beleza comparada a uma rosacamelia, entende-se que para a família ela tinha um aspecto angelical, sensível. Quando Bela se casa com Marciano, a única que apoiou foi Dona Teodora, o pai da narradora chegou a afirmar que “era um brilhante no focinho de um porco”, isso porque a jovem era considerada muito bonita e clara e o noivo negro e feio. Bela morreu de forma misteriosa e todos questionavam o que teria acontecido, porém, a resposta de Marciano, marido de Bela, é que era inveja e feitiço. A morte dessa ex-escravizada sensibilizou a família de Helena, pois todos gostavam dela. Já Magna, negra considerada esperta e malvada, casada com um negro chamado Mainarte, não vivia na chácara como os outros negros e não era submissa ao marido.

Quinta-feira, 27 de abril

Houve na Chácara uma coisa que nunca tinha acontecido. Uma negra chamada Magna casou-se com um negro africano chamado Mainarte. Ela é muito esperta. Não quis que ele ficasse no fundo da horta na preguiça, como vivia, e arranjou um rancho no Arraial dos Forros para os dois. Ela se empregava nas casas passa cozinhar e mandava Mainarte trabalhar para os outros. Ele apanhava estrume para vender para as hortas(...) Na chácara, só se falava na maldade de Magna com o pobre do Mainarte. Era raro o dia em que ela não lhe dava uma surra. Ele foi queixar-se a vovó e pedir para ela aconselhar Magna. Vovó chamou-a e ela respondeu com todo atrevimento: “Foi a senhora mesma, na sua casa, que pôs ele preguiçoso e quer agora que eu vá sustentar vagabundo? Ou ele trabalha ou apanha. Eu não capeio preguiçoso”. (Morley, 2016, 48-49).

Magna e Florisbela diferem não somente na cor, mas também na personalidade: Bela era de aparência frágil e delicada; Magna, uma mulher de gênio forte e decidida, gostava de trabalhar, ganhar dinheiro, e como entendia seu valor, foi considerada atrevida. Por isso, não era tão estimada quanto Florisbela.

As mulheres no tempo da escravidão eram tratadas sem distinção de gênero, pois os homens eram apenas peças de trabalho. Para Davis (2016, p. 17), “O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero.” Uma vez que o seu sexo não era levado em conta, as mulheres negras eram submetidas às mais diversas formas de trabalho, com exceção daquelas que cuidavam da casa e faziam companhia às suas senhoras. Entende-se que após a abolição as mulheres que estavam sujeitas a mão de obra pesada adquiriam características diferentes das demais, eram mais resistentes e capazes de enfrentar as adversidades. A figura da Magna representa essa negra forte que ao descobrir-se livre dispôs-se a trabalhar e ter uma vida diferente da senzala, diferenciando-se do seu esposo que era conformado com a vida de submissão.

Outras figuras importantes são as mulheres da família de Helena, mãe, irmã, avó e tias, e a relação delas com a família e a sociedade em si. Helena Morley possui um núcleo familiar pequeno, com dois irmãos e uma irmã, além da mãe e do pai; contudo, sua parentela era numerosa, pois havia consideração por todos, não importando o grau de parentesco. É possível aferir, a partir de sua família, as relações de inferioridade estabelecidas entre eles; a mulher vivia sob o comando de um homem e havia uma valorização do ser masculino diante da sociedade, em detrimento ao ser feminino. Helena discorre sobre o quanto seu pai era reconhecido, e o mesmo não acontecia com sua mãe.

Quinta-feira, 10 de julho

Meu pai é muito querido na família. Todos gostam dele e dizem que ele é muito bom marido e é um homem muito bom. Eu gosto muito disso, mas fico admirada de todo o mundo só falar que meu pai é bom marido e nunca ninguém dizer que mamãe é boa mulher. No entanto, no fundo do meu coração, eu acho que só Nossa Senhora pode ser melhor que mamãe.

Não admito que ninguém possa ser melhor mulher do que ela é para meu pai e mãe para nós. Meu pai com esta vida de mineração, o dinheiro que arranja é mais para meter na lavra; pouco sobra para a casa. Nós as vezes reclamamos as coisas, mas mamãe nunca piou. Nunca disse uma palavra que pudesse aborrecer meu pai; é só lhe dizer: “A vida é de sofrimento, não se entristeça, Deus nos ajudará. Eu sou menos paciente fico só fazendo castelo, antes de dormir, de ficar invisível, tirar dinheiro dos ricos e trazer para casa. Já descobrir que isto é um bom meio par a gente dormir. (Morley, 2016, p. 258).

Na passagem acima, evidencia-se a rejeição da mãe de Helena por fatores sociais. O pai, provedor do lar, bom marido, é reconhecido e respeitado. Entretanto, a mulher, a esposa e mãe, não era reconhecida. Helena observa esse tratamento diferenciado entre eles e, refletindo em seus manuscritos, não concorda com a falta de reconhecimento da mãe e observa que o apoio dela ao esposo era incondicional.

A desigualdade entre gêneros é algo muito discutido. Ao longo dos tempos, muitas conquistas em relação ao gênero feminino foram alcançadas, porém, esse assunto ainda merece destaque, em razão de haver na sociedade, em pleno século XXI, diferenças de gêneros em diversos setores sociais, políticos, econômicos, entre outros. O protagonismo do sexo masculino é algo comprovável.

O debate sobre a dominação masculina nas sociedades contemporâneas-ou o “patriarcado”, como preferem algumas-abriu portas para tematizar, questionar e complexificar as categorias centrais por meio das quais era pensado o universo da política, tais como as noções de indivíduo, de espaço público, de autonomia, de igualdade, de justiça ou de democracia. (Miguel, 2014, p. 17).

O debate sobre a igualdade de gênero é necessário para que se perceba as transformações que ocorreram ao longo das décadas, entretanto, não foram suficientes. Ainda é preciso mudanças no cenário atual. Observar que espaços tenham sido alcançados e hoje muitas mulheres são protagonistas e donas de suas escolhas não significa que na sociedade a mulher, no âmbito familiar, no trabalho e na política, tenha os mesmos espaços que o homem. A participação delas em alguns setores ainda é inferior se comparada ao homem. É interessante ressaltar que a opção pela maternidade ainda delimita a participação delas no mercado de trabalho. Quando Helena aborda sobre a falta de reconhecimento da mãe, não significa que ela não compreendia a importância do pai na vida delas, mas depreende-se que ela era contra a submissão da mãe e considera que ela deveria ter o mesmo reconhecimento que o pai.

As instituições culturais exerceram durante muito tempo uma influência na trajetória feminina. Estereótipos de fragilidade, dedicação prioritária à casa e à família contribuíram para a submissão ou mesmo opressão de muitas mulheres. No diário *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley, a narradora reflete sobre a condição das mulheres de sua família, a mãe e as tias.

Quinta-feira, 21 de fevereiro  
Ninguém da família se preocupa consigo. Todas as minhas tias só se ocupam do marido e dos filhos. A pessoa delas não vale nada. Nunca vi mamãe ou qualquer de minhas tias comer uma coisa antes dos maridos e dos filhos. Se alguma coisa na mesa é pouca, elas nem sabem o gosto. (Morley, 2016, p. 218).

A posição das mulheres da família de Helena é um retrato da sociedade do final do século XIX. Uma boa esposa era aquela que podia assegurar o bem-estar da família, por isso a dedicação delas ao lar, ao esposo e aos filhos era total. Helena era apenas uma garota que amava os pais, gostava das reuniões familiares. Contudo, achava um exagero o zelo da mãe e das tias para com os esposos e filhos, e escrevia sobre o assunto.



Neste contexto, narrativas memorialísticas como diários, biografias e cartas abrangem fronteiras entre o individual, o histórico e o social. Nesses gêneros narrativos, que normalmente eram escritos por mulheres, encontram-se muito sobre a vida e o papel social delas, alguns chegando a ser referência para pesquisas e entendimento da sociedade. Para Gagnebin (2006, p. 44), “A memória vive a tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente.” O presente e o passado levam o indivíduo a refletir e entender-se enquanto sujeito pertencente a um determinado grupo ou lugar, pois entender o passado é necessário para as transformações do presente.

A história de vida de Helena marca sem dúvida essa relação de presente e passado. Nela, o leitor deleita-se com as aventuras de uma adolescente que também retrata as pessoas de sua família e da comunidade com admiração ou criticando-as. Na reconstituição detalhada do cotidiano, aborda sobre temáticas da vida social, principalmente das mulheres. Tal afirmação encontra força nos fragmentos nos quais a jovem discorre sobre a dedicação extrema das mulheres de sua família aos maridos. A questão abordada pela garota é contemporânea. Na atualidade, a igualdade de direitos entre gêneros ainda é debatida, os espaços alcançados por mulheres, seja na política, na literatura, no esporte ou qualquer setor profissional, ainda são tímidos.

Outra figura marcante é Siá Ritinha, típica vizinha do interior, amiga de Dona Carolina. Na primeira parte da narrativa é apontada como ladrona de galinha. Depois, é descrita de forma caricaturada como uma mexeriqueira e amiga próxima de Dona Carolina, contava a ela tudo o que as crianças aprontavam.

Quinta-feira, 2 de novembro

Siá Ritinha veio cedo saber se Luisinha não tinha tido mais nada de noite. Ela está sempre pronta para dar à gente remédio, principalmente se é ruim de tomar.

Esta Siá Ritinha é uma velha corcunda que cheira a azedo, não tem um dente na boca e a cara dela parece maracujá esquecido na gaveta. Fala com a gente com um modo que nós, quando éramos menores, tremíamos de medo dela. Agora eu estou mais esperta e não lhe obedeco como antigamente. Mas quando eu era pequena e até entrar para a Escola Normal, ela foi o meu algoz. Não me deixava brincar com as meninas da vizinhança. Se eu passava pela porta de vestido curto, como as outras meninas, ela me fazia voltar e vestir outro comprido. Eu me lembro que minhas primas perguntavam por que eu lhe obedecia assim e uma vez eu respondi: "Obedeco porque eu tenho medo que ela furte nossas galinhas".

Lembro-me de um dia ter entrado em casa furiosa, porque Siá Ritinha me mandou trocar de vestido e mamãe trocou e disse: "Para que contrariá-la, minha filha? É porque ela gosta de vocês".

Eu resolvi esse negócio de vestido curto dando uma volta para não passar na porta dela. Mas brincar de correr no Largo da Cavallhada com minhas colegas escuras, eu não conseguia. Ela logo gritava e me dava uns ovos ou chuchus para mamãe e dizia: "Isto é para te tirar da charola das negrinhas. Já te disse que você não é menina para brincar com elas! E sua mãe não se importa, mas eu não consinto".

Eu ficava com raiva do governo de Siá Ritinha, mas mamãe dizia: "Eu gosto muito dela olhar vocês para mim, porque eu não posso ficar na janela tomando conta. Além disso ela é enérgica e eu não sou". Morley, 2016, p. 98).

Por observar e opinar sobre a vida de Helena e os irmãos, Siá Ritinha ganhou a raiva deles, o que é perceptível no modo como foi descrita. Porém, há um momento em que a narradora reconsidera o valor da Siá Ritinha: "Eu e Luisinha estivemos conversando que foi preciso mamãe adoecer para reconhecermos a maldade nossa com Siá Ritinha." (Morley, 2016, p. 238). A amizade e o cuidado de Siá Ritinha com Dona Carolina fizeram Helena rever suas atitudes com relação à amiga da mãe.

O diário de Helena compartilha hábitos cotidianos, por vezes intimistas, da vida dela e da família, permitindo ao leitor conhecer a organização da sociedade, a visão romântica da narradora, mas também crítica diante das temáticas abordadas. Quando se trata da avó, é imprescindível discorrer sobre o afeto que Helena sente por ela. São muitas as páginas nas quais a narradora escreve sobre a matriarca, o carinho e preocupação dela com sua família, as broncas e a chácara em que vivia. Considerava a avó uma pessoa aberta ao diálogo.

Domingo, 14 de janeiro  
 Vovó é muito inteligente. Ela nunca estudou e nunca a vi abrir um livro; só de orações. Depois de velha é que ela veio para a cidade e como ela compreende tudo muito bem! Interessa-se por tudo que lhe conto; olha minhas notas, coisas que mamãe nunca fez. Ela conta a vida de moça e eu gosto muito de ouvi-la. (Morley, 2016, p. 118).

As memórias da narradora voltadas para a avó são sempre saudosistas. A relação delas era baseada no afeto. Helena a considerava inteligente, pois mesmo sem estudo, podia dialogar sobre diversos assuntos. A cumplicidade entre elas não comprometia a relação entre avó e neta.

Outra pessoa muito respeitada é Madge, moça solteira, tia de Helena e madrinha de crisma. Ela era responsável por ensinar a garota os modos de educação inglesa e se preocupava com sua educação. Fazia seus vestidos e interessava-se pela sua aparência. "Tudo o que uma pessoa possa fazer por outra, tia Madge faz por mim. E eu posso dizer que quase todos os aborrecimentos que tenho tido na vida são causados por ela com essa mania de se interessar tanto por mim." (Morley, 2016, p. 187). A mãe da narradora deixava a desejar quando o assunto era a educação das filhas e a tia paterna assumia essa responsabilidade, o que incomodava a garota.

Luisinha, irmã da narradora, tímida, educada e incapaz de desobedecer a seus pais, é citada por Helena em algumas páginas. A amizade entre as irmãs não as torna confidentes, mas evidencia o quanto tinham personalidades diferentes. Entretanto, mesmo sendo considerada por Helena uma irmã incapaz de cometer algum erro, Luisinha a surpreende.

Sábado, 4 de maio

Meu pai diz sempre que gosta mais do meu gênio que do de Luisinha; que eu sou o que penso e o que faço e Luisinha é das caladinhas que são mais perigosas.

Luisinha é tão quieta que eu nunca dou razão a meu pai de achar meu gênio melhor; mas hoje ela fez uma coisa tão malfeita, que eu não posso deixar de dar razão a meu pai. O que ela fez eu não fazia.

Anita levou à Escola uns cravos vermelhos e pôs em cima da mesa. Correu logo pela Escola que Anita tinha dado falta de um cravo e estava com uma navalha, dizendo que ia cortar a mão da ladrona que o tinha roubado. Todas corremos e fomos ver Anita com a navalha na mão. Ela, na maior fúria, dizia que já havia descoberto quem era, e que lhe daria um talho no braço ou na mão, se não entregasse o cravo. Eu, sem imaginar quem fosse, lhe disse: "Duvido da sua coragem de cortar alguém de navalha por causa de uma porcaria de cravo". Ela perguntou: "Se é porcaria, por que a sua irmã o roubou?"

Eu tomei um grande susto e nem lhe pude responder. Fui correndo ao primeiro ano saber se era verdade que a boba de minha irmã tinha tirado mesmo o cravo. Encontrei-a no meio das outras na maior calma, com o cravo no peito bem à mostra. Arranquei-lhe do peito e lhe perguntei por que tinha feito aquilo. Ela respondeu com toda simplicidade: "Encontrei uns cravos na mesa, achei bonitos e tirei este. Que mal há nisso?". Entreguei o cravo a Anita, dei uma corrida à Secretaria e contei a história da navalha. O diretor subiu e tomou a navalha da idiota. Mas ficou por isso mesmo porque ela é filha de um professor.

Anita só faltou me bater, de ódio. (Morley, 2016, p. 241).

Sempre discreta e meiga, Luisinha comete um ato errado e deixa a narradora surpresa. Ela não imaginava a confusão que causaria ao pegar o cravo de outra pessoa, por isso, Helena agiu em defesa da irmã por entender que ela não tinha noção da gravidade do seu ato.

No diário, encontram-se muitas narrativas sobre a organização familiar, pessoas que a autora gostava, pessoas também que ela não tinha tanto carinho e a vizinhança. As mulheres da família de Helena, avó, mãe, tias, irmã, eram conservadoras e educadas para serem esposas e mãe, o que era comum no período. Na organização familiar no final do século XIX, o papel da mulher voltava-se para o âmbito doméstico e familiar, enquanto a manutenção da família era obrigação do homem.

Entretanto, é importante salientar que esse tipo de organização ocorria apenas nas famílias ditas como brancas. Magna, por exemplo, negra e pobre, ao contrário da mãe de Helena e da avó, precisa trabalhar e contribuir com as despesas de casa. Se era difícil para a mulher branca sair da esfera privada, o mesmo não acontecia com a mulher negra, que embora tivesse que lidar com mais situações de vulnerabilidade do racismo, precisava trabalhar.

Dona Teodora e Dona Carolina eram mulheres e seguiam os padrões sociais voltadas para as atividades do lar; Magna também dona de casa, porém por questões biológica e sociais exercia outras funções além do âmbito familiar. Helena faz referência a Magna apenas uma vez no diário, mas o suficiente para que o leitor possa entender e comparar a distinção dos papéis exercidos por ela e as mulheres brancas, a liberdade para o mercado de trabalho. Magna

desempenhava jornadas diferentes: trabalhava em casa e fora de casa, havia necessidade, era uma questão de sobrevivência. Na atualidade, Magna representa muitas mulheres negras e periféricas que saem de casa todos os dias para exercer o trabalho doméstico, buscando o sustento familiar.

O movimento feminista trouxe mudanças significativas nos direitos femininos, mas é importante salientar que esses movimentos no Brasil seguiam modelos de países europeus, o que, na prática, para a mulher negra pouco mudou.

[...] em conformidade com outros movimentos sociais progressistas da sociedade brasileira, o feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade. (Carneiro, 2003, p. 118).

Depreende-se, portanto, que as mulheres negras durante muito tempo foram marcadas por opressão e, mesmo após a liberdade, eram exploradas e pontuadas de silenciamento, o que aumentava as diferenças e desigualdades não somente com relação ao gênero, mas também no universo feminino. Para Magna, a liberdade não significou somente sair da senzala, mas foi marcada pela necessidade de trabalho para o sustento, não havendo para ela a questão do público ou privado. Ela é um exemplo de muitas mulheres negras provedoras do lar. Essas mulheres durante muito tempo não tiveram reconhecimento em seu protagonismo e tão pouco representatividade.

O modo como Helena aborda a relação das mulheres de sua família, bem como algumas mulheres negras que moraram com sua avó, as percepções delas e a consciência social evidenciam o padrão comportamental no final do século XIX. Quando ela escreve sobre a família no diário e traz condições específicas de cada membro de forma natural, percebe-se ser uma interpretação dela diante das situações sendo elas corriqueiras ou não.

O diário é um lugar de fala de um determinado sujeito, nele se produz o que se viveu, o que se pensa, se observa ou que compreende ser verdade. Sarlo (2007 p. 47) considera que “A memória é um bem comum, um dever, é uma necessidade jurídica, moral e política.” Assim, Helena, conforme se observa, em assuntos diversos, procurou fazer apreensões sobre a vida cotidiana e intimista e também sobre o social, o que torna seu texto uma referência histórica, pois traz traços de uma época.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Minha vida de menina*, de Helena Morley, é uma obra que nos possibilita revisitar um mundo que não existe mais e mostra como a passagem do tempo favoreceu mudanças significativas na sociedade. Alguns aspectos culturais ainda são possíveis de observar presentes na contemporaneidade, mas com outro formato, como, por exemplo, o racismo, as questões religiosas, as festividades e as superstições. Outras temáticas também podem ser discutidas apontando alterações, mas ainda estão presentes na sociedade que conserva preceitos patriarcais.

Algo que chama atenção em relação à obra é como Helena Morley nos mostra o cotidiano familiar e os diversos perfis femininos representados pela avó, mãe, tias, irmã, primas, ex-escravizadas e como ela, a narradora, ainda adolescente, procura se distanciar deles. Percebe-se que Helena Morley, pela própria idade, busca sua autoafirmação. Ao valorizar os estudos como uma forma de auxiliar sua família em relação à situação financeira, ela compreende que também era uma forma de ter autonomia e ser diferente de sua mãe e de suas tias, devido à submissão aos seus maridos e de se libertar dos afazeres domésticos. Em um de seus comentários no diário, ela aponta a diferença entre ser homem e mulher e entre mulheres. “Renato, assim que tirasse o título, podia ir para longe da escola, porque é homem; mamãe e Luisinha ficavam com o serviço da casa, e eu na escola” (Morley, 2016, p. 121).

Mostra-se diferente e nem um pouco modesta, ao contrário, pretensiosa e narcisista. Em muitas passagens do diário, apresenta um comportamento prenhe de preconceitos da época; gostava de passear pela cidade, ir às comemorações, dançar. Sua mãe a repreendia, citando o seu comportamento e de suas irmãs como referência. No entanto, Helena sempre tinha um argumento crítico, apontando as diferenças temporais e que os casamentos na época do seu avô eram regidos por interesses econômicos e contratos nupciais.

Ainda em relação ao comportamento, ela não era criticada apenas pela mãe, mas também por suas colegas. Ao escrever no diário, em 12 de setembro de 1894, comenta que não sabe por que suas colegas se importam tanto com sua vida, pois elas trazem recados de irmãos e de primos para ela e isso não a agrada. Em contrapartida, é criticada: “Você já tem quatorze anos. Se não for ajeitando o seu desde já, de mais velha ninguém quererá. E você ficará para tia. Você assim, vai virar facão” (Morley, 2016, p. 186). Ela retruca, mostrando que pensa diferente e o casamento naquele momento não é prioridade. No entanto, em outro momento constante no diário, mostra-se contraditória; ela reflete sobre casar-se e não precisar mais de

dar aulas, portanto se mostrando influenciada pela trajetória feminina da família e da mulher oitocentista.

Em seu diário, ela discute também sobre os perfis femininos de mulheres negras. Considerando que Helena Morley é branca e pertencente a uma classe privilegiada do período, as condições das mulheres negras e ex-escravizadas descritas por ela são diferentes: são cozinheiras, exercem trabalhos domésticos como forma de trabalho alugado, bordam e, diferente das mulheres brancas, sustentam a casa e, ainda, há o caso da negra Magna que açoita o marido preguiçoso, conforme comentado anteriormente.

Assim, *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley, contribui para entender a organização familiar do final do século XIX, o comportamento feminino, a realidade das mulheres negras após a escravidão e a existência do preconceito racial. Nesse sentido, suas memórias centram-se nos hábitos cotidianos e retratam o sujeito segundo as características sócio-históricas do período. É importante ressaltar que, apesar da obra ter sido escrita por uma adolescente, suas reflexões críticas ultrapassam as trivialidades cotidianas; ela discute questões importantes que envolvem a condição feminina ainda muito presa aos preconceitos de uma sociedade cerceadora e limitadora, dentre outras temáticas, faz críticas sobre a cidade, sobre política e gastos públicos. É uma escrita cotidiana, datada, no gênero diário, que ultrapassa as demandas particulares do eu e se estende ao outro, ao coletivo.

É claro, o sujeito não vive em uma redoma; ele está inserido em um coletivo, mas nem sempre ele tem a perspicácia de olhar a sua volta e conseguir articular no ato discursivo, com tanta simplicidade, reflexões que implicam em urgências administrativas para a cidade em detrimento de outras, como é o caso da inauguração dos correios e a necessidade de a cidade ter água encanada. Há várias passagens na narrativa que o leitor se surpreende com a agudeza crítica da narradora.

Depreende-se, portanto, que a escrita de Helena Morley se faz importante para promover transformações; ela evoca um passado, um acontecimento recente para convencer o leitor de que é necessário promover mudanças, embora, no diário em questão, algumas atitudes da narradora pareçam fazer parte da elite privilegiada e, muitas vezes, a presença do racismo pode ser observada em suas reflexões e de sua família. Gagnebin (2009, p. 57) pondera que “[...] a retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não o repetir infinitamente, mas a ousar a esboçar uma outra história, a inventar o presente.” Isso significa que a obra *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley, apresenta com firmeza o poder de observação do passado e as provocações apontadas pela narradora instigam o leitor a estar atento aos acontecimentos de seu tempo.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joaquim Alves de. **Espaços da Memória**: um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo: Universidade de São Paulo/Edusp/Fapesp, 1998.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Gênero, Identidade, Diferença. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura, [S.L.], v. 9, p. 90, 31 dez. 2002. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/287730995\\_Genero\\_Identidade\\_Diferenca](https://www.researchgate.net/publication/287730995_Genero_Identidade_Diferenca). Acesso em: 08 abr. 2021.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94–109, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658>. Acesso em: 12 jul. 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória dos Velhos**. São Paulo, São Paulo: T.A. Editor, 1979.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, SP, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 12 jul. 2021.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 17, n. 49, p. 117-133, dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/>. Acesso em: 02 abr. 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 02 abr. 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (orgs.). **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015. (Coleção Estudos de Literaturas Contemporâneas).

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea**. Projeto História, v. no 1998, n. 17, p. 223-258, 1998 Tradução . . Acesso em: 15 maio 2022.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia floresta**: vida e obra. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN-Editora FRN, 2008.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Saraiva. 2001.

FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. A Religião como Necessidade Social. **Revista Cogitationes**, Juiz de Fora, v. 3, n. 7, abr-jul/2012. Disponível: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/abril2013/ensreligioso\\_artigos/religiao](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/abril2013/ensreligioso_artigos/religiao)

\_necessidade\_ferreira.pdf. Acesso em: 02 abr. 2021.

FISHER, Steven R. **História da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, esquecer, escrever**. São Paulo: Editora 34, 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande sertão: veredas**. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**: Tradução Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KUPSSINSKÛ, Cátia Silene; SARAIVA, Juracy Assmann. Literatura, memória e identidade em 'Infância', de Graciliano Ramos. **Acta Scientiarum. Language And Culture**, [S.L.], v. 40, n. 2, p. 41030, 1 out. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/41030>. Acesso em: 25 maio 2021.

LAZAR, David. Desejo e motivação, obre o ensaio e a memórias. **Revera**, São Paulo, v. 3, 2018. Disponível em: <http://site.veracruz.edu.br:8087/instituto/revera/index.php/revera/article/view/75>. Acesso em: 27 set. 2021.

LAZO, Cristal Recchia Jatkoske; Leonel, Maria Celia de Moraes. Diamantina: cenário do primeiro diário escrito por uma mulher no Brasil - minha vida de menina de Helena Morley. **Recorte**, v. 8, n. 2, p. 1-16, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/124925>>. Acesso em: 27 set. 2021.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: UNICAMP, 1990.

LEJEUNE, Philippe. Diários de garotas francesas no século XIX: constituição e transgressão de um gênero literário. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 8/9, p. 99-114, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1879>. Acesso em: 13 maio. 2022.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto Autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LOURO, Guaciara Lopes: Mulheres na sala de aula. *In*: PRIORE, Mary Del (Org). **História**



**das mulheres no Brasil.** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LOWENTHAL, David.. Como conhecemos o passado. **Projeto História:** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 17, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110>. Acesso em: 13 maio. 2022.

LUCENA, Célia Toledo. Memórias de famílias migrantes: imagens do lugar de origem. **Projeto História:** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 17, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11136>. Acesso em: 13 maio. 2021.

MACEDO, Ana Maria da Costa. Dos diários privados aos blogs: uma expressão temporalmente continuada de intimidade reflexa. In: ARAÚJO, Emília; Duque, Eduardo; Franch, Monica; Durán, José (eds.). **Tempos Sociais e o Mundo Contemporâneo:** as crises, as fases e as ruturas. Braga: Universidade do Minho, 2014. p. 44-54. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Disponível em: [http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/article/view/2050/1972](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2050/1972). Acesso em: 10 jun. 2021.

MATHIAS, Marcello Duarte, **Autobiografias e diários.** In: Revista Colóquio/Letras. Ensaio, n.º 143/144, Jan. 1997, p. 41-62. Disponível em: <https://coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/issueContentDisplay?n=143&p=41&o=p>. Acesso em: 13 maio. 2021.

MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política.** São Paulo: Boitempo, 2014.

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos Oliveira do. As Mascaras do Feminino. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 9., 2010, Florianópolis “Eu” Fragmentado no Diário e na Epistolografia do Último Ano de Florbela Espanca. **Anais [...].** Florianópolis: Ufsc, 2010. p. 1-9. Disponível em: [https://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278301585\\_ARQUIVO\\_Asmascaras dofeminino.pdf](https://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278301585_ARQUIVO_Asmascaras dofeminino.pdf). Acesso em: 13 maio. 2021.

NEVES, Orlando. **Dicionário de Superstições.** [S.L.]: Leya, 2004.

REIS, Andressa Curti dos. **O perfil de Helena Morley em Minha Vida de Menina e a Condição das Mulheres Oitocentistas no final do século XIX.** 2019. 39 p. TCC (Graduação em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/199769/TCC%20final%20em%20pdf.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 maio. 2021.

REMÉDIOS, Maria Luiza. **Literatura Confessional:** autobiografia e ficcionalidade. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo Companhia das Letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007.

SIBILIA, Paula. A INTIMIDADE ESCANCARADA NA REDE: blogs e webcams subvertem a oposição público/privado. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]** . Belo Horizonte, 2003. p. 1-12.

Disponível em:

[https://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP08\\_sibilia.pdf](https://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP08_sibilia.pdf). Acesso em: 16 jul. 2021.

TAYASSU, Caititu. Escrita feminina. In: COLLING, Ana Maria; TERDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: UFGD, 2015.

TELLES, Norma. **Escritoras, escritas, escrituras**. In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

VIANA, Maria José Motta. **Do sótão à vitrine**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

WISNIK, José Miguel. **Ficção ou não**. Revera, São Paulo, v. 3, 2018. Disponível em:

<http://site.veracruz.edu.br:8087/instituto/revera/index.php/revera/article/view/79>. Acesso em: 29 set. 2021.